

Casa da Baldrufa

Transformação num turismo rural

Dissertação Mestrado Integrado em Arquitetura

FAUP, 2015/2016

Agradecimentos

Ao professor Adalberto Dias pela disponibilidade e acompanhamento.

À minha família e amigos pelo apoio.

À Paula por tudo.

Obrigado.

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura
José Davide Lopes Coelho
Orientação pelo Professor Doutor Adalberto Dias
Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 2015/2016

RESUMO

A presente Dissertação de Mestrado consiste na elaboração de um projeto de intervenção num edifício existente, situado na periferia da vila de Ponte de Lima. Partindo da análise e interpretação do lugar e das construções preexistentes, desenvolve-se um estudo de suporte para a conceção de um projeto viável para o edifício. Este visa valorizar e recuperar os elementos construídos que integram o conjunto designado por *Casa da Baldrufa* e pretende devolver a dignidade ao edifício e zona envolvente, garantindo a sua continuidade.

Uma vez que o caso de estudo motiva a análise sobre as problemáticas inerentes à intervenção em edifícios antigos, o exercício de projeto surge acompanhado de uma pequena reflexão, no sentido de compreender os diferentes processos projetuais e modos de operar. Deste modo, a ideia de intervenção no objeto de estudo desencadeou a análise de metodologias projetuais, que acabam por indicar o caminho para as soluções adotadas.

ABSTRACT

The present Master's Dissertation consists on the creation of a project of intervention in an existing building, situated on the outskirts of the town Ponte de Lima. Beginning from the analysis and interpretation of the place and the existing buildings, a study is developed to create a viable project. This aims to valorize and recover preexisting elements that takes part of the property called *Casa da Baldrufa*. Besides that, the project intend to return the dignity to the building and to the surrounding places.

Once this case stimulates the study of problems related to the intervention in old buildings, the practical exercise is presented accompanied with a little reflection. Therefore, it is possible to understand different projective processes and different ways to intervent. This way, the idea of intervention in the object of study unleashed the analysis of methods, wich ended up showing the way to find the adopted solutions.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
I. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DA CASA DA BALDRUFA	15
O Lugar	17
Descrição e História do Conjunto	23
Levantamento	31
II. INTERVIR NO PATRIMÓNIO ARQUITETÓNICO	45
Identidade, Tempo, Memória	49
Conservar ou Restaurar?	
Como atuar	
Projetar a Transformação	59
Fernando Távora	
Casa de Férias, Briteiros	
Álvaro Siza Vieira	
Casa Alcino Cardoso, Moledo do Minho	
Nuno Brandão Costa	
Reconstrução de Casa Unifamiliar, Arga de Cima	
III. INTERVENÇÃO	79
Programa	81
Princípios de Intervenção	83
Metodologia	85
Soluções Construtivas	135
BIBLIOGRAFIA	149
ÍNDICE BIBLIOGRÁFICO DE IMAGENS	152

INTRODUÇÃO

Objeto / Objetivo

O abandono de edifícios de valor patrimonial é uma constante nos dias de hoje. A principal questão que se levanta é onde está a solução? Demolir ou Preservar? Restaurar ou Substituir?

Para a elaboração do trabalho de final de curso, pretende-se questionar e abordar o tema da Reabilitação, uma vez que não foi anteriormente trabalhado na unidade curricular de Projeto. Desta forma, considerou-se uma oportunidade enriquecedora a realização de um projeto de arquitetura, partindo de uma situação em contexto real.

O objeto de estudo situa-se em Ponde de Lima, próximo da margem esquerda do Rio Lima, trata-se de um edifício nobre construído no século XVIII, designado por Casa da Baldrufa. A casa, que foi habitada até ao ano 2000 e abandonada desde então, está implantada num terreno com aproximadamente 12000m² onde existe um portal brasonado, um pelourinho e um fontanário. A casa está dividida em dois pisos sem ligação entre si, sendo o piso superior a parte nobre e o inferior destinado a funções agrícolas - à adega e à produção de vinho. O edifício é portador de uma identidade, de uma memória e do fator tempo que importa conhecer e considerar.

Perante este lugar real num contexto urbano, os problemas que se colocam à partida são como garantir a consolidação física da construção preexistente devolvendo a dignidade ao edifício e de que forma é possível adaptá-lo para receber novos usos e funções, assim como responder às exigências atuais de conforto.

Método

A elaboração da dissertação é pensada com base numa estrutura que concilia uma componente prática e uma componente teórica. No entanto, não se pretende que a teoria sustente as opções tomadas no projeto, mas sim que indique caminhos para as soluções adotadas. Desta forma, divide-se a dissertação em três capítulos.

Para fazer uma intervenção em Ponte de Lima, uma das vilas mais antiga de Portugal, é imprescindível um vasto conhecimento da sua história, identidade, cultura e memória. Deste modo, no primeiro

capítulo, Análise e Interpretação da Casa da Baldrufa, faz-se um enquadramento territorial do local, fazendo uma análise da sua evolução histórica. Depois de abordado este estudo mais geral, faz-se uma aproximação ao objeto de estudo - Casa da Baldrufa. Embora seja uma casa brasonada, não existem registos, apenas se sabe que foi construída no século XVIII e que o doutor Porto Além, foi o seu último morador. Assim, para ficar familiarizado com o edifício e o respetivo terreno faz-se um intensivo trabalho de campo para recolha de dados, tendo como objetivo a sua caracterização completa. Só através de um conhecimento aprofundado do objeto de estudo é que se pode reunir uma base forte para o desenvolvimento do trabalho e para a toma de decisões durante o projeto. Portanto, é imprescindível um levantamento rigoroso das várias plantas e perfis, a recolha de fotografias e a caracterização do sistema construtivo.

O segundo capítulo, Intervir no Património Arquitetónico, trata-se de um capítulo de análise onde inicialmente desenvolve-se um pequeno estudo de como os fatores identidade, tempo e memória influenciam as intervenções nos edifícios históricos. Tentando perceber também o que é mais correto fazer perante um edifício de valor patrimonial, Preservar o que é, ou tentar Refazer o que foi? Tenciona-se também no mesmo capítulo analisar como Fernando Távora, Álvaro Siza e Nuno Brandão Costa intervêm em edifícios preexistentes, particularmente na Casa de Férias em Briteiros, na Casa Alcino Cardoso e na Casa Unifamiliar em Arga, o modo como transformam o antigo, através de uma nova arquitetura e como se constroem as soluções adotadas.

Por fim, no último capítulo, Intervenção, desenvolve-se um projeto arquitetónico como fruto de reflexão dos capítulos anteriores, propõe-se um programa adequado à casa e os princípios da intervenção. Ao longo do capítulo são apresentados e justificados os vários gestos e decisões tomadas ao longo do processo do projeto, culminado com a descrição da proposta final e dotados dos respetivos desenhos. Com a introdução de um novo programa na casa, turismo rural, a intervenção passa por manter elementos preexistentes que se consideram imprescindíveis e desmontar elementos acrescentados posteriormente à sua construção, que trazem ruído à casa e afetam o comportamento construtivo do edifício. Pretende-se também adicionar novos elementos que melhorem as condições existentes e inevitavelmente aumentar o edifício existente, por falta de área, através de um ou vários volumes com linguagem contemporânea. O objetivo da intervenção é cruzar na mesma proposta, a adição e a subtração de elementos arquitetónicos, sempre com a intenção de valorizar o que existe e de ligar as várias partes.

I

ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DA CASA DA BALDRUFA

O Lugar
Descrição e História do Conjunto
Levantamento



001



002

001. Imagem geral da Vila de Ponte de Lima e seus arredores em 1780, desenho de Justininho; **002.** Fotografia mais antiga que se conhece de Ponte de Lima -1858, documenta a demolição da Torre dos Grilos, à entrada da Vila.

O Lugar

(...)Ponte de Lima, com a sua admirável paisagem muito alegre, as suas claras montanhas, as suas terras salpicadas de casitas brancas, suas vinhas de cachos de oiro e aquela ponte majestosa atravessando o rio sereno, mostra bem como há pérolas da Natureza espalhadas por aí além amontoadas, esplêndidas. Ponte de Lima é um encanto.¹

Implantada em pleno coração do vale do Lima, Ponte de Lima possui uma importante história e um conjunto de características paisagísticas únicas, fruto do cruzamento entre as suas condições naturais singulares e da ocupação humana ao longo dos séculos. “Ponte de Lima tem um passado milenar. Com toda a justiça pode chamar avô ao primeiro imperador dos romanos, aquele que um dia ali mandou construir uma ponte e mãe à Rainha D.Teresa, que a emancipou, quando lhe deu uma Carta de Foral.”²

Quando a Dona Teresa dá o foral à Vila da Ponte, no documento de 4 de Março de 1125, para criar uma forte centralidade de povoamento, fá-lo num ponto vitalmente estratégico, a passagem do Lima, que desde o mundo romano possuía ali uma ponte de que hoje ainda resta um notável troço na margem direita. Este documento ajudou a transformar um aglomerado de base rural numa comunidade de características urbanas, mas sobretudo, veio permitir que Ponte de Lima deixasse de ser apenas um local onde se passava para ser também onde se ia.³

Com o século XIX e a chegada das ideias de modernidade e eficiência, um pouco por todo o Portugal deitaram-se abaixo muralhas e antigos monumentos, e Ponte de Lima não foi excepção. Das muralhas praticamente ficaram as duas torres viradas ao rio e as que protegiam a ponte desapareceram. Com tais medidas a vila estendeu-se para várias direcções, tendo sido construída uma larga avenida bem típica dos finais do século XIX. (...) Mas permanece o encanto da sua paisagem marcada pela generosa largura do rio, o vasto areal em frente à vila que acolhe as célebres Feiras Novas, e a frente histórica da vila com a ponte romano-medieval no contexto do verdejante vale enquadrado por vários montes.⁴

1. VIEIRA, Amândio de Sousa; *Ponte de Lima : outros tempos, 1858-1949*. 1ª ed. Ponte de Lima; Foto Lethes. 1994. Página 22

2. ALMEIDA, Carlos A. Brochado de – *Introdução*. In AA.VV.; *Ponte de Lima, uma Vila Histórica do Minho*. Município de Ponte de Lima, Dezembro 2007. Página 11

3. AA.VV.; Idem. Página 351

4. TOUSSAINT, Michel - *Um Arquitecto em Ponte de Lima*; In NEVES, José Manuel das; *Cidades Contemporâneas - Ponte de Lima - José Guedes Cruz*. Caleidoscópio, Fevereiro 2004. Página 7



003



004

003 e 004. Zona antiga da vila de Ponte de Lima e do Vale do Lima.

A ponte que deu nome a esta nobre terra adquiriu sempre uma importância de grande significado em todo o Alto Minho - era a única passagem segura do Rio Lima, em toda a sua extensão, até aos finais da Idade Média. Esta permitia a passagem da Via XIX do Itinerário de Antonio, a qual saía de Braga pela porta de Maximios e possibilitava o acesso a Tuy.⁵

Hoje, a ponte sobre o Rio Lima⁶, um rio envolto em mistérios e lendas, é o símbolo da Vila. Pela ponte passaram milhares de peregrinos em devoção a Santiago de Compostela e que ainda nos dias de hoje a transpõem com a mesma finalidade. Os limianos fizeram da ponte uma via de passagem pedonal, uma sala de visitas para os milhares de visitantes que todos os fins de semana por ali passeiam.

De elevado potencial turístico e cultural, a região da Ribeira Lima é capaz de provocar sensações únicas pelo vivenciar da sua magnífica paisagem de carácter rural, pela existência de muitos e interessantíssimos solares e construções religiosas e sobretudo, pela sua extensa e diversa manifestação de cultura local - tradições, folclore, gastronomia, vinho verde, romarias e festas religiosas.

O concelho de Ponte de Lima é uma das regiões de Portugal com um maior número de casas Nobres, sendo a sua maioria classificadas como Imóveis de Interesse Público e Monumentos Nacionais. “De casas solarengas, toda a verdura que rodeia Ponte de Lima, está salpicada. Por todos os caminhos velhos – que a estrada de macadame é de ontem! – portões brasonados, capelas, torres, cunhais, granitos falantes, pedaços de história, relíquias de Portugal.”⁷

Muita da arquitetura solarenga, na Ribeira Lima, desenvolve-se sobretudo, “(...) porque o fidalgo desta época, à falta das ocupações tradicionais de guerra e da comissão no Oriente, terá de voltar-se para as suas propriedades, ou porque os dinheiros, arrecadados nalguma empresa no Brasil, lhe permitem abalançar-se ao empreendimento de melhorar, acrescentar ou soerguer a sua casa.”⁸

É possível verificar que os donos das casas limianas tinham condições sociais e económicas diversas, o que levava forçosamente a optarem por diferentes tipos de casas e também, muitas

5. AA.VV.; *Ponte de Lima, uma Vila Histórica do Minho*. Município de Ponte de Lima, Dezembro 2007. Página 351

6. O Rio Lima constitui a espinha dorsal deste território e o elemento central que lhe ditou o destino, desde a montanha até ao mar, atravessou séculos de tradições e de contactos sócio-económicos entre variadíssimas civilizações que por lá deixaram as suas marcas, fatores que lhe imprimiram a sua atual beleza pitoresca e paisagem cultural única e distintiva.

7. AURORA, Conde D'; *Roteiro da Ribeira, Lima*. 4ª ed. Ponte de Lima. LIMICI, 1996. Página 115 e 116

8. AA.VV.; *Arquitectura Popular em Portugal*. 3ª ed. Lisboa, Associação do Arquitectos Portugueses, 1988. Página 27



005



006



007



008



009



010

005 e 006. Paços de Calheiros; **007 e 008.** Casa de Pormachão; **009.** Solar de Bertandos.

vezes diferentes materiais de construção. A casa nobre, quer se trate de solar ou só de casa fidalga, impõe-se pela grandiosidade da sua traça e da decoração, principalmente as construídas ao longo do século XVIII.⁹

No século XIX, a extinção dos morgadios, as várias crises políticas e sociais e principalmente o fascínio pela cidade - causando o abandono gradual dos campos - conduzem muitas das casas nobres no Minho à ruína. Atualmente, no concelho de Ponte de Lima, ainda vemos a casa nobre como testemunho desses períodos de crise e abandono. Segundo o Conde d' Aurora, "Ponte de Lima oferece-te, leitor, a mais bela coleção de casas fidalgas de Portugal. Ainda nas mãos dos seus morgados, algumas, deterioradas, tantas destas; nas mãos de caseiros, as ruínas de outras; reduzidas a um portal brasonado, a maioria."¹⁰

A ruína, ao longo do século XIX, apoderou-se da casa nobre por vários motivos. Estas, ainda na posse das respetivas famílias há numerosas gerações, que só não se desfazem delas por questões de memória, são hoje um pesadíssimo encargo para as famílias que as tentam manter. A falta de meios económicos para uma manutenção cuidada da casa permitiu que a ruína a deteriorasse. Também as questões de heranças muito divididas e partilhas pouco amigáveis são um grande problema para o destino da casa.

Depois de um longo período de crise, em que sofreu os efeitos da incúria, da falta de meios económicos, do abandono e até da falta de gosto dos seus proprietários, a casa nobre na Ribeira Lima conheceu um novo período. Assim, nas últimas décadas, a muitas foi proporcionada a salvação da ruína e a várias acabaria por ser restituído o antigo esplendor. Com a introdução de um novo conceito de turismo – o turismo de habitação e turismo rural – muitas destas casas sofreram intervenções. Como consequência, atualmente, o número de casas nobres ligadas ao turismo excede o número das que servem somente como habitação privada.

9. PAIVA, M^a Amélia da Silva; *As Portadas na Arquitectura Civil do Concelho de Ponte de Lima: Estruturas, Funções e Significados*. Porto, FLUP, Dep. de Ciências e Técnicas do Património, Dissertação de Mestrado em História da Arte em Portugal, 2004. Página 31

10. AURORA, Conde D'; *Monografia do concelho de Ponte de Lima*, Porto: Litografia Nacional, 1946. Página 19



011



012



013

011. Localização da área de intervenção relativamente à zona histórica da vila; **012.** Fotografia do muro onde está inserido a portal de entrada na propriedade; **013.** Portal e respetiva pedra de armas.

Descrição e História do Conjunto

A Casa da Baldrufa, localizada próximo à margem esquerda do Rio Lima e à entrada Oeste¹¹ da Vila de Ponte de Lima (ver imagem 011), esconde-se de quem ali passa, através da densa massa de árvores que delimita o seu perímetro. Apenas um muro pouco extenso, onde está inserida a portada e a pedra de armas, anuncia a sua existência. Pouco se sabe sobre a história da casa que, sensivelmente há dez anos, tem como proprietário o Sr. Agostinho Coelho - um familiar do autor da presente dissertação. Na altura em que tomou posse da casa, esta já se encontrava desabitada desde o ano 2000, altura em que o antigo proprietário faleceu.

Dr. António Vasconcelos Porto, um conceituado poeta, com vasta obra publicada sob o pseudónimo António Porto-Além, foi a última pessoa a habitar a casa. Nasceu em Vila Nova de Gaia em 1912 e encontrava-se ligado ao concelho de Ponte de Lima pelo lado da sua bisavó paterna. Segundo António Manuel Couto Viana, o Dr. António Porto, um homem solteiro e sem descendência, terá adquirido a Casa da Baldrufa nos anos 70, onde viria a falecer a 4 de Abril de 2000.¹²

O Dr. António Porto, a 20 de Outubro de 1981, submeteu um processo de classificação patrimonial da Casa da Baldrufa. A 25 de Julho de 2012 - já após a morte do Dr. Porto -, foi aprovado em Reunião da Secção do Património Arquitetónico e Arqueológico do Conselho Nacional de Cultura o arquivamento do procedimento administrativo relativo à classificação da Casa e Quinta da Baldrufa, que teve por fundamento o parecer de que o imóvel não tem valor patrimonial de âmbito nacional, mas sim de âmbito municipal.¹³

A portada da Casa da Baldrufa, na sua dupla funcionalidade de proteger e simultaneamente de projetar para o exterior uma imagem de poder e de segurança, encontra-se em eixo com a casa, ligando dois panos de muro mais baixos e permitindo o acesso a um jardim de recreio. No entablamento encontra-se uma pedra de armas, esta permite reconhecer que data do século XVIII.

11. Local onde se intercetam os percursos de Braga – Ponte de Lima e Viana do Castelo - Ponte de Lima tanto pela margem esquerda como pela margem direita do Rio Lima.

12. VIANA, António Manuel Couto – *Dr. António Vasconcelos Porto [António Porto-Além]*. In AA.VV.; *Figuras Limianas*. Ponte de Lima, Município de Ponte de Lima, 2008. Página 369

13. DIÁRIO DA REPÚBLICA, Anúncio nº13474/2012. 2ªsérie Nº 187, 26 de setembro de 2012.



014



015



016

014. Perímetro da área de intervenção; **015.** Fotografia do edifício existente e respetivo terreno; **016.** Percurso de entrada da propriedade, atualmente bastante degradado.

Uma vista geral da vila de Ponte de Lima e seus arredores na freguesia de J. Maria dos Anjos, de 1780, permite localizar com o número 45 a Casa da Baldrufa, cujo proprietário era, na altura, António de Mello (ver imagem 001).

Se, no passado, a pedras de armas - que aparecem sempre em lugar de destaque, sobretudo no coroamento das portadas - lembravam “acções de fama, atitudes meritórias, intenções dignas” distinguindo famílias, hoje, são sobretudo assumidas como um elemento decorativo que confere prestígio.

A Casa da Baldrufa, constituída por várias construções – uma habitação, um portal brasonado, um pelourinho, um fontanário, um espigueiro e uma eira – foi, nas suas origens, uma grande propriedade de produção vinícola, agrícola e florestal. No entanto, nos dias de hoje, a Quinta está reduzida a uma área próxima dos 12000m². O terreno de intervenção, praticamente todo delimitado por densas árvores, tem uma forma irregular e um desnível entre a cota mais elevada e a cota mais baixa de 12 metros. A entrada principal da propriedade, anunciada por um antigo portal brasonado e um pelourinho, faz-se pelo extremo Noroeste do conjunto, à cota mais baixa, a partir da estrada N203. O percurso é flanqueado por muros de granito até às escadas de acesso ao piso superior da casa. Enquanto a casa foi habitada, existiu uma ramada que cobria o percurso em toda a extensão. No extremo oposto do terreno situa-se uma entrada secundária da propriedade, apenas para uso agrícola.

O edifício, uma construção sólida com dois pisos e paredes em alvenaria, está orientado no sentido Sudoeste / Noroeste, direcionando a fachada principal para o Rio Lima. A imagem geral deste edifício é caracterizada pela composição e linguagem das aberturas – dos alçados Noroeste e Sudoeste – e pela presença de uma escada exterior que faz o acesso ao piso superior da casa.

Da arquitectura popular os solares adoptaram, especialmente no caso dos mais antigos, a simplicidade da compartimentação (cozinha, sala, varanda, com escada de acesso, quando não se aproveitava a entrada em plano, por adossamento a um cômodo), a colocação no rés-do-chão das lojas destinadas ao armazenamento de vários artigos e, inicialmente à recolha do próprio gado, e, no andar nobre, das salas e quartos de dormir, das galerias voltadas para o sol, herdeiras das varandas e alpendres destinados ao acesso a outros compartimentos e à secagem dos cereais e da roupa. Alguns solares não passaram de modestas casas rurais, que se distinguem das outras por terem um brasão, uma capela ou até um portal diferente.¹⁴

14. REIS, António Matos - *Paço de Giela, Arquétipo das Casas Nobres da Ribeira Lima*. In AA.VV.; *Actas: casa nobre: um património para o futuro /1º Congresso internacional*. Arcos de Valdevez: C.M., 2007. Página 77



017



018



019



020



021



022

017. Lagar existente; **018.** Utensílios existentes para a confeção e armazenamento de vinho; **019.** Escada principal de acesso ao piso superior, atualmente bastante degradada; **020.** Acessos para o piso superior do lado Sudeste e respetivo alpendre; **021.** Escada interior que faz o acesso do Hall aos restantes compartimentos; **022.** Marcas no piso inferior da grande campanha de obras.

A casa, tal como as casas rurais, encontra-se organizada em duas zonas distintas e sem comunicação: o piso térreo destinado a funções agrícolas e o piso superior de uso doméstico. O piso térreo alberga, ainda hoje, o programa para o qual foi concebido - armazenamento de utensílios agrícolas, fortemente relacionados com a produção de vinho -, existindo ainda, no corpo Noroeste um lugar e uma adega com pipos para a confeção e armazenamento de vinho. De realçar que neste piso todas as divisões possuem acesso autónomo para o exterior.

No piso superior localizam-se os espaços para a vida quotidiana da família, uma sucessão de alcovas, salas, quartos e w.c., servidas por um corredor que termina na cozinha, localizada na extremidade oposta. Um dos acessos ao piso superior situa-se no topo Norte através de uma escada exterior em granito – perpendicular à fachada –, permitindo o acesso a um pequeno Hall (ver imagem 019). Embora este acesso tenha as características ideais para ser a entrada principal da casa, dada a sua posição de destaque relativamente à entrada na quinta e o seu carácter cénico e compositivo, pareceu-nos que seria pouco usado pela forma como se organiza a casa. No lado oposto situam-se os outros dois acessos para este piso, um direto para a cozinha e o outro, através de uma escada exterior de pedra – sem o carácter da outra escada – e paralela à fachada Sudoeste, permite o acesso a um patamar provido de alpendre (ver imagem 020). O alpendre passa a ser interior e desenvolve-se ao longo de todo o comprimento da casa, funcionando como um corredor de ligação dos vários espaços – a cozinha, os quartos e a sala. A sua orientação solar, torna-lo num espaço privilegiado de relação interior / exterior.

Embora o programa de base –habitação – se tenha mantido ao longo do tempo, o edifício foi sofrendo várias alterações de acordo com as necessidades de cada momento da história da casa. Pela interpretação das estruturas preexistentes supõem-se que terá existido pelo menos uma grande campanha de obras, durante a qual se procedeu à ampliação da forma original da casa.

Por exemplo, o piso superior foi elevado cerca de 50 centímetros, sendo perceptível nos três degraus existentes que fazem a ligação do Hall aos restantes compartimentos. Também no piso inferior, no corpo Noroeste, existe ainda hoje nas paredes de alvenaria os buracos e os cachorros onde assentava a antiga estrutura do piso (ver imagem 021 e 022). Tendo em atenção as estruturas e as várias materialidades, esta campanha de obras também terá transformado num espaço interior o patamar que encima a escada principal. Tal como o alpendre que também terá sofrido alterações nessa mesma altura.



023



024



025



026



027



028



029



030



031



032

023 / 025 / 027 / 029. Fotografias antigas da casa, na altura em que era habitada; **024 / 026 / 028 / 030.** Fotografias do estado atual da casa, permitindo perceber o estado de degradação; **031 e 032.** Exemplos de elementos de pedra derrubados pela propriedade.

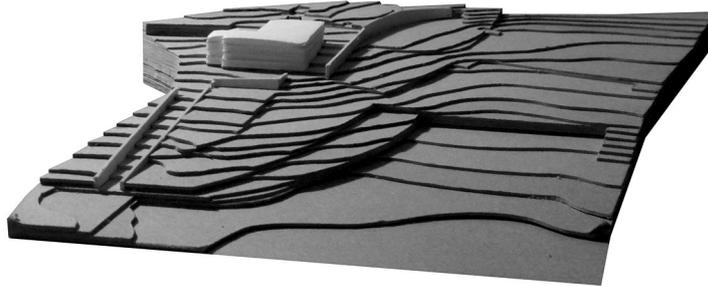
Durante as últimas décadas a casa manteve-se praticamente sem alterações, sendo apenas na década de 70 realizadas obras de conservação do telhado e de pintura da casa. Infelizmente, hoje deparamo-nos com um cenário muito degradado e maltratado pela falta de uso. A vegetação apoderou-se do terreno destruindo todo o seu carácter - o espigueiro desapareceu, restando apenas a base onde assentava, no fontenário não cai mais água por falta de limpeza do canal e vários elementos de pedra encontram-se derrubados no chão como os esteios das ramadas e até mesmo as pedras ornamentais das escadas (ver imagem 031 e 032).

As trepadeiras apoderaram-se do edifício, entrando tanto pelas janelas, como pelo telhado. Desta forma, provocaram essencialmente infiltrações de água, causando o apodrecimento das estruturas de madeira em alguns pontos. Neste sentido, uma intervenção cuidada seria urgente para o conjunto não ficar ainda mais descaracterizado.

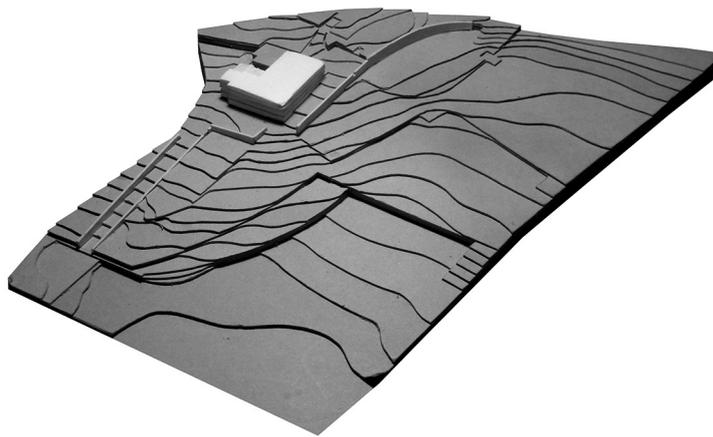
Importante é reter a ideia de que numa intervenção sobre património, todas as componentes têm de ser encaradas com a mesma dignidade, não sendo razoável fazer sobrepor a arquitectura à construção, ou esta à estrutura. (...) Os edifícios antigos têm de ser olhados como um todo harmonioso, em que tudo é simultaneamente arquitectura e estrutura, onde de facto, a construção tudo parece dominar.¹⁵

As paredes exteriores, habitualmente designadas por paredes mestras pela sua função estrutural, são constituídas em alvenaria de pedra de granito e revestidas com argamassas à base de cal, excepto nas peças de cantaria aparelhada - definem os vãos de portas e janelas, bem como os conchais e as cornijas. Nestas paredes, com aproximadamente 60cm de espessura, fixam-se tanto a estrutura da cobertura como a estrutura do piso superior, composta por vigas de madeira com a espessura do tronco da árvore do qual foram extraídas (ver imagem 038). De seguida será apresentado o levantamento topográfico e do edifício onde será possível observar o sistema construtivo.

15. APPLETON, João - *Tecnologias da Reabilitação em Edifícios Antigos. Dos Conventos às Pousadas*. In *Jornal dos Arquitectos* nº147 - (...) . Lisboa:AA, Maio de 95. Página 45



033



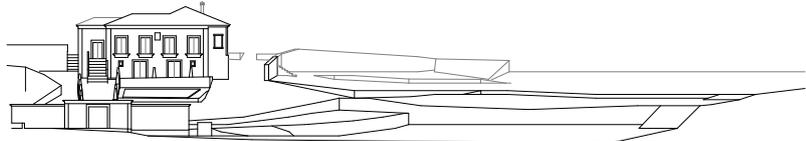
034



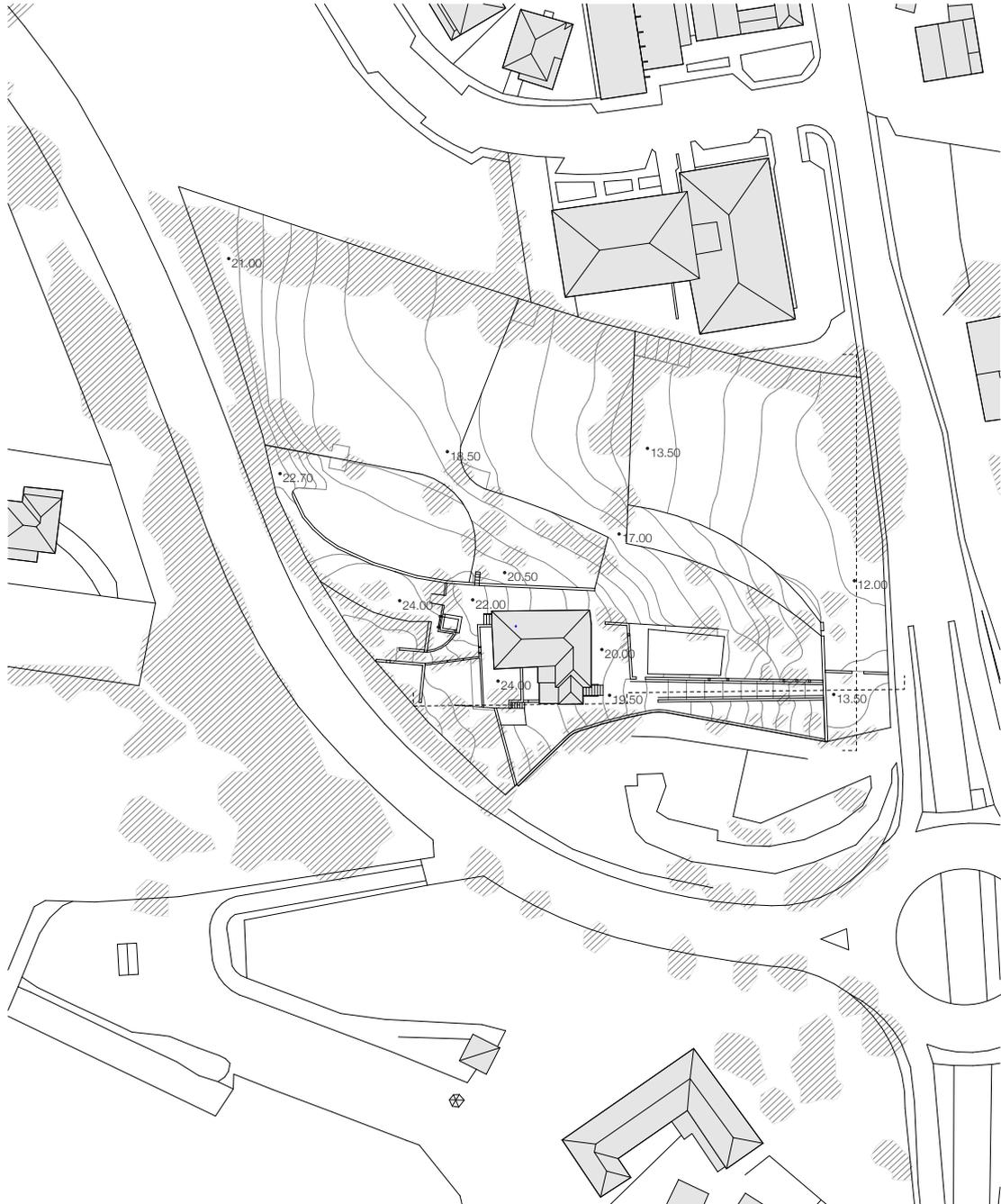
035

033 e 034. Fotografias da maquete do levantamento do terreno; **035.** Fotografia do terreno.

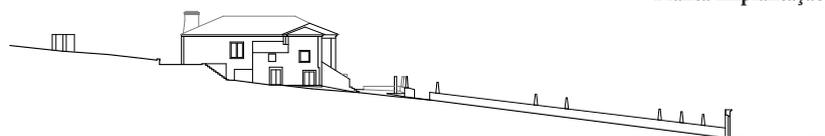
Levantamento



Perfil A. Escala 1:1000



Planta Implantação. Escala 1:1500



Perfil B. Escala 1:1000



036



037

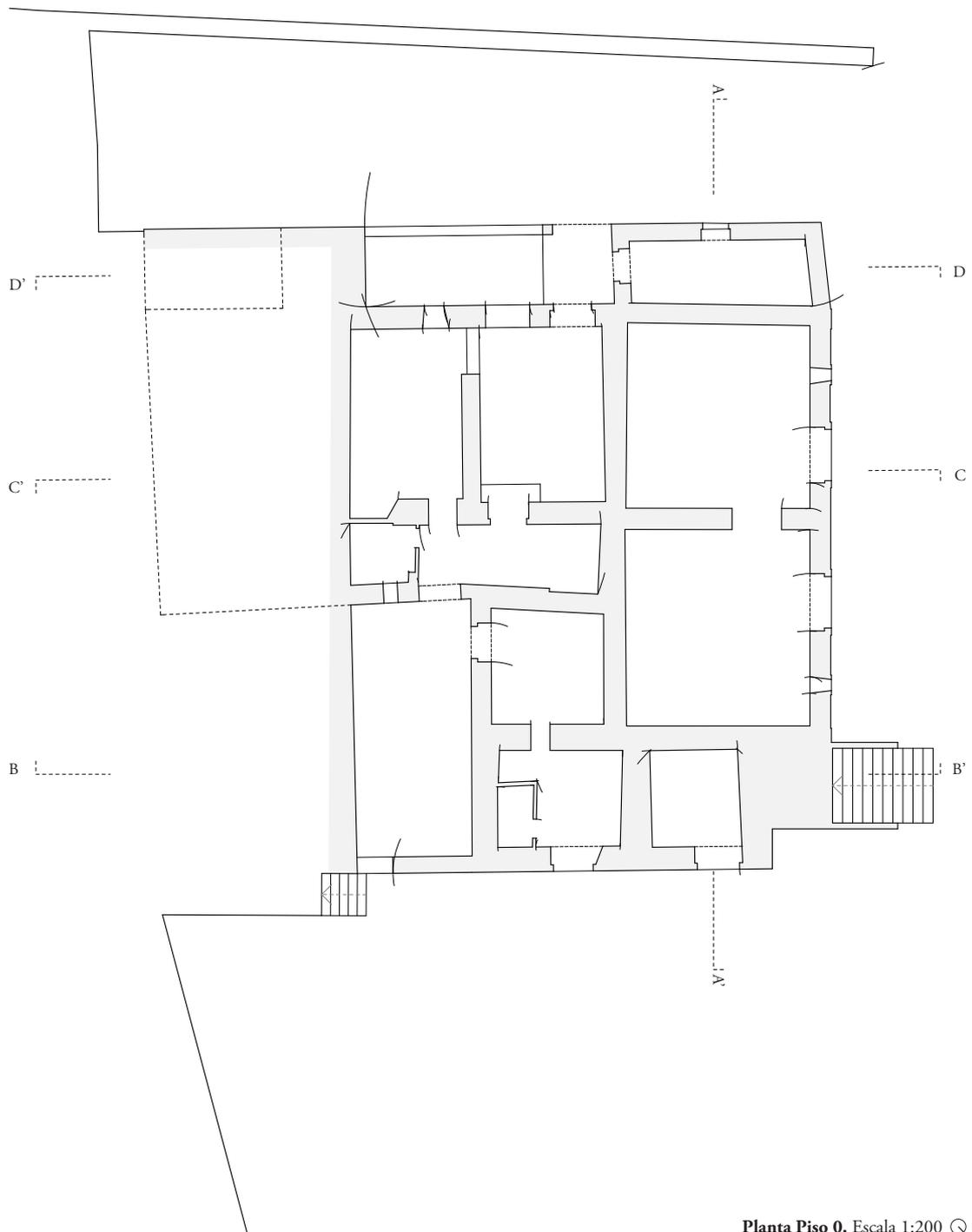


038



039

036 e 037. Pátio de acesso ao piso inferior; **038.** Piso térreo; **039.** Piso térreo, acesso às lojas.



Planta Piso 0. Escala 1:200



040

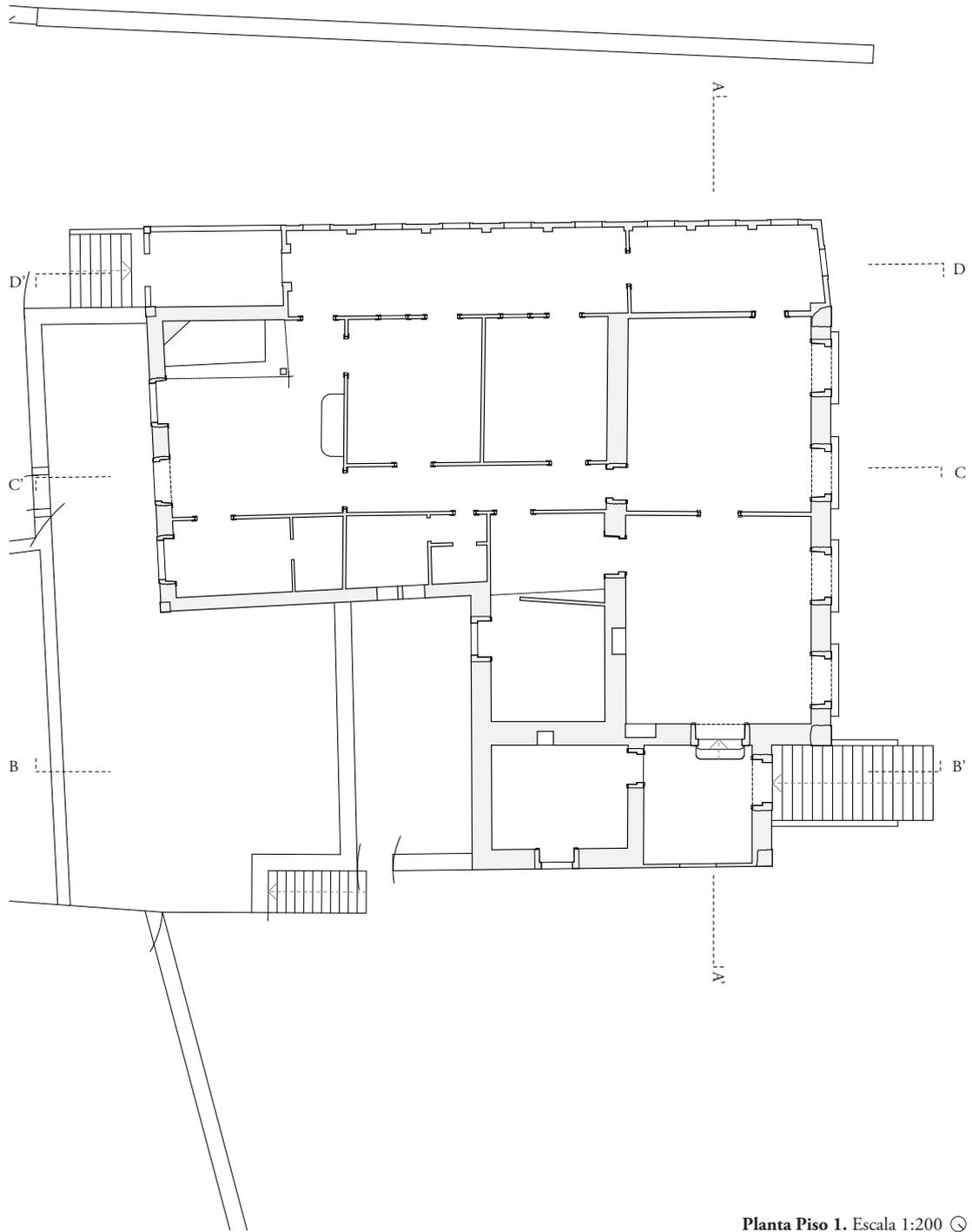


041



042

040. Piso principal/ Alpendre; **041.** Piso principal/ Corredor; **042.** Piso principal/ Sala com teto de masseira.



Planta Piso 1. Escala 1:200



043



044



045



046



047

043. Alçado Noroeste; **044.** Pormenor da fachada Noroeste; **045/ 046/ 047.** Pormenor interior do vão.



Alçado Noroeste. Escala 1:200



Corte AA'. Escala 1:200



048



049



050



051

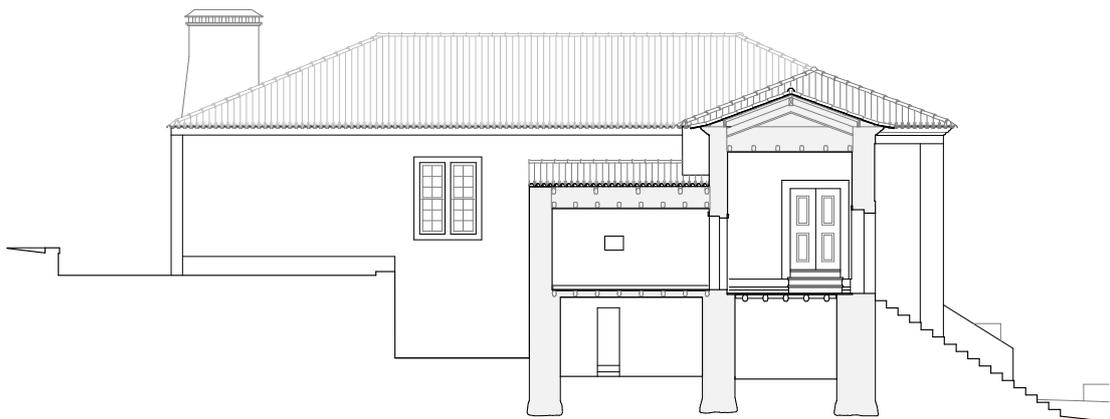


052

048. Alçado Nordeste; **049.** Pormenor da fachada Nordeste; **050.** Pormenor de um quarto com o piso em profunda degradação devido às infiltrações; **051 e 052.** Porta de entrada principal.



Alçado Nordeste. Escala 1:200



Corte BB'. Escala 1:200



053



054



055

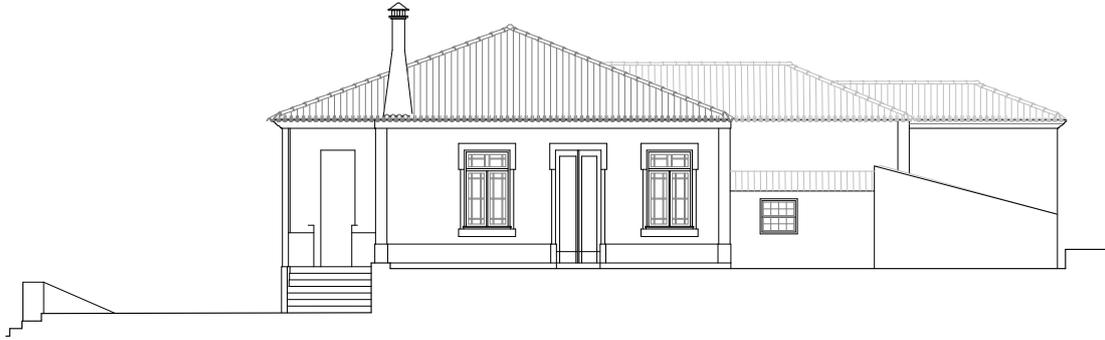


056

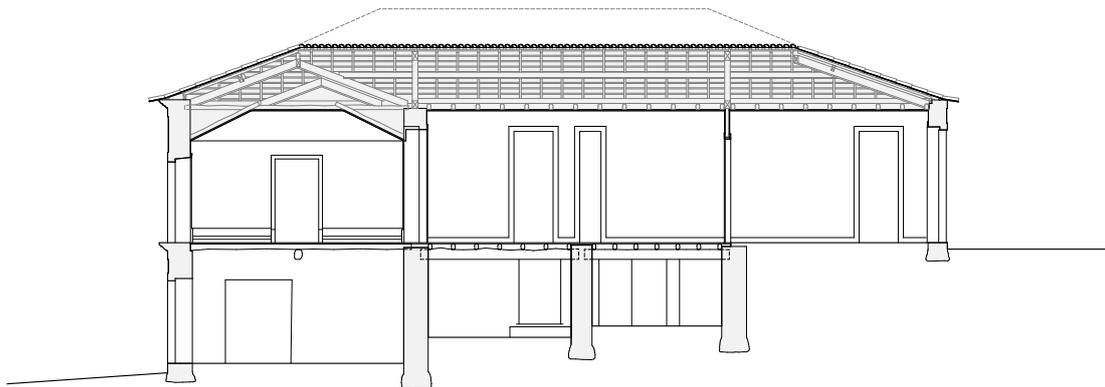


057

053. Alçado Sudeste; **054.** Porta de entrada para a cozinha; **055 e 056.** Pormenor de portas interiores no piso superior; **057.** Pormenor do teto de masseira.



Alçado Sudeste. Escala 1:200



Corte CC'. Escala 1:200



058



059

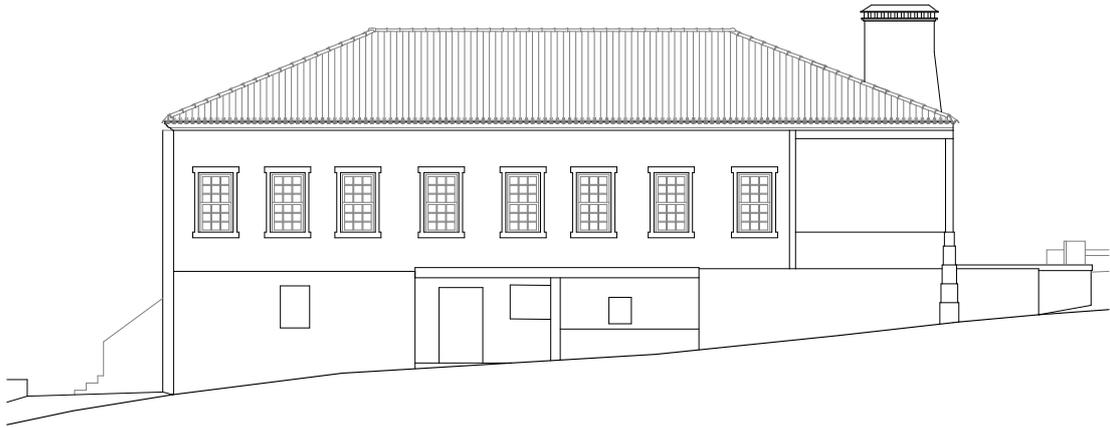


060

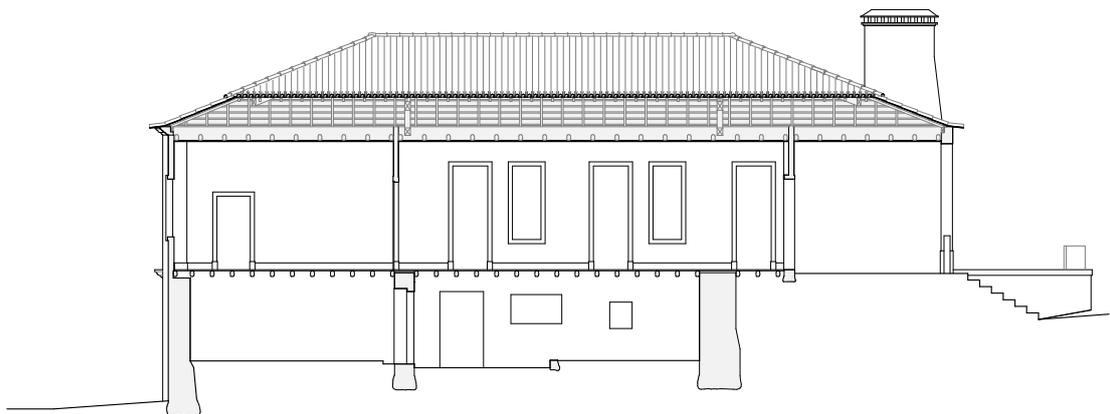


061

058. Alçado Sudeste e Sudoeste; **059 / 060 e 061.** Pormenores do Alçado Sudoeste;



Alçado Sudoeste. Escala 1:200



Corte DD'. Escala 1:200

II

INTERVIR NO PATRIMÓNIO ARQUITETÓNICO

Identidade, Tempo, Memória

Projetar a Transformação

Restaurar, recuperar ou reutilizar é sempre, para Távora, a busca de uma síntese que recolha o fluir do tempo e possa acolher serenamente o futuro. (...) Neste aparente paradoxo se constrói o conceito para cada projecto, sendo que este será, sempre, decorrente de exaustiva análise formal e histórica de cada objecto arquitectónico. É evidentemente uma leitura pessoal porque tem implícita uma vontade artística de formalizar uma transformação. É essa subjectividade que marca a diferença entre a posição do arquitecto e a do positivo cientista.¹

A realização de um projeto que incorpore a intervenção numa preexistência requer sempre uma grande disciplina formal e uma definição de operação equilibrada. Assim, para o desenvolvimento do projeto da dissertação tornou-se fundamental a realização de uma breve análise, onde o principal objetivo é o esclarecimento de questões que a intervenção no património levanta, bem como os fatores que devemos ter em conta para que a estratégia adotada para a proposta seja justa, consciente e coerente.

Antes de mais é importante frisar que a noção de património foi sofrendo alterações no seu significado ao longo dos tempos. Françoise Choay, uma historiadora das teorias de intervenção no património, afirma que a ideia de património “continua a alterar-se em conformidade com as diferenças de cultura, políticas, sociais e económicas que separam épocas, países e regiões, e que se sucedem inerentes ao desenvolvimento dos processos históricos.”²

Atualmente, a noção de património é tão heterogénea que se transforma “numa categoria aberta, não só à assimilação de novos conteúdos, configurações e significados, mas também à reestruturação dos consolidados pela tradição, sendo hoje atribuída a formas particulares de arquitectura (erudita, popular e corrente), artesanato, paisagem, cidade (...).”³

As primeiras abordagens às preocupações de recuperação do património e do reconhecimento dos seus valores coincidem com a destruição e devastação que a Revolução Francesa provoca um pouco por toda a Europa. A Revolução é considerada, por diversos estudiosos da história da conservação, o momento da origem da formação de leis para a salvaguarda do património e a matriz do conjunto de ideias que dará início ao conceito de Restauro moderno⁴.

1. COSTA, Alves - *Cumplicidades*. In *Jornal dos Arquitectos* 213 - *À la Recherche du Temps Perdu*. Nov./Dez. 2003. Página 42

2. CHOAY, Françoise; *Património e mundialização*. trad. Paula Seixas. S.I., Licorne, 2005. Página 9

3. CHOAY, Françoise; Idem. Página 10

4. AGUIAR, José; *Cor e cidade histórica: estudos cromáticos e conservação do património*. 1ª ed. Porto, Faup Publicações, 2002. Página 35

Durante o século XIX começam a delinear-se duas posturas antagónicas e que ainda hoje se colocam, a da reutilização e a da conservação. A França e o Reino Unido destacam-se claramente na reflexão deste tema, sendo representados por Viollet-le-Duc e John Ruskin respetivamente, que encarnam duas posturas, embora paralelas no tempo, com formação, pensamento e sensibilidade bastante distintas.

Em Portugal, as teorias de Restauro não se mostraram tão importantes como no Reino Unido, em França, ou até mesmo em Itália. Só no século XX é que se começou a ter uma maior consciência do valor patrimonial e, conseqüentemente, da importância do seu reconhecimento e manutenção. Também já em pleno século XX, com a progressiva consciencialização da importância da proteção do património, começam a aparecer os primeiros documentos internacionais de regulamentação que ambicionavam servir de base orientadora para as intervenções. A Carta de Atenas, escrita em 1931, trata-se do primeiro documento internacional, a partir do qual se redigiram muitos outros. Embora, se tenha redigido bastantes documentos após a Carta de Atenas é evidente a supremacia que esta, ainda hoje, demonstra em parceria com a Carta de Veneza, escrita em 1964. Contudo, é necessário que destas duas Cartas se faça uma interpretação crítica, sem seguir todas as suas recomendações à letra, já que cada intervenção situar-se-á num contexto específico para uma dada encomenda, segundo o qual as respostas se condicionarão.

Intervir no património supõe assumir que não existem regras nem soluções a priori, e que não é possível trabalhar com ideias preconcebidas; cada caso é diferente. Creio que a margem de liberdade do projeto é estabelecida pelas circunstâncias que rodeiam cada situação, algo que o trabalho do arquiteto deve descobrir.⁵

A intervenção no património arquitetónico implica ter em conta diversos fatores, designadamente a contextualização histórica, arquitetónica, urbana, social, entre outros. Atualmente são muitas as tentativas de perceber qual é a prioridade na intervenção, se optar por uma ação prolongada da conservação patrimonial, ou pela prática mais invasiva de restaurar o edifício. Contudo, o objetivo final dos dois tipos de intervenção é o mesmo, “o de encontrar uma solução equilibrada e responsável que restitua ao monumento o seu valor histórico e identidade arquitetónica.”⁶

5. SIZA, Álvaro - *EL Sentido de las Cosas*. Juan Domingo Santos, Una Conversación com Álvaro Siza. In El Croquis nº140 – *Álvaro Siza 2001-2008*. Madrid, El Croquis Editorial. 2008. Página 18. Tradução do espanhol pelo autor

6. AGUIAR, João Luís Costa Abreu; *Casa na Rua Formosa*. Porto: FAUP 2012. Prova Final. Página 104 e 105

Identidade

A constante necessidade de renovação, adaptação e atualização de edifícios preexistentes, levanta várias questões. Desde logo, temos de questionar se, com as distintas intervenções nos edifícios, estamos a destruí-los, a descaracteriza-los ou, pelo contrário, a assegurar a sua preservação. Preservar um edifício é, sobretudo, preservar a sua identidade.

Sergio Fernández ao falar da obra de Fernando Távora afirma que “o conhecimento preciso da origem e da evolução do conjunto edificado, ou a valorização dos testemunhos históricos mais relevantes, são os ingredientes que, uma vez considerados darão legitimidade às mudanças que um novo programa impõe na actualidade.”⁷ Conhecer a identidade de um edifício é, essencialmente, saber o que é insubstituível e o que pode ser mudado ou acrescentado para melhorar o edifício. É essa qualidade que é necessário procurar, para que, após uma intervenção, a “alma” do edifício permaneça e a sua identidade saia valorizada.

Atualmente, devido à ocupação dos centros históricos por novas gerações, nomeadamente de classes com maior poder económico do que aquelas que habitualmente ocupavam estas zonas, obrigou a criar condições de que aquelas habitações não dispunham. A necessidade de adaptação das habitações a esta nova realidade e a introdução de novas funções - devido à forte degradação provocada pela falta de manutenção - implica por vezes a demolição de grande parte da construção para tornar possível a reutilização do invólucro. Esta realidade levanta várias questões, desde logo, a concordância entre o invólucro e o conteúdo.

Na arquitectura urbana (...) as fachadas urbanas são sempre significantes dos espaços interiores do edifício que encerram no seu interior, mas também correspondem, elas próprias, à determinação de um novo significado. Ou seja, as fachadas urbanas concorrem para a definição de um novo tipo de espaço, também com características de um “interior”, mas a uma diferente e muito maior escala: a amplitude do espaço urbano. Nesse sentido, as fachadas são como que as “paredes interiores” do espaço urbano, pelo que são, no mesmo momento, significantes e significado.⁸

7. FERNÁNDEZ, Sergio - *Fernando Távora a través de su obra*. In AA.VV.; *Renovación, Restauración y Recuperación Arquitectónica y Urbana en Portugal*. ed. Javier Gallego Roca. Universidad de Granada. 2003. Página 106. Tradução do espanhol pelo autor

8. AGUIAR, José; *Cor e cidade histórica: estudos cromáticos e conservação do património*. 1ª ed. Porto, Faup Publicações, 2002. Página 137

Nos centros históricos, dificilmente se pode fazer alterações na fachada - são vistas como elementos centrais na caracterização da cidade, são criadoras de identidade -, no limite é destruído todo o interior e preservada apenas a fachada, que pode já não corresponder ao original. Esta atitude foi apelidada de fachadismo, correspondendo “(...) à demolição sistemática do interior dos edifícios antigos, substituindo-o por nova construção, com profundas mudanças tipológicas, volumétricas, estruturais e construtivas, preservando as antigas fachadas de forma acrítica, ou reconstituindo-as de acordo com imitações forçadas das originais.”⁹

Como foi escrito no início deste capítulo, a crescente importância da intervenção em zonas históricas e patrimoniais e a consciencialização da sua complexidade levaram ao desenvolvimento de estudos que culminaram em cartas. Estas focam-se num objetivo – a preservação da identidade dos locais e das obras. A Carta de Atenas, possivelmente a mais conhecida, retrata “(...) um estudo que procura ser pragmático, objectivo, dirigido à racionalidade e funcionalidade da cidade que não esquece, no entanto, o património histórico. O passado da cidade, a sua história e a sua identidade, não podem ser ignorados na construção do novo espaço urbano.”¹⁰

Nesta carta é também perceptível uma constante preocupação da fomentação de uma arquitetura de verdade, procurando, no caso da intervenção em preexistências, desencorajar a cópia, a reposição do estado anterior do edifício e a construção segundo estilos do passado.

Hoje, intervir no património arquitectónico é também um acto de coragem e de cultura que deve unir-se numa homenagem àqueles que foram capazes de produzir o património de que hoje nos orgulhamos; estejamos certos que esses, se hoje continuassem a projectar e a construir não deixariam de usar, com parcimónia, com sabedoria, mas também com vontade, os materiais e as técnicas de que hoje dispõem.¹¹

Enquanto a Carta de Atenas procurava transmitir que a idade de uma construção não lhe confere valor patrimonial, propondo a demolição do que não fosse entendido como essencial, a Carta de Veneza “mostra um lado nostálgico, de necessidade de preservar as marcas de uma cultura, guardar os testemunhos de uma identidade e transmiti-los para as gerações vindouras.”¹²

9. AGUIAR, José; Idem, *Ibidem*

10. FREITAS, Ricardo Mendes de; *Identidade, tempo, memória: reflexão sobre processos de reabilitação em edificação de valor patrimonial*. Porto: FAUP 2012. Página 20. Dissertação de Mestrado

11. APPLETON, João - *Reabilitação urbana e tecnologias de intervenção*. In *Arquitectura Ibérica #19, Reabilitação*. Casal de Cambra: Caleidoscópio. Março 2007. Página 17

12. FREITAS, Ricardo Mendes de; Idem. Página 22

Relativamente aos materiais originais será imprescindível a sua preservação ou será possível alterá-los sem que se ponha em causa a autenticidade do edifício? Por exemplo, atualmente, são várias as intervenções que removem rebocos das fachadas de edifícios antigos e deixam à vista as paredes de alvenaria, como se de construção rústica se tratasse. No entanto, a operação oposta, a reposição de reboco num edifício com pedra à vista, é muito contestada. As cartas abordadas anteriormente divergem relativamente às técnicas a adotar nas intervenções. Por um lado, a Carta de Veneza aprova apenas o uso de técnicas modernas, quando as tradicionais se revelarem inadequadas. Por outro, a Carta de Atenas aponta para o uso de técnicas modernas, defendendo que as antigas condições de trabalho não poderiam ser reconstituídas.

A procura da autenticidade é um ponto em comum entre estas duas cartas, rejeitando qualquer cópia ou reconstrução. No caso de construções com intervenções de diferentes épocas é defendido que todas sejam respeitadas, procurando preservar a história e não o estilo. Tal como qualquer reconstrução ou alteração necessária, deve respeitar todas as partes do edifício e ser perceptível, destacando-se da construção original e mostrando o tempo em que foi executada. Só assim poderemos garantir a preservação da identidade das edificações.

Assim, é indispensável pensar as intervenções no património como continuação do passado. Para isso é necessária uma extraordinária capacidade de análise do edificado, perceber o seu carácter. Não chega ter conhecimentos técnicos e capacidade de criar espaços partindo de elementos já construídos. É necessário definir princípios de intervenção, é necessário ser autêntico.

Intervir em património trata-se, antes de mais, de reorganizar criticamente a matéria preexistente, através de uma arquitectura que se deixe contaminar pelo existente e que, ao introduzir o novo, afirma a sua consolidação. Embora motivada por uma procura de continuidade, a ideia de património deve conter obrigatoriamente o presente, no sentido de o ajustar constantemente às novas necessidades. Cabe ao arquitecto ter a sensibilidade para, através do conhecimento da preexistência, fazer uma síntese entre o passado e o presente, acrescentando novos significados e utilidades ao existente, sem o destruir ou anular.¹³

13. RIBEIRO, João Mendes – *Ações Patrimoniais: Perspectivas Críticas*. Entrevista por Luís Santiago Baptista e Paula Melâneo. In *Arquitectura e Arte* nº 82 / 83 *Ações Patrimoniais*. Lisboa: Futur Magazine. Julho / Agosto 2010. Página 29

Tempo

Todas as obras dos nossos antepassados são marcas da nossa evolução enquanto sociedade, da nossa história, da nossa identidade, “fazem parte do património humano e aqueles que os possuem são encarregues de sua protecção, têm a responsabilidade e a obrigação de fazer tudo o que é lícito para transmitir intacta, aos séculos futuros, esta nobre herança.”¹⁴

Todas as construções pensadas a longo prazo implicam uma manutenção regular, sendo a intervenção no edificado vista como uma necessidade. Esta necessidade levanta, desde logo, várias questões. O que será correto fazer perante um edifício de valor patrimonial? Conservar ou restaurar?

Ao longo dos séculos, perante a necessidade de recuperar os edifícios degradados, foram inúmeros os casos em que se decidiu intervir sem preocupação em preservar o existente. “Até ao século XVIII, restaurar significava, em grande medida, reutilizar uma construção disponível, a qual era recuperada e renovada de acordo com os paradigmas arquitectónicos e as normas construtivas vigentes nesse momento.”¹⁵ No século XIX dá-se um ponto de viragem, a história da arquitetura ganha reconhecimento e começam a delinear-se duas posturas antagónicas, que ainda hoje se colocam - a do restauro e a da conservação. As personificações destas duas posturas são respetivamente encarnadas por Viollet-le-Duc e John Ruskin.

Viollet-le-Duc, defensor de que a recuperação de um edifício podia passar pelo restabelecimento do seu original, é ainda hoje a principal referência do restauro. A sua contribuição é, por vezes, reduzida a uma célebre definição do seu dicionário, “Restaurar um edifício é restabelecê-lo num estado completo que pode nunca ter existido num dado momento.”¹⁶ Restaurar era sinónimo de reconstruir, nada seria mais importante do que assegurar a consistência física do edifício, nem que para isso se colocasse em causa a identidade e linguagem do mesmo.

Esta atitude corretiva do presente era vista de forma polémica pois, ao tentar restabeler o original, poderiam ser demolidos edifícios que carregavam em si as marcas de séculos de história, apagadas intervenções de várias gerações de uma cultura, podendo resultar na reconstrução de edifícios falsos.

14. *A Carta de Atenas / C.I.A.M.* Trad. Maria de Lourdes e F. Castro Rodrigues. 1941. Ponto 65

15. AGUIAR, José; *Cor e cidade histórica: estudos cromáticos e conservação do património*. 1ª ed. Porto, Faup Publicações, 2002. Página 35

16. CHOAY, Françoise; *Património e mundialização*. Trad. Paula Seixas, S.I., Licorne, 2005. Página 131. Citando Viollet-le-Duc

Sob outra perspectiva, John Ruskin defende um anti-intervencionismo radical, não permitindo tocar nos edifícios do passado. “Nós não temos o mínimo direito de o fazer. Eles não nos pertencem. Eles pertencem, em parte, aos que os edificaram, em parte ao conjunto de gerações humanas que nos seguirão.”¹⁷ Para ele, restauro significa “a destruição mais total que uma construção pode sofrer”¹⁸. Considera por isso o projeto de restauro um absurdo. Querer restaurar um edifício é ferir a autenticidade que constitui o seu próprio sentido. Defende que o destino de qualquer monumento é a ruína, passando pela progressiva degradação. Contudo, recomenda a manutenção dos monumentos e admite que os consolidem, com a condição de ser muito discreto.

Os monumentos que, envelhecidos ou mutilados, receberam do tempo ou dos homens uma certa beleza e nos quais sob qualquer pretexto, não se deve tocar, porque supressões, de que o tempo e os homens são os autores, interessa à história e, por vezes à arte. Consolidá-los, impedi-los de cair, é tudo o que se deve permitir.¹⁹

Estas duas posturas antagónicas baseiam-se na dualidade da anulação ou afirmação do tempo. Enquanto que Viollet-le-Duc vê a anulação do tempo como uma mais valia, para Ruskin o fator tempo é imprescindível, intocável.

Mais do que a época em que foi construído, importa toda a história do edifício, todas as marcas impressas pelas gerações que por ele passaram. Ao restaurar um edifício, além de anular estas marcas, está a criar-se uma mentira, uma peça falsamente antiga. Embora haja documentação que permita uma reconstrução rigorosa do original, o fator tempo será sempre o mais importante.

Assim, o passado, o responsável e a explicação do presente, não pode ser ignorado. Cabe ao arquiteto a responsabilidade de interpretá-lo e projetá-lo para o futuro. Segundo Fernando Távora, “temos que ter uma visão histórica de tudo; dos programas, é preciso saber com é que os programas evoluem: uma visão histórica das formas, dos materiais. No fundo do que se trata? Trata-se da introdução do tempo, da consciência do tempo.”²⁰

17. CHOAY, Françoise; Idem. Página 130. Citando John Ruskin

18. CHOAY, Françoise; Idem, Ibidem. Citando John Ruskin

19. CHOAY, Françoise; Idem. Página 134. Citando Victor Hugo

20. COSTA, Natália; *A Reabilitação do Antigo como Obra Nova: A partir da Arquitectura de Fernando Távora, em Guimarães*. Porto: FAUP. 2006. Página 17-18. Prova Final. Citando Fernando Távora

Memória

A memória, numa palavra, é invenção. (...) A memória como acto de vontade deliberado projecta-nos decididamente na corrente da história, para lá das grilhetas, das certezas presumidas e das triviais amarras do presente. Através da memória, o futuro torna-se possível, um futuro que o passado não consegue, e o presente não se atreve, a pensar.²¹

A memória é fundamental para a preservação da identidade de um local, a nossa identidade, a nossa história e os sentidos são os responsáveis por despertar a memória, remetendo o indivíduo para momentos de um passado que referenciam o presente. A memória filtra, seleciona, elimina, sintetiza, esquece o mais banal e faz prevalecer o mais marcante, o mais intenso.

Normalmente os lugares onde crescemos ficam enraizados profundamente na nossa memória e acompanham-nos ao longo da vida. As memórias de infância, mesmo inconscientemente, influenciam a forma como experimentamos a arquitetura. Como afirma Peter Zumthor “As raízes do nosso entendimento arquitectónico encontram-se nas nossas primeiras vivências: o nosso quarto, a nossa casa, a nossa rua, (...) encontram-se na nossa infância, na nossa juventude: encontram-se na nossa bibliografia.”²²

Lembro-me desse tempo em que vivia a arquitectura sem pensar sobre isso. Ainda consigo sentir na minha mão a maçaneta da porta, esta peça de metal moldada como as costas de uma colher. Tocava nela quando entrava no jardim de minha tia. Esta maçaneta ainda hoje me parece um sinal especial de entrada num mundo de ambientes e cheiros diversos.²³

À medida que um indivíduo, através do seu corpo como sistema percetivo-sensorial, percorre um espaço - cheio de emoções e sensações -, vai assimilando ideias mais ou menos impressivas da realidade. “Estas impressões são sensoriais, logo, pessoais e íntimas, e dependem, entre muitas outras coisas, da capacidade de observação e da predisposição para ver de cada um de nós.”²⁴

É o conhecimento vindo da experiência e memória dessas sensações que dá ao arquiteto a sensibilidade de as reproduzir na arquitetura que projeta. Projeta para os outros, mas sempre tendo

21. BAPTISTA, Luís Santiago – *Memórias Difusas: Modernidade arquitectónica e processo histórico*. In *Arquitectura e Arte* nº45 *Memórias Difusas*. Lisboa: Futur Magazine. Maio 2007. Página 11. Citando Safford Kwinter

22. ZUMTHOR, Peter; *Pensar a arquitectura*. Barcelona. Gustavo Gili. 2005. Página 53

23. ZUMTHOR, Peter; Idem. Página 9

24. TRAVANCA, Margarida; *A memória e a transformação: a quinta do bom gosto*. Porto: FAUP. 2010/2011. Página 114. Prova Final

como ferramenta imprescindível a memória individual do corpo e da experiência dos lugares: “quando trabalho num determinado projecto, deixo-me guiar por imagens e ambientes da minha memória, que consigo relacionar com a arquitectura que procuro.”²⁵ Por exemplo, o arquiteto sabe o que é sentir conforto num determinado espaço, logo a memória desse ambiente é que vai servir de referência para conseguir proporcionar a mesma sensação no espaço que projeta.

As referências são os instrumentos que um arquitecto possui; é o seu património de conhecimentos, de informações. Elas são a soma de todas as experiências que é possível conhecer e empregar. No contexto de um trabalho concreto, o arquitecto utiliza esses instrumentos em função desse contexto e já não se trata de uma posição crítica, mas a utilização o mais prudente possível em relação a uma dada situação.²⁶

Em arquitetura, a memória tem impacto em tudo o que o Homem constrói, ele não começa do nada, tem o passado como suporte para novas criações. O processo projetual desenvolve-se assim, a partir de uma teia mais ou menos complexa de referências - memórias - que tanto pertencem ao local, ao cliente, como ao mundo privado do arquiteto.²⁷

Os edifícios antigos “possuem, antes de mais, um valor afectivo de memória para aqueles para quem, desde há gerações, eles eram o território e o horizonte e que procuram não ser deles desaposados.”²⁸ Eles são importantes na construção da identidade de um lugar para aqueles cuja história de vida se confunde com a história dos próprios edifícios. Embora estes edifícios possam não ser classificados como património nacional, poderão ser entendidos como património pelos seus proprietários.

Desta forma, a análise histórica continua a ser imprescindível para quem, numa intervenção, procura o necessário equilíbrio entre o novo e o antigo, a história do edifício, a memória coletiva e as necessidades do presente. Nesse sentido, fazendo referência a Álvaro Siza, Alexandre Alves Costa afirma que “Os instrumentos de reconhecimento do real chamam-se História, a arte de construir a transformação, chama-se Arquitectura. Uma sem a outra chama-se fracasso da arquitectura

25. ZUMTHOR, Peter; *Pensar a arquitectura*. Barcelona. Gustavo Gili. 2005. Página 23

26. SIZA, Álvaro; *Álvaro Siza: uma questão de medida*. Casal de Cambra, Caleidoscópio. Março de 2009. Página 27

27. “O arquitecto trabalha manipulando a memória, disso não há dúvida, conscientemente, mas a maioria das vezes subconscientemente. O conhecimento, a informação, o estudo dos arquitectos e da história da arquitectura tendem ou devem tender a ser assimilados, até se perderem no inconsciente de cada um.” SIZA, Álvaro; *Imaginar a Evidência*. Lisboa, Edições 70. 2000. Página 37

28. CHOAY, Françoise; *A Alegoria do Património*. Trad. Teresa Castro. Lisboa; Edições 70. 2000. Página 192

contemporânea.”²⁹ A História deve ser entendida como matéria base enriquecedora da nova arquitetura, mas não como objeto de cópia. Como afirma Siza, “repetir nunca é repetir.”³⁰ Para concluir, é lógico afirmar que a memória é uma ferramenta imprescindível para o arquiteto projetar. Todos projetam manipulando a memória, consciente ou inconscientemente. Cada um recorre à sua base de dados na procura de exemplos ou soluções que sustentem as suas opções projetuais. Todos colecionam vivências, experiência, imagens, até mesmo ídolos, auxiliares à invenção que ficam armazenados na sua memória. Estas referências acumulam-se, organizam-se e transformam-se em substância para uma ação criadora, nascendo o projeto.

Para ser um verdadeiro arquitecto, é necessária uma enorme quantidade de conhecimentos, uma grande sabedoria. Uma sabedoria cujo o lugar natural é a memória de onde ir retirar para, com outros ingredientes provenientes de outras fontes, destilar os materiais com os quais se produz essa criação artística que é a Arquitectura.³¹

29. COSTA, Alexandre Alves – *Ações Patrimoniais: Perspectivas Críticas*. Entrevista por Luís Santiago Baptista e Paula Melâneo. In *Arquitectura e Arte* nº 82 / 83 *Ações Patrimoniais*. Lisboa: Futur Magazine. Julho / Agosto 2010. Página 24. Citando Álvaro Siza

30. SIZA, Álvaro; *Imaginar a Evidência*. Lisboa, Edições 70. 2000. Página 15

31. BAEZA, Alberto Campo – *Ações Patrimoniais: Perspectivas Críticas*. Entrevista por Luís Santiago Baptista e Paula Melâneo. In *Arquitectura e Arte* nº 82 / 83 *Ações Patrimoniais*. Lisboa: Futur Magazine. Julho / Agosto 2010. Página 29

Como Atuar

Por um lado, os edifícios têm de ser melhorados, adaptados às necessidades do presente, por outro, as marcas do passado não devem ser apagadas. Assim definir princípios e decifrar o que deve ou não ser protegido é o ponto de partida.

O problema do desenho não existe; existe o problema do redesenho. Desenhar deve ser um fenómeno de inteligência, e desenhar do zero é um fenómeno de estupidez, porque é perder um legado de informação disponível. Portanto, se o desenho é um fenómeno de inteligência, tem de perceber o fenómeno em que se vai inserir.³²

Um dos primeiros passos para a realização de uma intervenção consciente no património será perceber o fenómeno em que se vai intervir, para poder tirar partido dele. É necessário procurar um diálogo entre o preexistente e o novo, uma ligação entre duas realidades que vivem um mesmo contexto, embora separadas no tempo. É preciso que estas realidades sejam uma só e para que isso aconteça é necessário conciliar os três fatores: identidade, tempo e memória.

O património reflete as intervenções de que foi alvo ao longo da sua história. Cada operação resulta numa nova marca do seu tempo. Associado à memória coletiva, as nossas construções são o reflexo da nossa história. Deixar que se degradem, deixar que se apague o nosso passado é perder a nossa identidade. Mais do que conservar ou restaurar, é crucial perceber qual o significado quer perante o cliente, quer para o contexto.

Qualquer intervenção deve ter como objetivo prolongar a vida do edifício no tempo. Sendo assim, o arquiteto, apesar da necessária intervenção, deve perceber a importância do edifício, descobrir a sua essência, para conseguir preservar o seu simbolismo, garantindo que a sua memória, identidade e sensações permaneçam no presente.

32. MOURA, Eduardo Souto de – *A Ambição à obra anónima*. In TRIGUEIROS, Luiz; *Eduardo Souto de Moura*. Lisboa: Blau. 1994. Página 30

Projetar a Transformação

Reabilitar um edifício antigo é adaptá-lo a novos usos. “Adaptá-lo” pode querer dizer apenas dar-lhe uma limpeza ou parti-lhe duas paredes por dentro (os “novos usos” necessitam a maioria das vezes, de espaços não muito diferentes dos “antigos” usos). Mas reabilitar um edifício pode ser encontrar-lhe a alma, a vocação que andava perdida: o que nunca tinha “chegado a ser.”³³

Dependendo da realidade sobre a qual se intervém, o grau de transformação poderá ser mais ou menos acentuado. No entanto, não é obrigatório ser os edifícios antigos a adaptarem-se a “novos usos”, pois os “novos programas” ou “novos usos” também se podem adaptar aos edifícios antigos. Segundo o arquiteto Álvaro Siza, “A questão é como adaptar os novos programas aos edifícios históricos, e isto é um desafio para o arquiteto porque o uso não justifica tampouco a transformação dos edifícios a qualquer preço.”³⁴

(...)a arquitectura dos próximos anos será marcada pela prática da recuperação. Recuperação e criação serão complemento e não especialidades passíveis de tratamentos autónomos. Reconhecer-se-á que não se inventa uma linguagem. Reconhecer-se-á que a linguagem se adapta à realidade e para lhe dar forma. Tudo será reconhecido como património colectivo e, nessa condição, objecto de mudança e de continuidade.³⁵

De seguida, serão analisadas algumas obras realizadas no norte de Portugal que tratam a temática da recuperação e reabilitação, temas esses que têm vindo a afirmar-se, sendo já uma prática comum em todo o mundo. Com esta análise pretende-se perceber como os arquitetos abordam os temas identidade, tempo e memória, bem como se aceitam ou não o desafio da tradição, quais as referências adotadas e como se materializam as soluções.

Numa procura de analogias com problemáticas do projeto de transformação da Casa da Baldrufa, escolheram-se preferencialmente edifícios inseridos em ambiente rural e de escala familiar. A escolha tenta abranger diferentes casos de intervenção, desde a postura que procura a integração com a preexistência do edifício, até à postura mais intervencionista, focando-se na interpretação da ruína.

33. DIAS, Manuel Graça – *Errónea Equivalência Dicotómica*. In *Jornal dos Arquitectos* nº136/137 – *Reabilitação. Conservação*. Lisboa: AA. Jun/Jul, 1994. Página 21

34. SIZA, Álvaro - *EL Sentido de las Cosas*. Juan Domingo Santos, Una Conversación com Álvaro Siza. In *El Croquis* nº140 – *Álvaro Siza 2001 - 2008*. Madrid: 2008. Página 18. Tradução do espanhol pelo autor

35. COSTA, Alexandre Alves – *Ações Patrimoniais: Perspectivas Críticas*. Entrevista por Luís Santiago Baptista e Paula Melâneo. In *Arquitectura e Arte* nº 82 / 83 *Ações Patrimoniais*. Lisboa: Futur Magazine. Julho/Agosto 2010. Página 24. Citando Álvaro Siza



062

062. Convento de Santa Maria, Guimarães.

Fernando Távora

Távora trabalha e molda a preexistência, usa-a como matéria de projecto. Relê nela o fluir da história e, aceitando sobreposições ou oposições estilísticas ou de linguagem, usa todos os meios para a clarificar. Não prescindindo da investigação histórica e arqueológica, anota fases de desenvolvimento dando-lhes, sem moralismo, uma nova dignidade. A intervenção actual é mais uma, desenhada com regras claras que resultam da interpretação da história, incluindo a contemporânea.³⁶

Fernando Távora, uma figura marcante na arquitetura portuguesa, esteve na origem da “Escola do Porto”, contribuindo para a sua definição e metodologia através da publicação do texto “O Problema da Casa Portuguesa”. Esta metodologia assenta num profundo conhecimento da tradição, da cultura e história, criando um método projetual para que a obra esteja harmoniosamente em sintonia com o lugar.

Foi um dos protagonistas no debate nacional acerca da preservação do património arquitetónico, levantando questões fundamentais, ainda atuais, em processos de reabilitação – a da relação entre a linguagem do novo e do antigo, do moderno e do tradicional. Defensor de uma arquitetura dialogante com as formas do passado em busca de uma continuidade arquitetónica, projeta as suas obras através desta relação inteligente entre o presente e o passado, construída com grande sensibilidade e conhecimento da História.

Fernando Távora compartilha com Ruskin o valor da arquitetura antiga, colocando em posição de destaque a história, a cultura e o património. Porém, é através da construção de interpretações e analogias com a cultura tradicional portuguesa que cria a sua obra. Távora afirma que “(...)a História vale na medida em que pode resolver os problemas do presente e na medida em que se torna um auxiliar e não uma obsessão.”³⁷

Por exemplo, no longo processo de recuperação e ampliação da Pousada do Convento da Costa, o próprio Fernando Távora esclarece a metodologia adotada ao referir que “o critério geral adoptado (...) foi o de continuar inovando, isto é, o de contribuir para a vida já longa do velho edifício (...)”³⁸

36. COSTA, Alexandre Alves. In AA.VV. Fernando Távora. Corunha: COAG, 2002. Página 60

37. TÁVORA, Fernando - *Falsa Arquitectura*. In TRIGUEIROS, Luiz; *Fernando Távora*. BLAU, Lisboa. 1993. Página 12

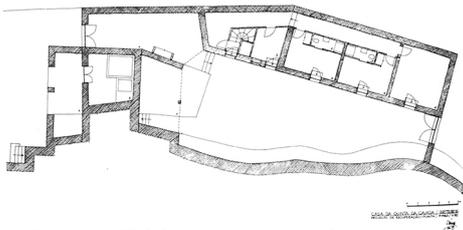
38. FERRÃO, Bernardo José - *Tradição e Modernidade na obra de Fernando Távora 1947/1987*. In TRIGUEIROS, Luiz; Idem. Página 36. Citando Fernando Távora



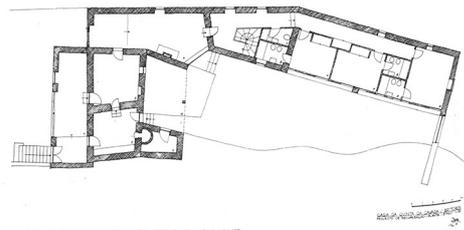
063



064



065



063 e 064. Imagens do exterior da Casa de Briteiros; 065. Plantas do piso térreo e superior.

Pretendeu-se aqui um diálogo, afirmando mais as semelhanças e a continuidade que cultivando a diferença e a ruptura. Tál diálogo constitui um método pelo meio do qual se sintetizaram as duas vertentes complementares a considerar na recuperação de uma preexistência: o conhecimento rigoroso da sua evolução e dos seus valores através da arqueologia e da história e uma consciência criativa na avaliação destes valores e na elaboração do processo da sua transformação.³⁹

Em síntese, para Távora, a preservação do património passa pela sua utilização, pelo prolongamento e continuidade da sua vida. E, para que tal aconteça será necessário proceder a intervenções de adaptação e transformação, para corresponder às necessidades do Homem.

Património não pode ser apenas aquilo que os antepassados (...) nos deixaram. O património resulta duma criação permanente e colectiva e o próprio acto de recuperação do património tem de ser um acto de criação e não um acto de rotina burocrática ou de capricho pessoal.⁴⁰

Casa de Férias em Briteiros, Guimarães 1989-1990

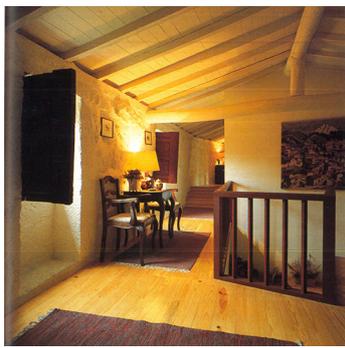
A casa, implantada em Briteiros, na província do Minho, é constituída por um conjunto de peças arquitetónicas que ao longo do tempo foram nascendo e sofrendo alterações devido à necessidade de adaptação ao tempo, ao lugar e ao usuário. Em 1990 o arquiteto Fernando Távora intervém na preexistência adaptando-a a um novo uso. “Tál novo uso é agora o de uma casa de férias, recuperando a antiga casa agrícola hoje sem sentido perante a situação da economia da terra.”⁴¹

No processo de intervenção do conjunto, Távora opta por realizar a obra de uma forma pouco consensual. Pois, depois de feitos os primeiros esquiços de levantamento, chama um empreiteiro local, que domina as técnicas tradicionais de construção, para rapidamente se iniciarem os trabalhos de recuperação. Assim, o trabalho de estirador, que é o mais comum nestas situações, foi substituído pelo acompanhamento próximo da obra e dos artesãos.

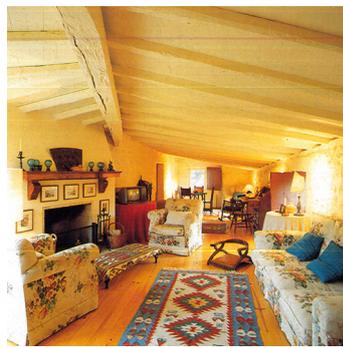
39. FERRÃO, Bernardo José; Idem. In TRIGUEIROS, Luiz; Idem. Ibidem. Citando Fernando Távora

40. FERRÃO, Bernardo José; Idem. In TRIGUEIROS, Luiz; Idem. Página 40. Citando Fernando Távora

41. TÁVORA, Fernando. In TRIGUEIROS, Luiz; Idem. Página 160. Memória descritiva



066



067



068

066 e 067. Imagens do interior da Casa de Briteiros; **068.** Caixilharias dos quartos.

A nova casa de férias nasceu, assim de um acto projectual bem diferente do comum: Visitas intensas aos trabalhos, decisões circunstanciais sobre sempre novos problemas com paralelo esforço de manutenção da unidade do trabalho, pouco desenho de atelier, relação permanente com o dono da obra e com as várias artes de construção.⁴²

O arquiteto, condicionado pelas novas exigências programáticas, procede a alterações tanto no interior como no exterior a nível formal. No interior, a existência de dois corpos, permitiu ao arquiteto atribuir-lhes funcionalidades distintas. No corpo mais extenso no terreno, onde se situam os quartos, foi redesenhada a compartimentação e um acesso vertical (ver imagem 066). No outro, bem mais compacto e com menos alterações a nível de compartimentação inserem-se as zonas comuns. De realçar que no interior o facto de o granito ser pintado de branco, torna os espaços mais iluminados (ver imagem 067).

No exterior, as caixilharias de madeira assumem grande importância na fachada, tanto pela cor como pelo seu desenho. No piso superior, do volume dos quartos, o vazio existente na fachada de pedra é preenchido por um conjunto único em madeira, castanha avermelhada, permitindo controlar as vistas de cada quarto através de aberturas de vãos mais pequenos com caixilharia branca. No piso inferior é utilizada uma linguagem semelhante no encerramento dos vãos das portas, conferindo unidade ao edifício.

Na recuperação da preexistência, Fernando Távora optou por um processo de transformação com base na continuidade e semelhança. Embora acrescente novos valores e necessidades, não ignora a tradição, criando assim uma unidade.

42. TÁVORA, Fernando. In TRIGUEIROS, Luiz; Idem. Página 162. Memória descritiva



069

069. Imagem da intervenção de Álvaro Siza na Quinta de Santo Ovídio, Alameda, Lousada.

Álvaro Siza

Álvaro Siza, reconhecido nacional e internacionalmente é a personalidade mais importante da arquitetura portuguesa contemporânea. Nas suas obras e no seu percurso é evidente a influência do arquiteto Fernando Távora, ambos recorrem frequentemente à História e à Tradição para resolver questões de relação com preexistências e com o contexto. A História, a Tradição, a noção de lugar e a utilização de materiais e técnicas tradicionais são premissas constantes na obra de ambos.

Começo um projecto quando visito um sítio (...). Outras vezes começo antes, a partir da ideia que tenho de um sítio (...). Um sítio vale pelo que é, e pelo que pode ou deseja ser – coisas talvez opostas, mas nunca sem relação (...). Nenhum sítio é deserto. Posso sempre ser um dos habitantes.⁴³

A noção de lugar é também influenciada pelo arquiteto Alvar Aalto, ajuda-o a observar o espaço como um todo e não como uma peça isolada. “(...) é a própria experiência existencial e projectual que me leva a ser cidadão daquele território durante um período. Sou parte, vivo naquele território. Vivo no sentido em que estou a projectar para ele, e estou a projectar em contacto com pessoas dali.”⁴⁴ Desta forma, Siza é capaz de projetar em qualquer parte do mundo, conseguindo realçar o ambiente próprio de cada sítio.

Relativamente à intervenção em património arquitetónico, Álvaro Siza prefere utilizar o termo recuperar⁴⁵ em vez de restaurar.⁴⁶ Para ele, recuperar não se restringe à matéria física, mas engloba também a atmosfera que envolve o património, característica que deve ser cuidada e preservada. “Tal como Ruskin, presta devoção à ruína e defende a passagem do tempo como um fenómeno irrepitível e irrecuperável mas, no entanto, considera absolutamente necessário intervir nos edifícios históricos para que estes possam sobreviver.”⁴⁷

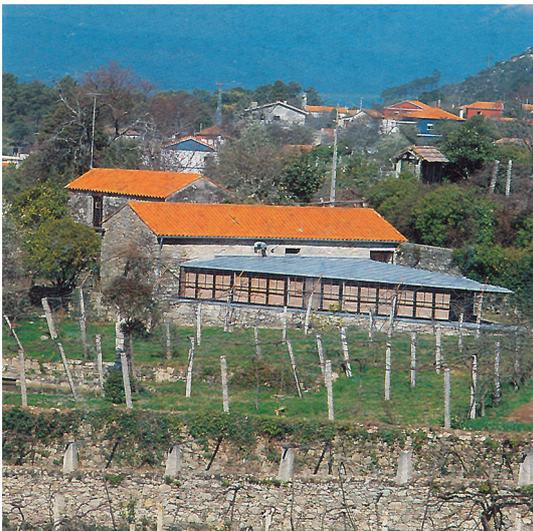
43. SIZA, Álvaro. *Textos 01*. Porto Civilização Editora, 2009. Página 27

44. PIMENTEL, Maria Inês; *Reabilitação | A intervenção como transformação formal*. Porto: FAUP. 2010/2011. Página 83/84. Dissertação de Mestrado. Citando Álvaro Siza

45. “Recuperar é algo que vai para lá do físico e do material (...) para mim tem a haver com coisas muito diferentes, inclusivamente culturais, e não só com a arquitetura ou construção”. SIZA, Álvaro – *El Sentido de las Cosas*. Juan Domingo Santos, Una Conversación com Álvaro Siza. In *El Croquis 140 – Álvaro Siza 2001/2008*. Madrid, El Croquis Editorial. 2008. Página 22. Tradução do espanhol pelo autor

46. “Nunca trabalhei na restauração de um edifício. A minha ideia de “restauração” tem a haver com a consolidação da parte material de um edifício importante, independentemente da sua função”. SIZA, Álvaro; *Idem*, *Ibidem*. Tradução do espanhol pelo autor

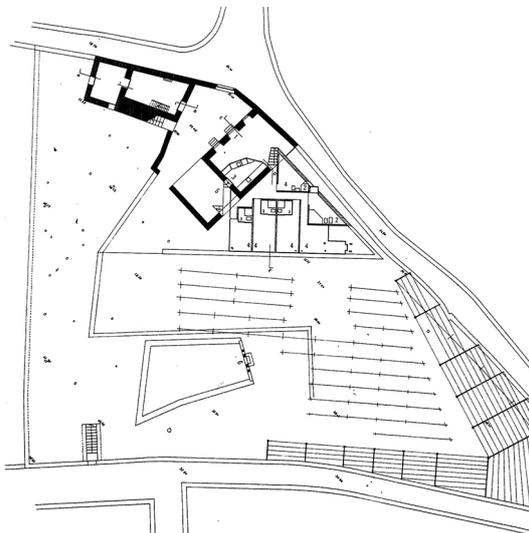
47. TRAVANCA, Margarida. *A Memória e a Transformação a Quinta do Bom Gosto*. Porto: FAUP. 2010/2011. Página 60. Dissertação de Mestrado



070



071



072

070 e 071. Imagens do novo volume da Casa Alcino Cardoso em relação com as preexistências; **072.** Planta da primeira intervenção na Casa Alcino Cardoso.

Chama-me à atenção quando num edifício antigo se introduz sem critério nem justificação fragmentos de uma nova linguagem; é como colocar um rotulo da modernidade. Acredito que têm que se trabalhar com mais integridade quando enfrentamos o património, o que não impossibilita a modernização do uso do edifício.⁴⁸

A sua imensa sabedoria e conhecimento tanto cultural, como histórico e arquitetónico permitem a Álvaro Siza, quando recupera, assegurar a integridade do edifício, conservando a atmosfera do seu lugar, o seu carácter e a sua autenticidade, mas sem deixar de modernizar o seu uso e sem recear as novas tecnologias. É esta simplicidade do gesto que confere sentido ao novo volume, retirando-lhe a condição de acrescento. Assim, respeitando sempre o património e as preexistências, a arquitetura de Siza Vieira não deixa de ser atual, afirmativa e definidora de uma postura intervencionista.

Casa Alcino Cardoso, Moledo do Minho 1971 – 1973, 1988 -1991

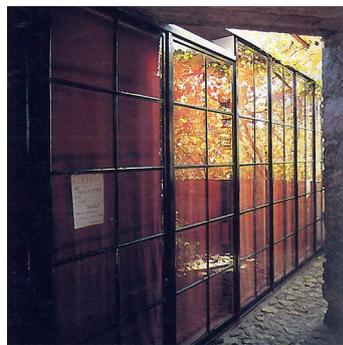
A Casa Alcino Cardoso, implantada em Moledo, é constituída por um conjunto de construções rurais, que foram alvo de intervenções em duas épocas distintas pelo arquiteto Álvaro Siza. A primeira intervenção – conversão da quinta vitivinícola em casa de férias – consistiu na recuperação das duas construções abandonadas, acrescentando um novo corpo, para responder ao programa, e na construção de uma piscina. Passados vinte anos dá-se a segunda intervenção, o proprietário une a quinta aos terrenos adjacentes, e com base nas construções rurais existentes pede ao arquiteto o projeto de remodelação para a conversão em turismo rural.

Na presente dissertação, tendo em atenção as características do projeto, achou-se pertinente analisar apenas as intenções da primeira intervenção. Condicionado pelas novas exigências programáticas, Álvaro Siza tem a necessidade de desenhar um novo corpo, onde coloca os quartos. Este, parcialmente semienterrado, estabelece uma relação de escala clara com o volume preexistente. O novo corpo, que se afasta do desenho da preexistência para se relaciona com a

48. SIZA, Álvaro - *EL Sentido de las Cosas*. Juan Domingo Santos, Una Conversación com Álvaro Siza. In *El Croquis* nº140 – *Álvaro Siza 2001 - 2008*. Madrid: 2008. Página 18. Tradução do espanhol pelo autor



073



074



075

073 e 074. Imagens do novo volume da Casa Alcino Cardoso em relação com as preexistências; **075.** Piscina projetada por Siza Vieira na Casa Alcino Cardoso.

paisagem envolvente – a sua altura corresponde à altura dos suportes da vinha –, destaca-se pela sua forma de polígono triangular e pelos materiais utilizados - vidro e madeira -, assumindo-se claramente como um volume contemporâneo. A interseção entre o volume novo, os quartos, e o antigo, sala e cozinha, é feita de forma contrastante, uma pequena escada resolve as diferenças de cotas interiores entre os dois volumes, marcando o ponto de transição.

Nos espaços exteriores, “resíduos de silharia emergem em degraus, bancos, esteios, totems, parapeitos, e tortuosos pavimentos; um pathos aparentemente arcaico, mas cronologicamente indefinido, que é consciente e selectivamente manipulado pelo arquitecto através de uma quase prospecção arqueológica.”⁴⁹ A piscina, projetada mais tarde, está implantada num socalco inferior às habitações e orientada segundo a trajetória do sol. Foi desenhada como um tanque de rega arcaico, surgindo da memória da paisagem minhota. Segundo o arquiteto Álvaro Siza, a piscina “queria estar relacionada com tudo o que a rodeia – o novo e o velho – como se fosse uma intermediária ou uma (im)possível síntese”⁵⁰ do conjunto.

Esta intervenção, assente na rejeição de projetar segundo metodologias preestabelecidas, é um claro reflexo do seu modo de fazer arquitetura. Álvaro Siza “transforma-se num hermeneuta, confrontando interpretações territoriais no reencontro da História com o presente.”⁵¹ Interpretou a história, as tradições construtivas e culturais locais, e criou arquitetura nova em harmonia com o contexto onde está inserida.

49. TRIGUEIROS, Luiz; *Álvaro Siza 1954-1976*. Lisboa: Blau. 1997. Página 140

50. SIZA, Álvaro. In CIANCHETTA, Alessandra, MOLTENI, Enrico; *Álvaro Siza: Casas 1954-2004*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SA, 2004. Página 72. Memória descritiva. Tradução do espanhol pelo autor

51. TRIGUEIROS, Luiz; Idem. *Ibidem*



076



077

076. Quinta de Bouçós em Valença do Minho; **077.** Casa Rural em Areias de Vilar, Barcelos.

Nuno Brandão Costa

A arquitetura de Brandão nasce da natureza e constrói-a. Por isso as suas obras viram-se constantemente para ela, e se elevam sobre o solo criando observatórios para a contemplação, permitindo aos usuários captar a paisagem através do seu olhar (...).⁵²

Nuno Brandão Costa formado na Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, em 1994, constrói o seu percurso e define uma linguagem própria. Nas suas obras é perceptível a influência dos arquitetos Fernando Távora, Álvaro Siza e Eduardo Souto de Moura – principais responsáveis pela metodologia da Escola do Porto.

A sua forma de fazer arquitetura é também influenciada, e muito, pelo estágio que fez enquanto estudante na dupla suíça Herzog & Meurron. Destes arquitetos apreende uma forma distinta de ver a arquitetura, em relação aos conhecimentos adquiridos na Escola do Porto, “(...) vi-me numa cultura totalmente diferente, centro-europeia, muito mais conceptual e racionalista. Provavelmente, alguma da geometria que as pessoas vêem na minha obra ainda vem desses tempos.”⁵³

Foi o gosto pelo desenho que conduziu Brandão Costa ao mundo da arquitetura, “Tudo começou pelo desenho. Sempre tive gosto pelo desenho e tinha que seguir qualquer coisa que tivesse a ver com ele.”⁵⁴ Tal como o arquiteto Álvaro Siza, vê o desenho como uma ferramenta imprescindível para o desenvolvimento do projeto, transmitindo-lhe certezas e antecipando a realidade.

Numa intervenção prefere o uso do termo transformação em detrimento de recuperação – afinal é do que se trata quando se intervém. Intervindo mais ou menos, mas sempre com a ideia de transformar o presente pois esse é o trabalho do arquiteto. Também não gosta de diferenciar a intervenção em património da intervenção de uma construção feita de raiz, uma vez que o raciocínio do arquiteto acaba por ser sempre o mesmo. Havendo construção ou não, há sempre

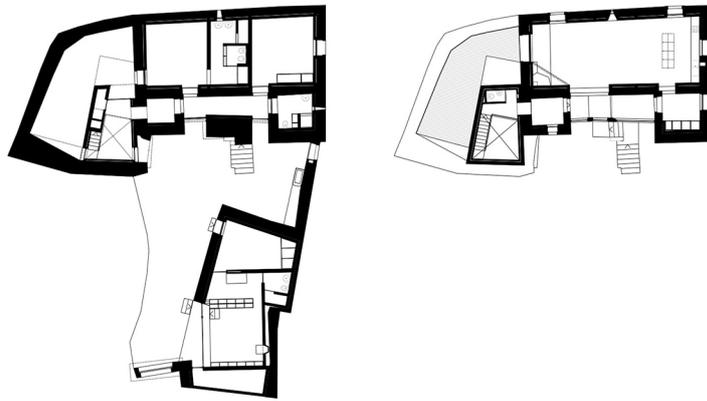
52. POZO, José Manuel – *construyendo la naturaleza con el tiempo*. In OTXOTORENA, Juan Miguel; *Nuno Brandao*. Pamplona: T6 ediciones. 2010. Página 7. Tradução do espanhol pelo autor

53. PIMENTEL, Maria Inês; *Reabilitação | A intervenção como transformação formal*. Porto: FAUP. 2010/2011. Página 119. Dissertação de Mestrado. Citando Brandão Costa

54. PIMENTEL, Maria Inês; *Idem*; *Ibidem*. Citando Brandão Costa



078



079

078. Casa Unifamiliar em Arga de Cima; **079.** Plantas do piso térreo e superior.

dados anteriores ao projeto com que o arquiteto deve trabalhar, há sempre algo existente antes de iniciar um projeto.⁵⁵

Na intervenção e ampliação de preexistências trabalha em sintonia com a envolvente e a história. Captando a realidade onde determinada intervenção se insere, estabelece um diálogo entre o antigo e o novo, imprime ao projeto contemporaneidade e uma linguagem adequada para cada contexto.

São já vários os projetos onde o arquiteto aborda este tema e que poderiam ser escolhidos para analisar na presente dissertação. Por exemplo, o Projeto de transformação da Quinta de Bouços em Valença do Minho (ver imagem 076), ou a transformação e ampliação de Casa Rural em Areias de Vilar, Barcelos (ver imagem 077). Contudo, achou-se pertinente fazer a análise da transformação da Casa Unifamiliar em Arga de Cima, Caminha, pelas características da intervenção.

Reconstrução de Casa Unifamiliar, Arga de Cima, Caminha 2005-2008

A casa, implantada numa pequena aldeia na região do Alto Minho, era constituída por um corpo principal com dois pisos, sem acesso vertical interior, e um anexo. Para que fosse possível a conversão numa casa de férias, era necessário intervir de forma profunda. “Perguntaram-me se naquela área seria possível uma casa, eu sem certezas, mas cismado na textura das pedras disse que sim. Comecei o projecto e descobri uma casa, afinal grande, entre os muros e as espessuras de uma mescla de granito e xisto.”⁵⁶ Assim, o projeto de reconstrução nasce de preexistências herdadas do passado, serve-se das pedras disponíveis para construir um novo edifício.

As pessoas que habitavam este tipo de casa durante o dia viviam fora de casa, na paisagem, e à noite na casa, estando as casas muitas vezes viradas para si mesmas. Agora, com o novo programa

55. Conferências nas cidades de Vigo e Pontevedra, 8 de Novembro de 2015. *Mesturas, Encontros Internacionais de Arquitectura Galicia-Portugal*.

56. COSTA, Nuno Brandão. In TC cuadernos serie dédalo, Tribuna de la Construcción nº90; *Nuno Brandão Costa Arquitectura 1998-2009*. Espanha: Ediciones Generales de la Construcción, 2009. Página 131. Memória descritiva



080



081



082



083

080 e 081. Imagens do exterior da Casa Unifamiliar em Arga de Cima; **082 e 083.** Imagens dos corredores do piso superior e inferior.

é o contrário, as pessoas vivem todo o dia em casa e querem ver a paisagem. Houve, assim, a necessidade de abrir a casa para a paisagem⁵⁷. No piso superior foi criado um novo vão, que dá acesso a uma varanda, também ela nova, permitindo uma nova relação com a Serra.

Uma das exigências do cliente era a existência de uma escada interior para conectar os dois pisos. Por falta de áreas de circulação interna, é construído em betão um pequeno corpo lateral com pé direito duplo, onde se introduz o Hall e o acesso vertical. Este elemento de betão cria também a cobertura da casa, permitindo criar uma nova altura dentro de casa, que não existia antes. Colocado sobre a massa de pedra original, este elemento branco de linguagem contemporânea abraça e unifica todo o conjunto, preenchendo as irregularidades existentes tanto horizontalmente como verticalmente, “Para além da laje e do corpo da nova escada, em betão, as pedras fizeram o resto: A sua presença, definiu os muros, as paredes, os pavimentos, interiores e exteriores. A sua ausência, desenhou as janelas, os vãos, as portas...”⁵⁸

Patente na imagem final da obra, a intervenção é muito clara, adaptando-se à ruína numa atitude de continuidade e de diálogo entre o novo e o antigo. Caracteriza-se pelo contraste entre a construção existente em pedra e a massa de betão branco, que devolveu à casa a funcionalidade perdida pelo passar dos anos.

Como consequência, a nova vida surge dentro destes muros marcados pelo tempo. Independentemente do tempo, a ruína renasce e dá lugar ao habitar. “... a casa ampliou-se, cheia de luz, e a vista sobre a Serra ficou ainda maior.”⁵⁹

57. 57. Conferências nas cidades de Vigo e Pontevedra, 8 de Novembro de 2015. *Mesturas, Encontros Internacionais de Arquitectura Galicia-Portugal*.

58. COSTA, Nuno Brandão. In Idem; *Ibidem*. Memória descritiva

59. COSTA, Nuno Brandão. In Idem; *Ibidem*. Memória descritiva

III

INTERVENÇÃO

Programa

Princípios de intervenção

Metodologia

Soluções Construtivas

Programa

Como foi referido anteriormente, para a conclusão do mestrado integrado em arquitetura pretendia-se realizar uma proposta de intervenção, partindo de uma situação em contexto real. Como não havia cliente e conseqüentemente encomenda, trata-se de um exercício académico, onde se desenvolve um estudo de suporte para a conceção de um projeto viável para o edifício, garantindo a sua continuidade e aspirando-se que desencadeie futuramente um incentivo para a sua intervenção real.

Perante este lugar real cheio de potencial num contexto rural, pensa-se um projeto, uma estratégia que valorize e recupere todos os elementos construídos que integram o conjunto designado por Casa da Baldrufa – portal brasonado, pelourinho, eira, fontanário e essencialmente a casa -, que devolva a essência ao edifício e à zona envolvente, adaptando-o a novos usos e funções, assim como às exigências atuais de conforto.

Deste modo, a definição do programa mais adequado para A Casa da Baldrufa, que serviu de base para toda a intervenção, foi das primeiras preocupações a ter em conta. A sua localização¹ - a 8 minutos a pé do centro histórico de Ponte de Lima - e o seu valor patrimonial de âmbito municipal foram preponderantes para a definição do programa. A Casa reúne, desta forma, as condições adequadas para se transformar num empreendimento turístico no espaço rural.²

As casas de turismo em espaço rural vieram dar às regiões portuguesas um potencial de desenvolvimento de um turismo de qualidade baseado em património, afetos e emoções, e para difundir a história e cultura das regiões. O Turismo em Espaço Rural - TER, nas suas diversas modalidades (turismo de habitação, turismo rural, agro-turismo, casas de campo, etc) encara o turista numa perspetiva social e humana e insere-o num ambiente diferente: acolhedor, familiar, privilegiando o contacto com o ambiente local, com as suas manifestações de vivências de cultura e de artefactos.³

1. A 2 minutos de carro do Centro Hípico, a 3 minutos do Golf de Ponte de Lima, a 5 minutos da Área protegida da Lagoa de Bertandos, a 30 minutos das praias de Viana do Castelo, a 30 minutos de Tui e a 45 minutos do Porto.

2. “São empreendimentos turísticos no espaço rural os estabelecimentos que se destinam a prestar, em espaços rurais, serviços de alojamento a turistas, preservando, recuperando e valorizando o património arquitectónico histórico, natural e paisagístico dos respectivos locais regiões onde se situam, através da reconstrução, reabilitação ou ampliação de construções existentes, de modo a ser assegurada a sua integração na envolvente.” In DIÁRIO DA REPÚBLICA, Ministério da Economia, Decreto-Lei nº 15/2014 de 23 de janeiro, 1ª série, Nº 16, 23 de janeiro de 2014. Capítulo II, Secção I, Artigo2º.

3. LOPES, José da C.- *Turismo e Ruralidade(s) no Minho-Lima. O Caso de uma unidade T.E.R. e o (Des)Envolvimento Local*; In AA.VV.; *Actas: casa nobre: um património para o futuro /3º Congresso internacional*. Arcos de Valdevez: C.M., 2013. Página 589

O aparecimento desta vertente turística, principalmente o turismo de habitação, contribuiu fortemente para a preservação e valorização do património edificado. Por exemplo, os solares e as casas senhoriais eram difíceis de sustentar devido ao seu elevado custo de manutenção, assim, a implementação do turismo permitiu a redução desse custo, tornando o imóvel praticamente autossustentável. Existem já variadíssimas casas no Concelho de Ponte de Lima que aderiram ao turismo de habitação, como é o caso da Casa do Outeiro em Arcozelo – uma das primeiras casas em Portugal a abrir as portas ao turismo -, a Casa das Torres na Facha, a Casa da Lage em São Pedro de Arcos, o Paço de Calheiros em Calheiros, entre outros.

Os empreendimentos de turismo no espaço rural podem ser classificados em três grupos distintos. O primeiro, casas de campo - é constituído por imóveis situados em aldeias e espaços rurais que se integram na arquitetura típica local. O segundo, agro-turismo - é formado por imóveis situados em explorações agrícolas que permitem aos hóspedes o acompanhamento e conhecimento da atividade agrícola. O terceiro, hotéis rurais - são empreendimentos turísticos que cumprem os requisitos de classificação aplicáveis aos estabelecimentos hoteleiros, podendo ainda instalar-se em edifícios novos.⁴

Desta forma, entendeu-se que o agro-turismo seria o tipo de turismo mais rentável para a Casa da Baldrufa. Como a casa não tem área suficiente para receber este tipo de turismo, a intervenção projetada engloba não só a recuperação e reabilitação das construções existentes, mas também a realização de novas estruturas, destacando-se os quartos para os hóspedes. Assim, através de uma intervenção contemporânea, pretende-se regenerar o espaço, efetuando uma fusão do existente com o proposto, de modo a privilegiar a essência do lugar.

Quando se faz um edifício, há forçosamente um programa com condicionantes que temos que admitir. Esses são aliás pontos de apoio necessários. Não trabalhamos no vazio, não é verdade? Mas quando as questões de função começam a ser resolvidas, começam a aparecer ideias de forma, em ligação com as condicionantes e por vezes com modelos. Posto isto, uma resposta funcional perfeita não produz, no entanto, uma forma clara. Começa nesse momento um outro tipo de desenvolvimento que consiste em libertar a forma do carácter funcional.⁵

4. DIÁRIO DA REPÚBLICA, Ministério da Economia, Decreto-Lei nº 15/2014 de 23 de janeiro, 1ª série, Nº 16, 23 de janeiro de 2014. Capítulo II, Secção I.

5. SIZA, Álvaro; *Álvaro Siza: uma questão de medida*. Casal de Cambra, Caleidoscópio. Março de 2009. Página 210

Princípios da intervenção

A construção da estratégia da intervenção, que tem como objetivo estabelecer mais um passo para a continuidade do ciclo de vida do edifício, nasce do compromisso entre o valor patrimonial do edifício, o seu estado de conservação e a vontade do autor. Embora se pretenda que a intervenção seja capaz de construir uma interpretação contemporânea do objeto, é pertinente que tenha um caráter transitório, garantindo todas as condições de habitabilidade e conforto que uma casa exige nos dias de hoje. Face a este cenário, o objetivo é fundir o novo com o antigo de uma forma subtil, em continuidade, sem exageros, de forma a permitir que o “peso” da história e a memória da construção continuem a ter presença dominante na vivência dos espaços.

A partir da definição programática e depois de realizada a análise e interpretação do objeto onde se vai intervir delimitamos alguns princípios de intervenção iniciais. No edifício existente, a intervenção passa pela sua recuperação, procurando-se definir o que é essencial manter, o que deve ser eliminado e o que pode ser adaptado. A introdução de um novo programa obrigou a pensar numa reformulação do ponto de vista funcional, principalmente na redistribuição dos espaços e articulações entre si.

O reaproveitamento do piso térreo, atualmente destinado a funções agrícolas e correspondente a aproximadamente 40% da área total da casa, surgiu como algo imprescindível para albergar a família do caseiro. Consequentemente, para um uso mais cómodo, propôs-se a articulação vertical entre os dois pisos pelo interior, algo que hoje é inexistente. Deste modo, a nova organização formal estabelecida para a casa determinou uma divisão clara do programa em duas zonas: no piso inferior, espaço privado – casa do caseiro – e no piso superior espaços sociais do turismo. Embora a intervenção passe por uma reformulação a nível programático, tenta adequar as funções propostas às antigas funções, gerando um ponto de equilíbrio para a preservação da alma do edifício.

Quanto ao novo conjunto proposto - os módulos dos quartos, a piscina e bar de apoio -, pretende-se que possa funcionar de forma autónoma. As premissas base orientadoras para a sua implantação encontram-se dissimuladas no lugar. A nova arquitetura proposta procura harmonizar sem disputar por protagonismo com o preexistente, procura atentadamente as soluções que o lugar faz transparecer. Para isso, investigaram-se as tradições arquitetónicas locais para, através de analogias com os sistemas construtivos, permitir diluir as diferenças entre o passado e o presente.



084

084. Espigueiro “tipo” de Ponte de Lima.

Metodologia

Antes de mais é importante realçar que as referências foram surgindo naturalmente no decorrer do processo de projeto, optando-se por integrá-las ao longo da descrição de modo informal e por apenas fazer referência àquelas que se foram assumindo como referências diretas, que mais influenciaram a proposta.

Embora durante o processo de projeto tenham existido vários conjuntos de soluções distintas, serão apresentadas apenas aquelas que retratam melhor as várias fases do projeto até à construção da proposta final.

Implantação do Conjunto

Nas casas senhoriais, tal como nos solares na Ribeira Lima é notório a influência de programas e traçados arquitetónicos mais modestos. Este tipo de edifícios “ainda cede ao peso do ambiente das coisas que o rodeiam, origens campónias dos construtores que o ergueram, e até das pessoas que o habitam.”⁶ Na Casa da Baldrufa como em muitas outras casas senhoriais que estiveram ligadas ao longo dos anos à agricultura, o sequeiro, na maioria da vezes, deixou de existir. Quando existia, surgia como um volume autónomo em relação à casa. Desta forma, os sequeiros foram sendo substituídos pelos espigueiros que também se relacionavam diretamente com a eira. Estes últimos surgem como “verdadeiros silos, erguidos sobre colunas e inatingíveis aos seus principais inimigos: os ratos e os passáros”⁷, sendo utilizados para guardar o milho - principal colheita desta terra.

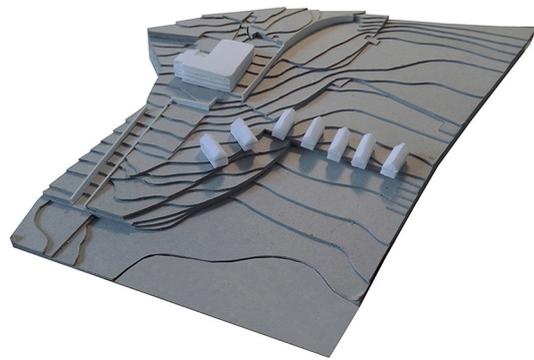
Uma vez que o espigueiro é visto como um símbolo das casas minhotas e inclusive está presente na Casa da Baldrufa - embora hoje reste apenas a sua base em granito -, houve desde o início do projeto interesse para a realização de uma reinterpretação do espigueiro para os módulos dos quartos.

6. AA.VV.; *Arquitectura Popular em Portugal*. 3ª ed. Lisboa Associação dos Arquitectos Portugueses. 1980. Página 52

7. AA.VV.; In Idem; Página 64



085



086



087



088

085. Plano de Urbanização de Ponte de Lima; **086.** Fotografia da maquete: implantação da proposta 1ª fase; **087.** Espigueiros Lindoso; **088.** Espigueiros Soajo.

Posto isto, e antes de procurar soluções para a implantação do novo conjunto turístico da Casa da Baldrufa, pareceu-nos imprescindível a realização de uma análise do Plano Diretor Municipal, nomeadamente o Plano de Urbanização de Ponte de Lima. Esta análise permitiu retirar algumas conclusões relativamente ao local a intervir, por exemplo, na planta de zonamento existe um apontamento da possibilidade de neste local poder vir a realizar-se um estabelecimento Hoteleiro. Também foi possível perceber que, embora a casa esteja implantada num terreno com aproximadamente 12000 m², apenas 4000 m² situam-se em área edificável. Nos restantes 8000 m² não é permitido construir devido à proximidade do terreno com duas vias viárias classificadas de coletoras. “Nas vias viárias colectoras é estabelecida uma faixa de protecção non aedificandi de 30 metros ao eixo das estradas de maior fluxo, de acordo com o limite desenhado na planta de zonamento.”⁸

Primeira Fase

Partindo destas condicionantes e atendendo à vontade de os quartos serem elementos não contíguos, chegou-se a uma primeira implantação. Esta consistia em aproveitar os socalcos existentes no terreno para implantar os módulos, surgindo a piscina numa cota superior. Embora esta solução cumprisse o objetivo de os módulos surgirem nos dois socalcos mais acentuados do terreno, percebeu-se desde logo que a sua implantação ganhava demasiado destaque, tirando protagonismo ao edifício existente.

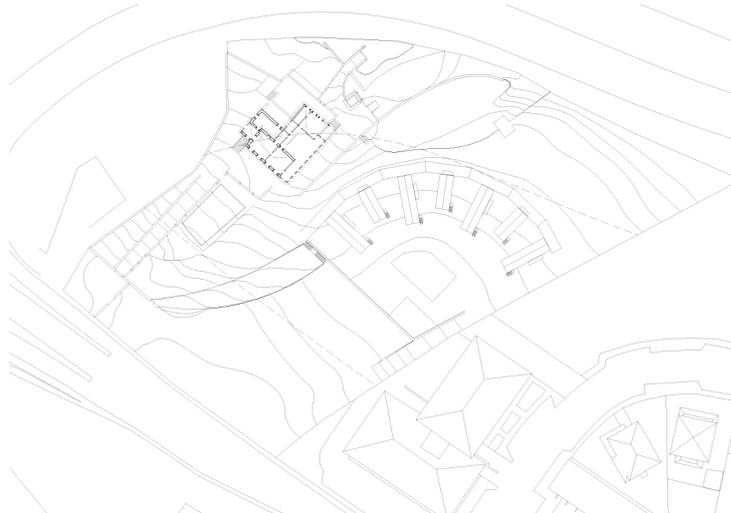
Sempre com a ideia do espigueiro presente na memória foi efetuada uma visita ao Norte do Parque Nacional da Peneda – Gerês.⁹ Visitaram-se lugares como o Santuário da Nossa Senhora da Peneda, a eira e respetivos espigueiros do Soajo em Arcos de Valdevez e também a eira e respetivos espigueiros tanto da Parada como de Lindoso, ambos em Ponte da Barca. Esta viagem foi essencial para perceber que, enquanto na zona da Ribeira Lima, onde predomina o povoamento disperso, os espigueiros encontram-se junto das casas dos seus proprietários. Nas zonas visitadas, de povoamento concentrado, os espigueiros – geralmente individuais - surgem agrupados em volta de uma eira comum, parecendo por vezes pequenas aldeias e constituindo um dos aspetos mais sugestivos da paisagem rural da serra minhota.

8. DIÁRIO DA REPÚBLICA, C.M. Ponte de Lima, Declaração nº 147/2008, 2ª série, Nº 75, 16 de Abril de 2008. Artigo 56º.

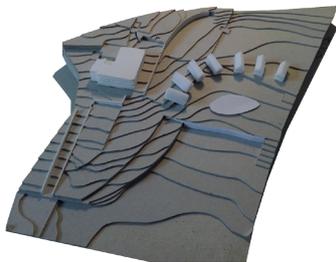
9. Esta visita permitiu visitar lugares já familiarizados devido a visitas feitas anteriormente em família.



089



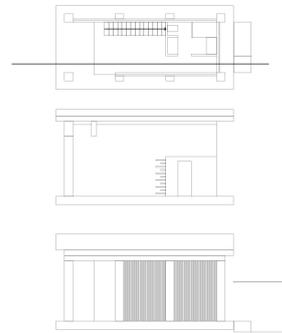
090



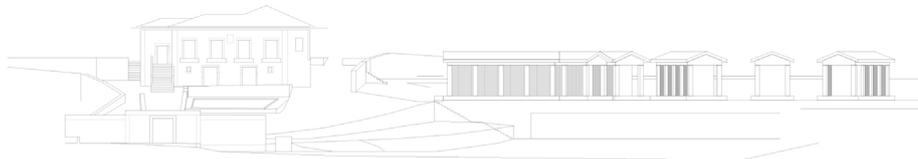
091



092



093



094

089. Fotografia aérea do agrupamento dos espigueiros do Soajo; **090.** Planta de implantação da proposta 2ª fase; **091.** Fotografia maquete: implantação da proposta 2ª fase; **092.** Fotografia maquete: primeira solução do módulo do quarto - reinterpretação do espigueiro. **093.** Desenhos da primeira solução do módulo; **094.** Perfil do conjunto 2ª fase.

Segunda Fase

Depois desta visita, chegou-se à conclusão que uma vez que os módulos dos quartos passariam pela reinterpretação do espigueiro, também a sua implantação poderia passar pela reinterpretação do agrupamento dos espigueiros do Soajo (ver imagem 089). Embora sejam programas totalmente distintos, existem semelhanças entre eles, pois os quartos, tal como os espigueiros, são elementos autónomos e privados. Por outro lado, a piscina e respetivo bar, tal como a eira, são espaços comuns. Desta forma, achou-se pertinente explorar uma implantação onde os quartos seriam implantados em volta da piscina de uso comum.

Sempre tendo em atenção a área onde se pode construir, surgiu uma nova implantação. Propunha-se a implantação dos módulos numa cota superior em relação à proposta anterior, formando um quarto de círculo e direcionando-se todos para a piscina (ver imagem 090 e 091). Numa cota inferior, aproveitando o socalco de maior declive, propunha-se enterrar o programa comum e de serviço para o funcionamento do turismo – lavandaria, área de máquinas e bar.

Tal como a implantação, também o módulo dos quartos sofreu alterações ao longo do desenvolvimento do projeto. Desde o início colocou-se o desafio de conseguir desenhar um módulo que, através da sua extensão longitudinal, fosse capaz de receber duas tipologias. Por um lado, um que incorporasse uma zona de estar, um quarto e uma casa de banho - T1. Por outro, um que pudesse incorporar mais uma casa de banho e um quarto com duas camas individuais - T2.

Uma vez mais, a reinterpretação do espigueiro para a realização dos módulos parecia ser um caminho possível e eficaz a seguir. Pois, na visita ao Soajo e a Lindoso foi possível reter que, independentemente do comprimento do espigueiro, este nunca ficava descaracterizado. Posto isto, chegou-se a uma primeira solução para o quarto, a ideia passava por um sistema construtivo com alguma semelhança com o espigueiro “tipo” de Lindoso. Do espigueiro usavam-se as balaustres de madeira e reinterpretavam-se em betão vários elementos, como o pé, as padieiras de baixo e de cima, as colunas, o pincho e a cobertura (ver imagem 092 e 093).



095



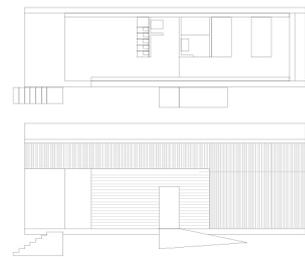
096



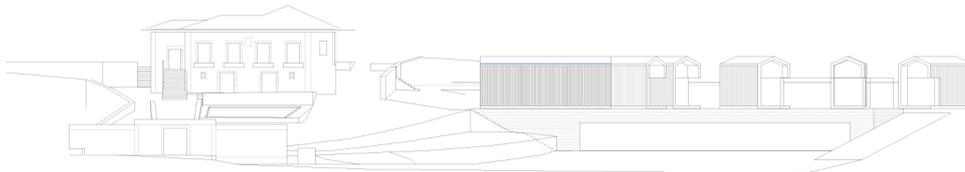
97



098



99



100

095. Reconversão de um Palheiro em Cortegaça; **096.** Casa em Vallemaggia; **097.** Fotografia maquete: segunda solução do módulo do quarto; **098.** Desenhos da segunda solução do módulo T1; **099.** Desenhos da segunda solução do módulo T2; **100.** Perfil do conjunto 2ª fase.

Os espigueiros do Lindoso e do Soajo, caracterizam-se pela sua grande largura e pequena altura; no Lindoso, estas dimensões são bastantes regulares e constantes: a altura das mós ao telhado, é sempre de cerca de 1,80m; a largura da camara (interior), de 1,25m; os pés tem alturas variáveis, por vezes até, como dissemos, no mesmo espigueiro, conforme o desnível do solo, mas com um mínimo de 80cm.¹⁰

Quando se introduziu o programa dentro da estrutura pensada, rapidamente se percebeu que a solução não poderia passar por uma reinterpretação direta do espigueiro. Porque a largura necessária para o funcionamento do módulo obrigaria que este fosse também bastante alto para não se perder a proporção do espigueiro, o que resultaria em pequenos “templos gregos” (ver imagem 094). Desta forma era necessário simplificar o módulo, era necessário que a solução passasse por uma reinterpretação contemporânea.

Partindo de algumas referências, a Reconversão de um Palheiro em Cortegaça de João Mendes Ribeiro, a Casa em Vallemaggia de Roberto Briccola, chegou-se a uma nova linguagem do módulo, onde o interior pouco se alterava em relação à antiga proposta. Tal como o espigueiro, o módulo continuava elevado em relação ao chão, como também acontece na Casa em Vallemaggia. A sua proporção era vista como uma mais valia para a realização de um piso superior, onde se desenvolvia o quarto principal com relação direta para a sala de estar à semelhança da Reconversão do Palheiro em Cortegaça.

Esta solução do conjunto turístico, quando vista de forma autónoma, era clara tanto a nível funcional como de implantação. Contudo, chegou-se à conclusão que, observando-se a implantação na globalidade, o conjunto aparecia isolado, resultando numa solução que vivia para si. Isto porque virava costas ao edifício existente e em parte ao rio, para se voltar para a piscina e para a massa de árvores que delimita o terreno. Pode-se até mesmo afirmar que era uma solução que não aproveitava as potencialidades do lugar.

Era necessário repensar uma implantação que nascesse da topografia do terreno, que fosse capaz de valorizar o edifício existente e que aproveitasse as potencialidades do lugar. Partindo destas condicionantes foi imprescindível perceber qual as linhas de percurso fortes presentes no terreno. Desde logo o percurso de entrada na quinta é o mais marcante, sendo inicialmente anunciado por

10. DIAS, Jorge, OLIVEIRA, Ernesto Veiga de, GALHANO, Fernando; *Espigueiros portugueses: sistemas primitivos de secagem e armazenamento de produtos agrícolas*. 1ª ed. Dom Quixote: Lisboa, 1994. Página 63



101



102



103

101. Planta de levantamento com os principais percurso marcados; **102.** Casa do Turismo de Ponte de Lima; **103.** Pousada de Juventude de Ponte de Lima.

um antigo portal e depois flanqueado por muros de granito até às escadas de acesso ao piso superior da casa. Enquanto a casa foi habitada, existiu uma ramada que cobria o percurso em toda a sua extensão. O muro que separa a área de circulação em volta da casa dos terrenos destinados para o cultivo marca outro percurso, este faz a ligação dos dois pisos pelo exterior e permite a entrada na propriedade à cota superior, através de uma entrada de menor importância. Também as várias escadas e rampas presentes no terreno vão anunciando outros percursos, mas estes claramente menos relevantes (ver imagem 101). Quando se perceberam as linhas de percurso e a topografia do terreno sentiu-se que a solução para a implantação já estava dissimulada no lugar.

Terceira e última Fase

O projecto partiu da releitura e do redesenho das pré-existências mais evidentes. Os novos edifícios surgiram na continuidade dos muros evolventes e como por vocação, sobre pequenas construções já efémeras. (...) Entre as coisas preparámos com rigor alguns hiatos, pequenas pontuações, vírgulas, como num texto. Corrigimos cotas, drenamos águas, mudámos árvores, muros, escadas, para que tudo funcionasse melhor, parecesse mais “natural”(...).¹¹

Tal como o projeto de Anexos na rua da Vilarinha no Porto do arquiteto Eduardo Souto de Moura, a solução para a implantação da área turística nasce do reconhecimento e redesenho das preexistências mais evidentes. Partindo dos dois percursos, ambos longitudinais e mais marcados no terreno, foi possível, devido à topografia do mesmo, estabelecer mais dois transversais (ver imagem 103). Estes dois percursos em conjugação com os socalcos existentes serviram de base para a nova implantação. Embora exista um muro de suporte que separa o edifício existente da nova área proposta, esta pretende ser uma continuidade da intervenção na casa, estabelecendo relações diretas tanto visuais como a nível de acessos, mas sem tirar protagonismo ao edifício existente.

Os princípios base desta implantação são claros tanto a nível programático como de intensão. À semelhança da implantação anterior, também esta passa pela reinterpretação do agrupamento dos espigueiros do Soajo. A Casa do Turismo projetada pelo arquiteto João Álvaro Rocha e a Pousada de Juventude projetada pelo arquiteto José Guedes Cruz – ambos situados em Ponte de Lima – foram preponderantes para a evolução desta solução.

A Pousada de Juventude, relativamente próxima do objeto de estudo, está implantada numa

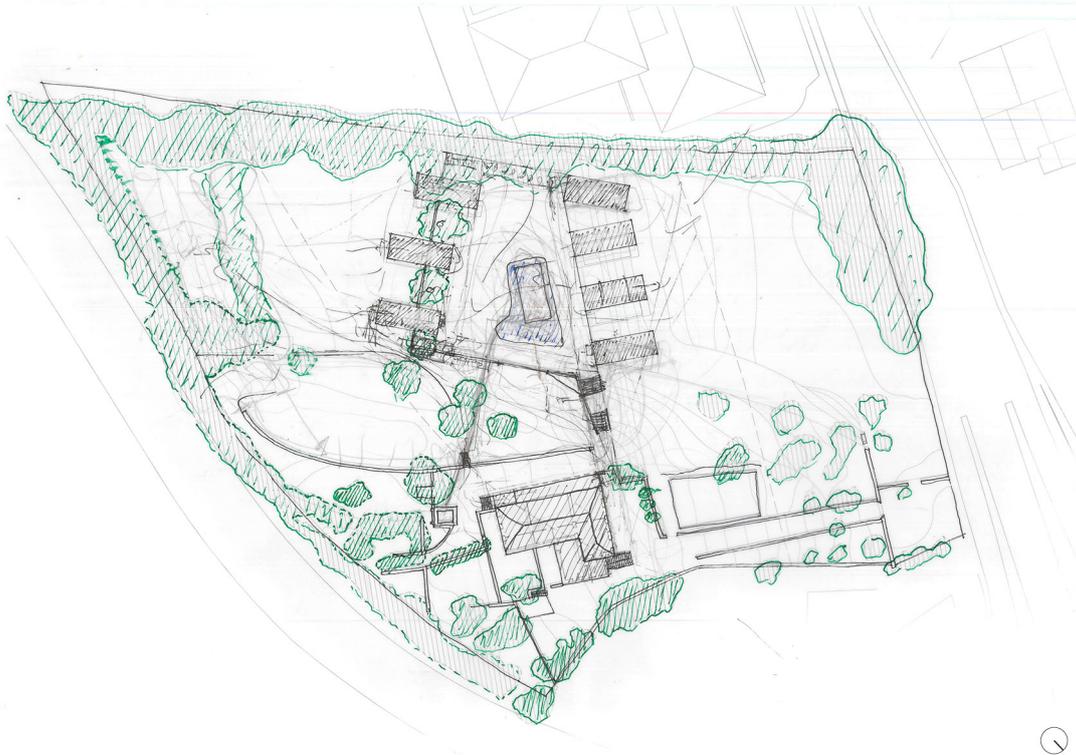
11. MOURA, Eduardo Souto de. In TRIGUEIROS, Luiz; *Eduardo Souto de Moura*. Lisboa: Blau. 1994. Página 94. Memória Descritiva



104



105



106

104. Volume horizontal dos quartos da Pousada de Juventude de Ponte de Lima e à esquerda o objecto de estudo; **105.** Fotografia da maquete: implantação da proposta 3ª fase; **106.** Esquízo implantação da proposta 3ª fase.

área que resulta, nos últimos 20 anos, do acumular de edifícios em contexto de loteamento. Quando observada do rio, ou até mesmo da estrada N203, a Pousada domina o conjunto. O longo paralelepípedo onde se situam os quartos, eleva-se acima do conjunto como uma caixa apenas apoiada em altos pilares cilíndricos que a afasta de qualquer outro corpo da Pousada. Ganha destaque em relação aos edifícios preexistentes, chamando à atenção para um equipamento de serviço e assumindo-se como um ponto de referência daquele lugar (ver imagem 104).

Tal como na Pousada, pretende-se que os quartos dos módulos se abram para a paisagem do Vale do Lima, oferecendo aos hóspedes sensações únicas pelo vivenciar da sua magnífica paisagem de carácter rural. A densa massa de árvores existente, que delimita o terreno a Sul, a Oeste e em parte a Noroeste, também evidencia a clareza dos princípios da solução, pois garante a total privacidade do conjunto em relação às construções próximas e permite, em direção a Norte, a visualização de parte da paisagem do Vale do Lima.

Recriando o agrupamento dos espigueiros do Soajo, chegou-se à solução para a implantação do conjunto. Aproveitando a topografia do terreno, implantam-se os módulos T2 no socalco existente de maior declive - paralelo à fachada principal da casa - e no socalco superior - local onde se projetava a implantação anterior - opta-se por criar um muro de suporte que delimita a “eira” em três lados. No lado Sul, o muro serve de suporte para os módulos T1, estando estes intercalados e mais elevados em relação aos T2. No lado Este, o muro incorpora a lavandaria e o bar, balneários e arrumos de apoio à piscina. Esta solução, ao contrário das apresentadas anteriormente, não vira costas à casa, mas sim nasce de um gesto de continuidade, integrando-se e dando ênfase à preexistência.

A presente implantação permite criar uma hierarquia a nível programático e espacial. Por exemplo, inicialmente pensava-se que a área para estacionamento poderia situar-se na cota inferior do terreno, próximo da entrada principal. Porém, com o avançar da proposta concluiu-se que faria sentido aproveitar a entrada existente na cota superior do terreno para realizar o estacionamento à cota alta. Desta forma, duplicando a massa de árvores, é possível isolar o estacionamento, não perturbando a vivência do conjunto.



107



108



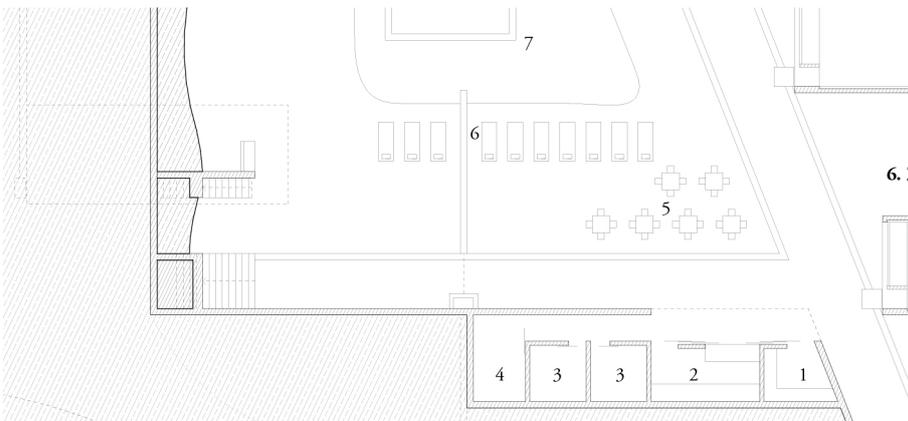
109



110



111



112

- 1. Lavandaria
- 2. Bar
- 3. Balneários
- 4. Arrumos
- 5. Esplanada
- 6. Zona de Espreguiçadeiras
- 7. Piscina

107 a 109. Canais de irrigação em granito e respetivo tanque existentes na propriedade; 110. Piscina pública em Richen, Suíça; 111. Piscina Casa do Gerês; 112. Proposta: bar com respetivas áreas de apoio e arranque da piscina.

Piscina e áreas de apoio

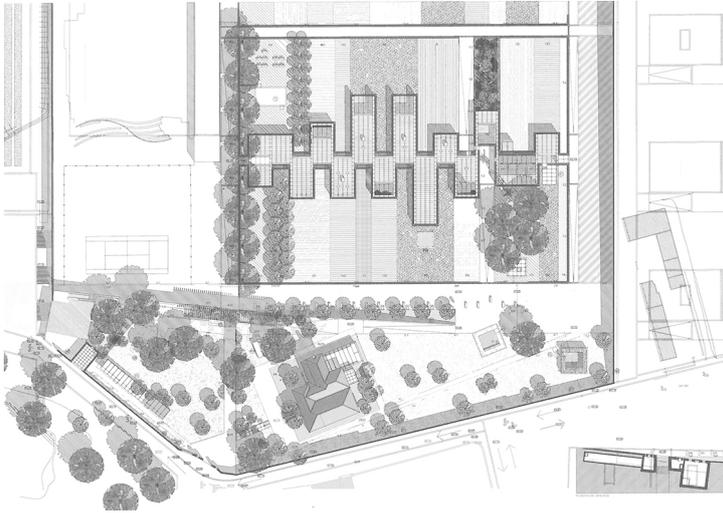
A existência de uma fonte com respetivo tanque à cota alta e de um canal de irrigação em granito, que conduzia a água para os terrenos inferiores, foi fundamental para a presente solução da piscina (ver imagens 107 a 109). A diferença de cotas entre o tanque existente e a piscina proposta possibilita, através da continuidade do canal de irrigação, a realização de uma piscina natural. Ao implantar-se a piscina no centro da área turística pretende-se, à semelhança da eira no agrupamento dos espigueiros, que esta possa ser a zona de maior “convívio” dos hóspedes, mas sobretudo que funcione como um “espaço cénico” deste núcleo. Não se pode pensar numa simples piscina para funcionar no verão, mas sim, numa piscina que, para além do seu uso normal durante o verão, também no inverno acrescente algo diferente à vivência do espaço, resultando num lago contemplativo.

Assim, partindo de algumas referências - a piscina pública, em Richen, dos arquitetos Herzog & de Meuron, a piscina da Casa do Gerês do arquiteto Carvalho Araújo-, chega-se à proposta final. Propõem-se a continuidade do canal de irrigação com elementos contemporâneos até à cota da piscina e a realização de um lago ornamental impermeabilizado com uma parte destinada a banhos e outra destinada a depuração da água. Como consequência, idealiza-se um ecossistema artificial, capaz de assegurar a qualidade da água através das várias espécies de animais e plantas, contribuindo para aumentar a biodiversidade na propriedade.

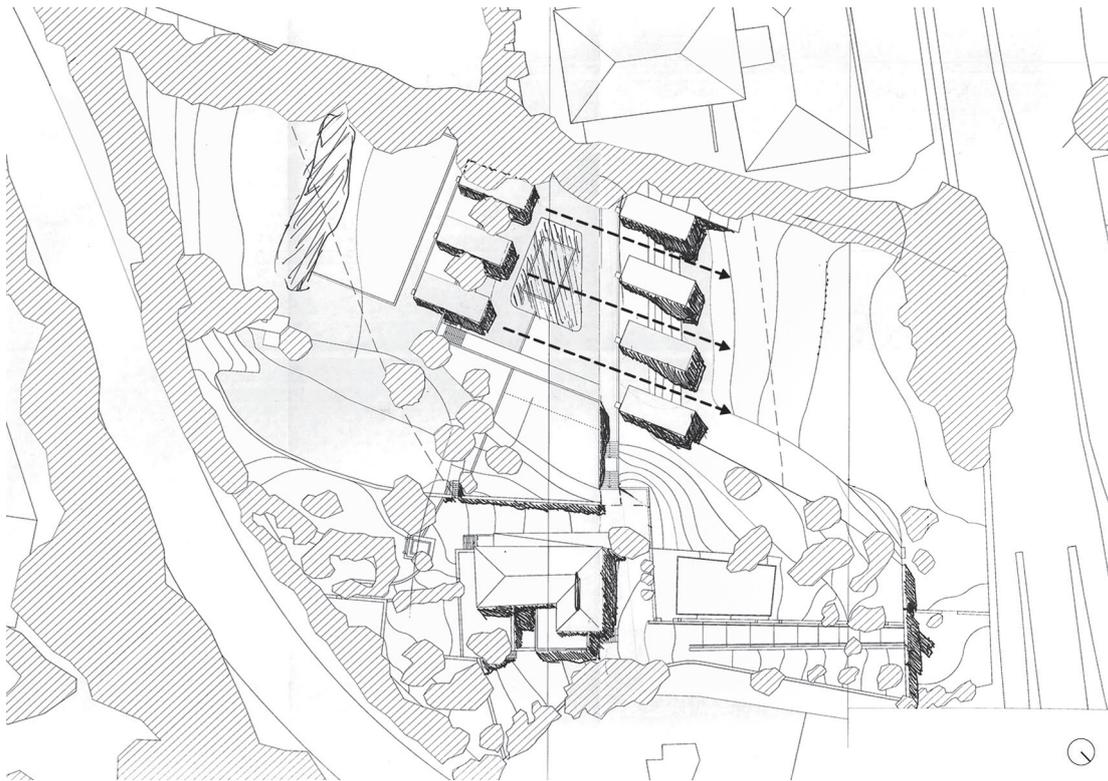
Para o bom funcionamento da piscina e do conjunto turístico foi necessário projetar uma lavandaria e balneários, arrumos e bar de apoio à piscina. Como se trata de programa secundário e não querendo retirar a harmonia entre os módulos e a piscina, opta-se por incorporar este programa no lado Este do novo muro que delimita a “eira”. Coloca-se assim a lavandaria no extremo Norte - com entrada autónoma - seguindo-se o bar e respetivo balcão e o corredor que dá acesso aos balneários e arrumos. A interrupção e recuo do muro anunciam estas áreas de serviço que são encerradas por portadas de correr em madeira,¹² permitindo a ventilação dos espaços (ver imagens 112).

A área destinada à esplanada situa-se em frente ao bar e propõem-se, à semelhança dos novos percursos da unidade turística, a utilização de saibro no piso. Também a zona destinada para colocar as espreguiçadeiras - esta com piso em relva - é colocada junto à esplanada, do lado Este da piscina, para um melhor aproveitamento da exposição solar.

12. Para não se perder a unidade do conjunto, estas portadas terão a mesma linguagem das que serão utilizadas nos módulos e no alpendre.



113



114

113. Implantação do complexo de Educação Ambiental da Maia; 114. Implantação da proposta final.

Módulos dos quartos

Embora o desenho e orientação dos módulos tenham passado por várias fases nesta solução, os eixos de implantação mantiveram-se. Desta forma, partindo da implantação final, descreve-se a evolução do respetivo módulo. Inicialmente estes acompanhavam as direções dos dois socalcos, propondo-se algumas exceções (ver imagem 113). Contudo, existiam ainda algumas opções na solução que não eram claras, principalmente quando se criavam as exceções. Era necessário simplificar mais: “Tudo deve ser simples e directo como sempre tem sido na tradição construtiva rural.”¹³

O Complexo de Educação Ambiental da Maia do arquiteto João Álvaro Rocha revelou-se fundamental para a solução final da unidade turística. Tal como na Casa da Baldrufa, a quinta onde se insere o complexo já possuía a sua própria casa. O arquiteto defendia que a presença da escola deveria apagar-se e não se impor, “a sua condição relativamente à casa existente, e agora transformada, é a de elemento secundário, como que um anexo, cuja a forma resulta do exterior e da relação de dependência que com ele que manter.”¹⁴ À semelhança do Complexo de Educação Ambiental escolheu-se uma direção – a do socalco superior onde se propõe um muro de suporte que delimita a “eira” – para implantar todos os módulos, a piscina e respectivas áreas de apoio (ver imagem 114).

Um dos principais problemas das soluções enunciadas nas fases anteriores resultava sobretudo da altura que os módulos apresentavam – estes tiravam protagonismo ao edifício existente devido à sua dimensão. Na nova solução, era necessário baixar a cêrcea dos módulos. Desta forma, definiu-se à priori que os módulos T2 ficariam a Norte – no socalco à cota inferior - e os T1 a Sul – no socalco à cota superior. Esta regra permite que todos os quartos fiquem orientados a Norte com visibilidade para o Vale do Lima.

A diferença de alturas dos dois socalcos, onde se colocam os módulos, permite que a resolução das duas tipologias deixe de ser pensada pela extensão longitudinal do módulo – como acontecia nas soluções anteriores – para ser resolvida pela existência de um ou dois pisos. A nível programático o módulo nunca sofreu grandes alterações, nos T1 propõe-se uma suite e uma sala de estar com lareira

13. ROCHA, João Álvaro. In *Arquitectura Ibérica #25 João Álvaro Rocha 2001-2007*. Caleidoscópio, Abril 2008. Página 88. Memória Descritiva

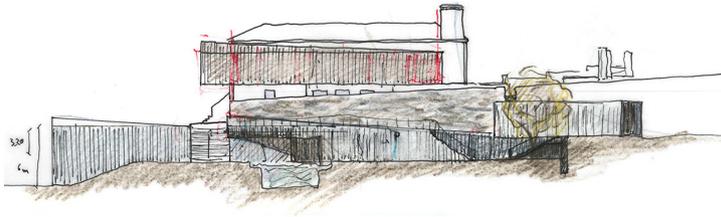
14. ROCHA, João Álvaro. In *Idem; Ibidem*. Memória descritiva



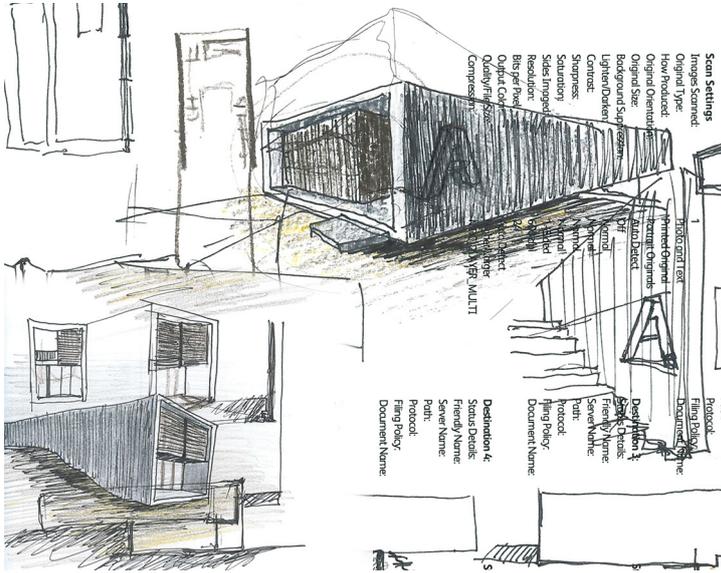
115



116



117



118

115. Casa Horizonte; 116. Casa no Gerês; 117. Esquicho do perfil das duas tipologias dos módulos perante o terreno e a casa; 118. Esquichos da imagem exterior dos módulos.

e um pequeno armário capaz de incorporar um frigorífico e micro-ondas. Nos T2, para além deste programa propõe-se mais um quarto – para os filhos dos hóspedes – com duas camas individuais e uma casa de banho. Tendo em atenção a localização da área destinada ao estacionamento, também é pertinente que a entrada principal dos respetivos módulos esteja orientada a Sul para um uso mais cómodo. Assim, como parte do programa e intenções são iguais nas duas tipologias, sugere-se que o piso principal seja semelhante.

Desta forma, foi necessário simplificar ainda mais a ideia de “espigueiro”, desistindo-se da cobertura de duas águas para pensar-se numa cobertura plana, resultando assim o exterior do módulo numa caixa. “A caixa tem sido um tema bastante frequente na arquitectura portuguesa destes últimos anos, explorando-se a autonomia da forma contentora, a qualidade dos seus limites e até a possibilidade das suas peles.”¹⁵ Desde a obra de Eduardo Souto de Moura até à de João Álvaro Rocha ou de Nuno Brandão Costa, é possível encontrar caminhos projetuais envolvendo a caixa.

Partindo da Casa Horizonte, em Girona, dos RCR Architects e a Casa do Gerês, da Graça Correia e Roberto Ragazzi, repensou-se um módulo capaz de se adaptar às duas tipologias. Chega-se assim à volumetria final do módulo, um embutido no terreno adaptando-se às suas cotas, o outro simplesmente pousado, criando um pequeno balanço no topo Norte (ver imagem 117). Pretende-se que a imagem do módulo se assemelhe a uma caixa de madeira dentro de uma outra em betão (ver imagem 118), permitindo criar homogeneidade com as restantes volumetrias – zona de apoio à piscina e alpendre da casa.

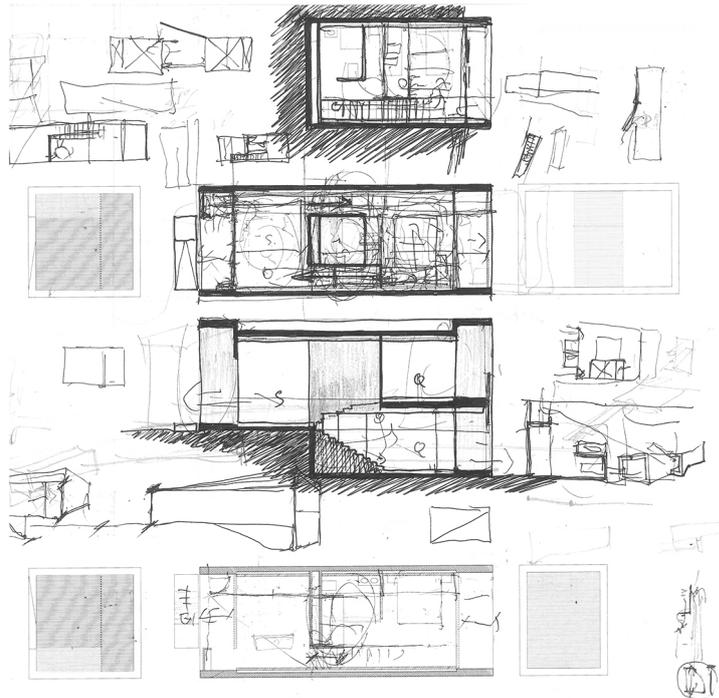
Assim sendo, o alçado sul é igual nas duas tipologias: uma “moldura” em betão que define os limites da “caixa” e uma parede de madeira que quebra para desenhar a entrada principal. Esta parede está dividida em três alturas iguais permitindo criar um vão ao meio para relacionar a sala com o exterior. Também o alçado Norte, embora com proporções diferentes, é bastante semelhante entre eles, pois no módulo T2 opta-se por colocar apenas portadas no piso superior para evidenciar ainda mais a “caixa” dentro de outra caixa.

Numa primeira fase, tendo como referência o projeto O Moinho do atelier WT Architecture, estudou-se a hipótese de o módulo do T2 poder funcionar por meios pisos, utilizando a sala como

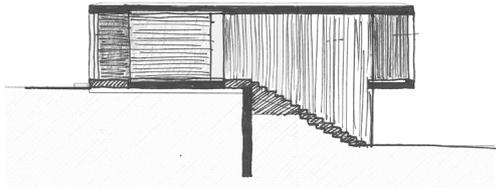
15. TOUSSAINT, Michel - *Um Arquitecto em Ponte de Lima*; In NEVES, José Manuel das; *Cidades Contemporâneas - Ponte de Lima - José Guedes Cruz*. Caleidoscópio, Fevereiro 2004. Página 19



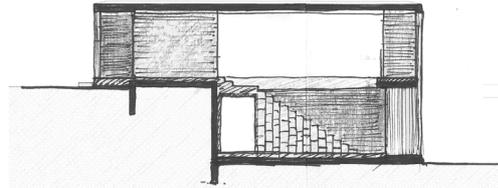
119



120



121



122

119. O Moinho do atelier WT Architecture; 120. Esquízo da evolução do módulo com a sala a servir de elemento de ligação entre os dois pisos; 121. Planta e corte da proposta dos módulos T1; 122. Planta e corte da proposta dos módulos T2.

elemento de ligação entre os dois quartos (ver imagem 120). Porém, por questões de proporção e de relação com os T1 e respetivo edifício existente, achou-se que a cêrcea deveria baixar mais. Assim, optou-se por abandonar a ideia dos meios pisos, mas manter os percursos nas laterais e casas de banho e lareira ao centro.

Como consequência, no interior propõem-se forrar as paredes laterais, o chão e o teto com madeira, optando-se por libertar as laterais para que esta continuidade entre planos seja ainda mais evidente. Desta forma, a escada interior que liga os dois pisos nos módulos T2 é desenhada de forma a ter o aspeto de um móvel. No piso superior, as várias funções são organizadas pelo posicionamento de uma “parede,” permitindo que os vários espaços fluam livremente. Esta forma um núcleo composto por lareira, roupeiro e casa de banho e destaca-se pela sua cor branca. A base de chuveiro, delimitada por um vidro fosco, encontra-se fora deste núcleo, permitindo criar vários momentos dentro do quarto (ver imagens 121 e 122).

Por conseguinte, chegou-se à solução final dos módulos, privilegiando-se sempre a semelhança como se aborda os vários problemas colocados pelas duas tipologias. Pretende-se que seja evidente como as opções tomadas no módulo T1 são influenciadas pelo módulo T2 e vice-versa (ver imagem 121 e 122). Por exemplo, a planta do T1 é semelhante à planta do piso superior do T2, optando-se apenas por fazer o quarto mais pequeno para permitir a existência de uma varanda voltada para a piscina e para o Vale do Lima. Também neste módulo, embora não exista piso inferior, considera-se pertinente manter a escada – coberta, mas passando a ser exterior –, permitindo a relação e ligação direta da sala com a área de piscina e bar.

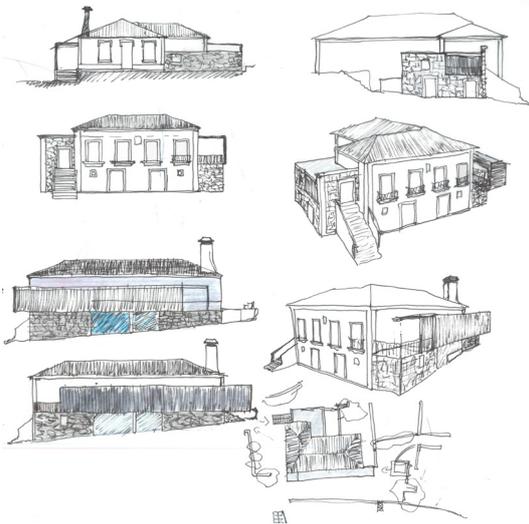
Assim, a partir da topografia e das características do terreno chega-se a uma implantação do conjunto turístico que nasce do reconhecimento e redesenho do lugar. Também o módulo é desenhado por forma a adaptar-se à topografia do terreno, privilegiando sempre o conjunto “A Casa da Baldrufa” e atribuindo o devido protagonismo ao edifício existente.



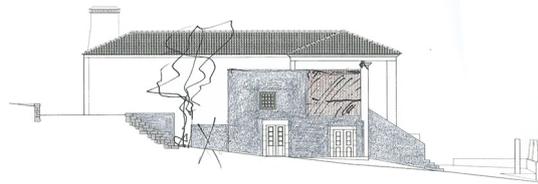
123



124



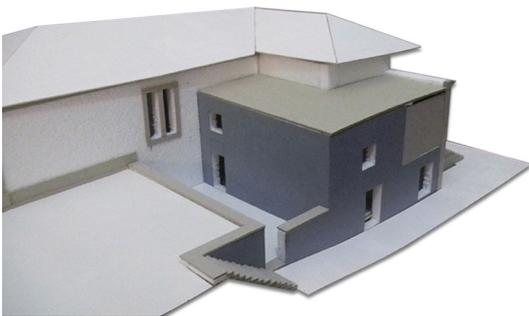
125



126



127



128



129

123. Diferença de materialidades no alçado Noroeste; 124. Diferença de materialidades e pormenor das águas da cobertura no alçado Sudeste; 125 a 127. Esquícios da evolução da recuperação exterior da casa; 128 e 129. Fotografias da maquete final.

Recuperação da Casa

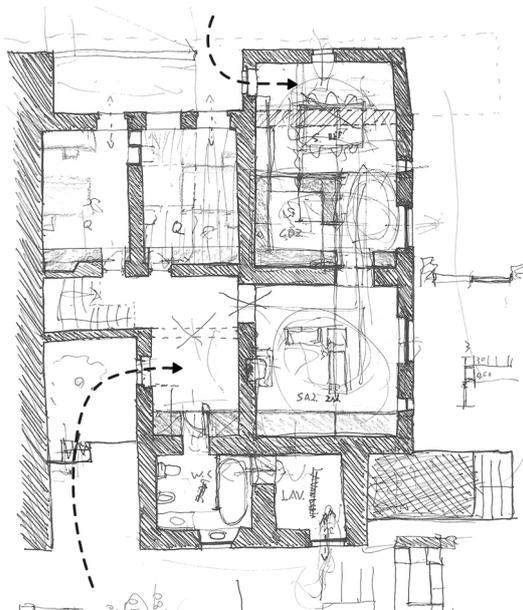
Em primeiro lugar, é importante referir que a casa, ao longo dos anos, foi sofrendo várias transformações, sendo hoje perceptível no edifício alguns desses acrescentos. Por exemplo, na fachada principal da casa, destaca-se o alpendre que altera os materiais de construção - perceptível na cantaria (ver imagem 123). Na junção deste com a cantaria da casa existente, é visível uma fenda de 1cm. Também no lado oposto da casa, onde atualmente existem dois quartos, é evidente, pela forma como as pedras das paredes exteriores estão emparelhadas e pelas suas coberturas - todas com diferentes cêrceas e inclinações - (ver imagem 124), que também se tratam de construções posteriores. Embora estas construções perturbem a imagem do conjunto, não se pretende destruí-las, mas sim recuperá-las de forma a trazer unidade ao conjunto.

Em consequência, a intervenção a nível exterior passa por realçar o L que o edifício forma em planta. Esta planta em tempos seria o limite da casa, hoje são as únicas paredes exteriores que possuem cornija em pedra e reboco mais consistente. Nas restantes paredes de construções posteriores, embora também estejam pintadas, nota-se as juntas das pedras que as constituem. Assim, propõe-se que apenas as paredes que delimitam esta planta em L permaneçam, pelo exterior, rebocadas e pintadas de branco, nas restantes paredes propõe-se a remoção da pintura, ficando com a alvenaria à vista (ver imagens 125 a 127). Também a cobertura sofre alterações, readaptando-se às dimensões originais. Sugere-se apenas a cobertura em telha na planta em L, evidenciando a simetria existente no alçado principal - voltado para o rio - e no alçado oposto.

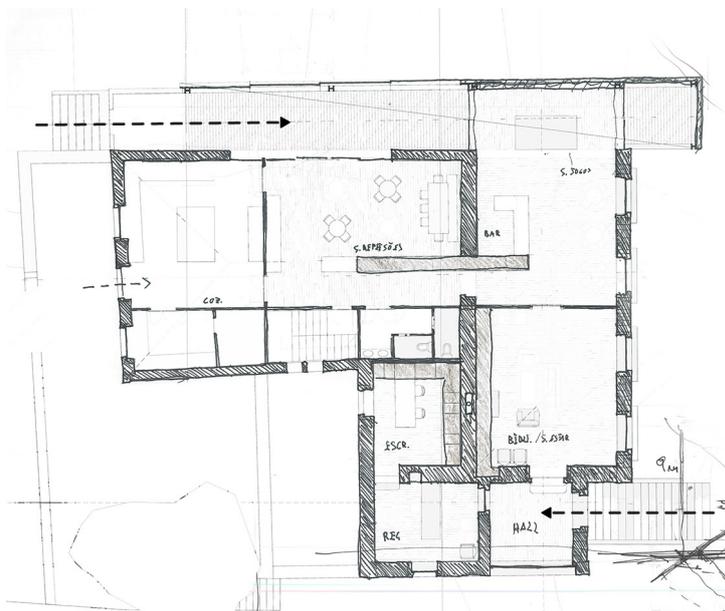
Nos vários volumes de construção posterior situados do lado Nordeste da casa opta-se por nivelar as várias paredes em alvenaria e colocar uma cobertura plana. Na zona do Hall remove-se a parede exterior em tabique para colocar um ripado de madeira (ver imagem 126). Estas opções permitem unificar estas construções, que são constituídas por varias cêrceas, e valorizar o restante edifício.

No que diz respeito à nova organização interna, estabelece-se uma divisão clara do programa em duas zonas: no piso inferior, espaço privado - casa do caseiro - e no piso superior, espaços sociais do turismo.

Atualmente, o piso térreo encontra-se dividido em três zonas autónomas e com cotas distintas. Aproveitando esta compartimentação existente, a casa do caseiro organiza-se em duas zonas: uma composta pelas zonas sociais - a cozinha e a sala de estar; - e outra por zonas privadas - os quartos.



130



131

130. Planta piso térreo; 131. Planta piso superior.

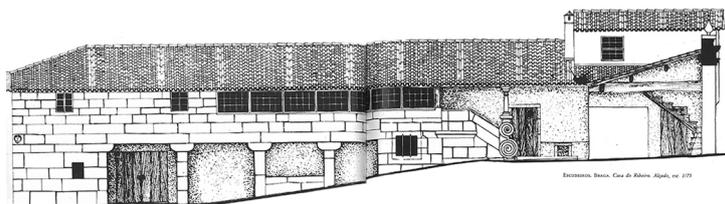
Por esta razão é necessário propor estrategicamente a ligação entre elas e estabelecer uma cota regularizadora a partir da qual se desenvolve toda a proposta, à exceção do quarto da suite que se desenvolve a uma cota inferior. Também neste piso, todas as divisões têm entrada autónoma, nesse sentido é fundamental criar uma hierarquia de entradas. Devido à escala do programa, pretende-se que a entrada para o piso inferior tenha um carácter rural, que não compita com as entradas para o piso social. Logo, opta-se por desenhar a entrada principal a partir de um pátio existente e por não permitir a ligação interior / exterior no alçado principal, pensando-se as “portas” como se de janelas se tratassem. No alçado Sudoeste, tira-se partido da reentrância existente no piso inferior para propor uma entrada secundária de acesso à cozinha. A partir dos quartos também é possível aceder a este espaço coberto (ver imagem 130).

No piso superior, onde se resolve o programa social de turismo, mantêm-se os três acessos existentes. A entrada principal continua a fazer-se desde a grande escadaria presente no alçado principal, destacando-se das outras duas, ambas no alçado oposto. A hierarquia do programa no piso superior acompanha a volumetria exterior do edifício. No volume mais baixo com cobertura plana situa-se a área administrativa do turismo: o Hall, a receção e o respetivo escritório. Na planta em forma de L situam-se todos os espaços sociais do turismo. Na ala mais curta, com vista para o rio, colocam-se a sala de estar com uma pequena biblioteca e o salão de jogos com minibar. Na outra ala, desloca-se a casa de banho para colocar o acesso ao piso inferior e retiram-se as paredes dos antigos quartos para colocar a sala de refeições, que se abre para o alpendre, possibilitando a sua extensão para o exterior. A cozinha, com entrada independente, é mantida no mesmo local, mas redesenhada para responder às necessidades atuais.

O alpendre, com a evolução do projeto, ganhou protagonismo, tornando-se num dos espaços mais interessantes da casa, é o elemento que estabelece a ligação visual entre a casa e o novo conjunto turístico. Face a este cenário, pretende-se que o alpendre tenha um carácter transitório entre o antigo - a casa - e o novo - conjunto turístico proposto. Numa primeira fase foi essencial perceber como na maioria das vezes o alpendre surgia nas moradias.

Enquanto nas primeiras dependências da habitação as espessas paredes de juntouros se fecham para as afadigadas tarefas da cozinha ou para as estreitas horas das refeições e do sono, na varanda, pelo contrário, as actividades participam do exterior, da paisagem, do Sol e do ar livre. (...) Por isso, neste lado existem: as grandes aberturas, os pilares e lintéis suportando a parede reduzida ao menor peso possível.¹⁶

16. AA.VV.; *Arquitectura Popular em Portugal*. 3ª ed. Lisboa Associação dos Arquitectos Portugueses. 1980. Página 57



132



133



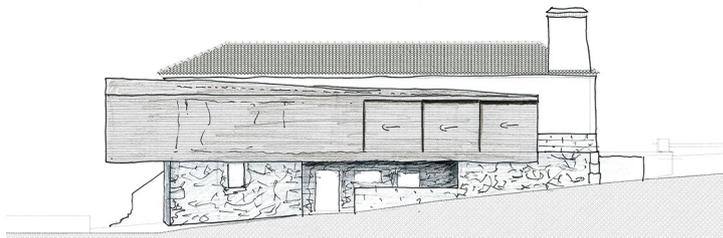
134



135



136



137



138



139

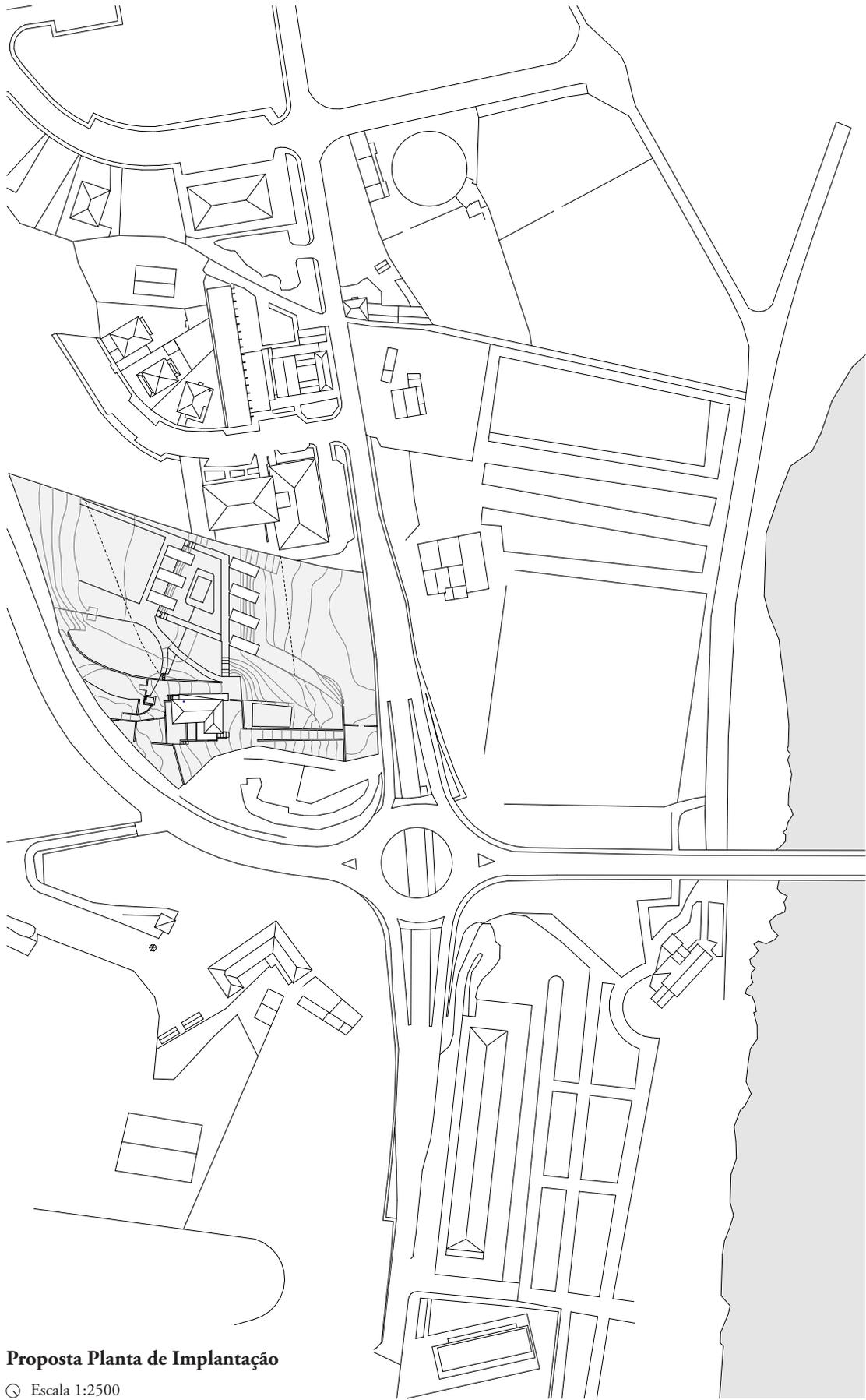
132. Casa do Ribeiro na Freguesia de Escudeiros, Braga; 133 e 134. Esquícios da primeira solução do alpendre; 135. Restaurante do centro Nautico de Ponte de Lima; 136 e 137. Esquícios da solução final do alpendre; 138 e 139. Fotografias da maquete final.

Partindo do exemplo da Casa do Ribeiro na Freguesia de Escudeiros pertencente a Braga, chegou-se a uma primeira solução para o alpendre. O betão substituiria a pedra, as portadas de madeira substituiriam os vãos envidraçados e a cornija seria reinterpretada por perfis metálicos permitindo a continuidade da cêrcea do edifício (ver imagem 134). Embora nesta solução se utilizassem os mesmos materiais dos módulos dos quartos, ainda não era clara do ponto de vista conceptual. Desta forma, o alpendre deveria assumir-se como um volume justaposto e mais baixo que a cêrcea do edifício – principal característica do alpendre –, permitindo evidenciar a simetria existente no alçado Noroeste e Sudeste.

José Gigante, no âmbito da sua reconstrução do sequeiro em Guimarães, afirma a respeito da sua conceção: “Entre a absoluta fidelidade ao preexistente, necessariamente obrigado a um qualquer acrescento, e a sua reinterpretação num novo modelo que preservasse a sua essência, escolhemos o segundo caminho.”¹⁷

Neste sentido, tendo como referência o volume do restaurante do Centro Náutico de Ponte de Lima, do arquiteto José Guedes Cruz, chega-se a um volume capaz de preservar a essência do alpendre. Trata-se de um volume que, embora tenha o mesmo comprimento do alçado do edifício, sofre uma translação no sentido Sudeste – Noroeste, criando um avanço. Este volume pretende proteger a zona de refeições e salão de jogos dos raios solares de Sudoeste e Oeste, mas também permitir a relação visual com a unidade turística. Desta forma, propõe-se uma “parede em madeira” que abraça o lado Sudoeste do edifício, transformando-se em portadas de madeira, o que permite essa relação visual.

17. GIGANTE, José. In GOMES, José, SILVA, Vitor, LOPES, Nuno Valentim; *José Gigante: habitar*. Casal de Cambra: Caleidescópio. 2008. Página 73. Memória Descritiva



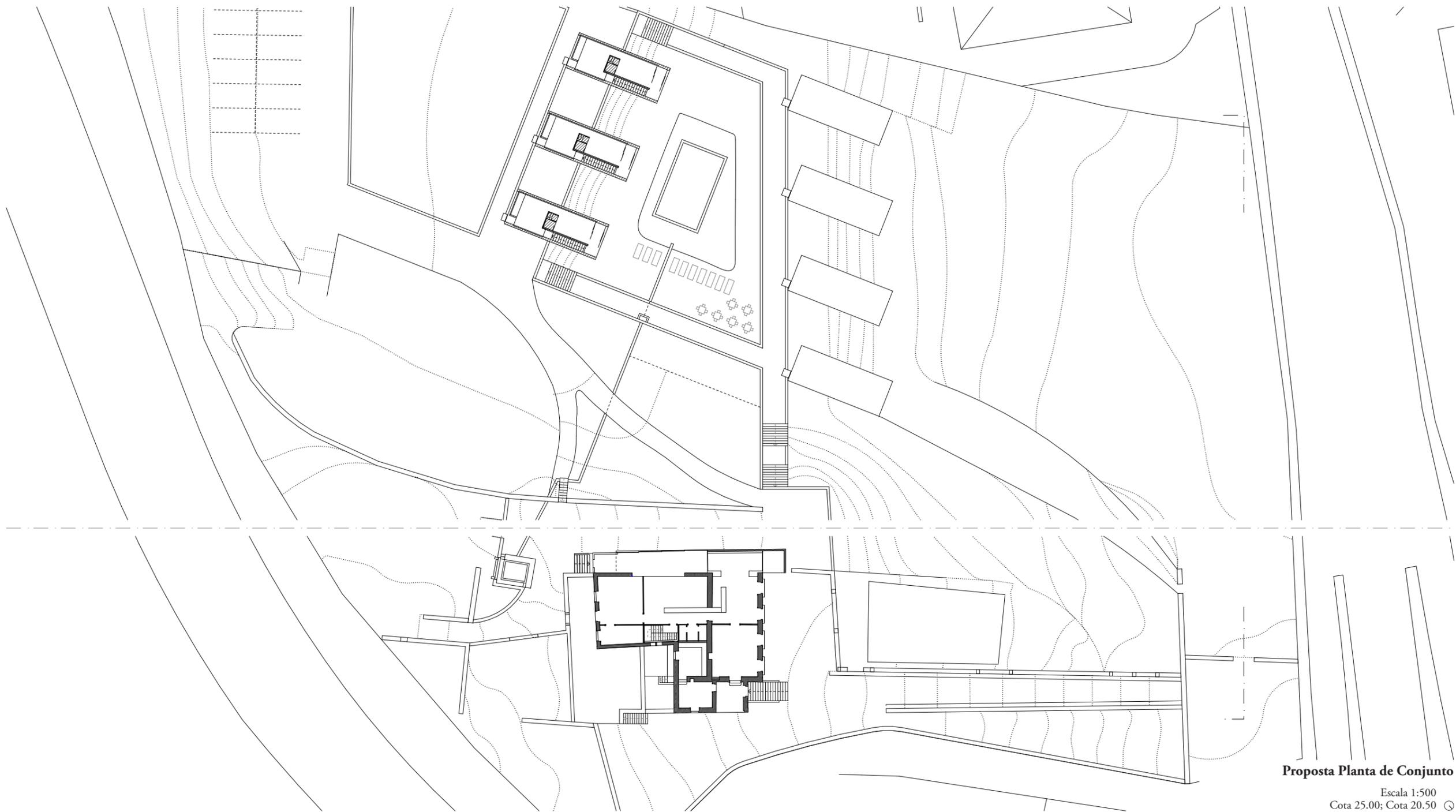
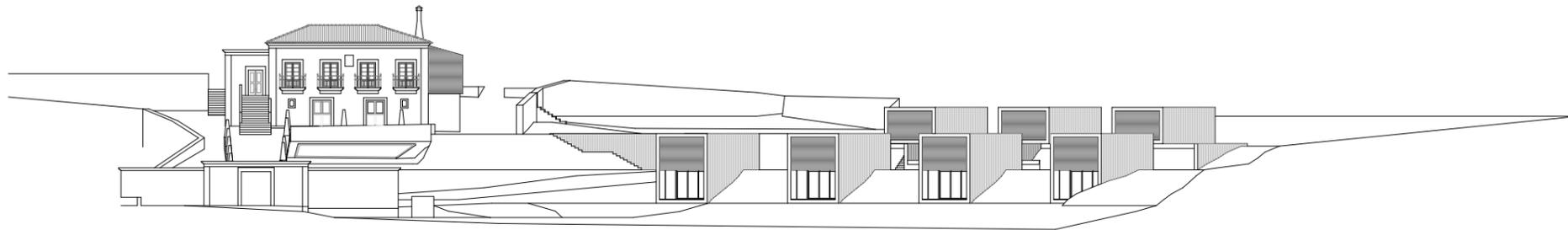
Proposta Planta de Implantação

⊙ Escala 1:2500



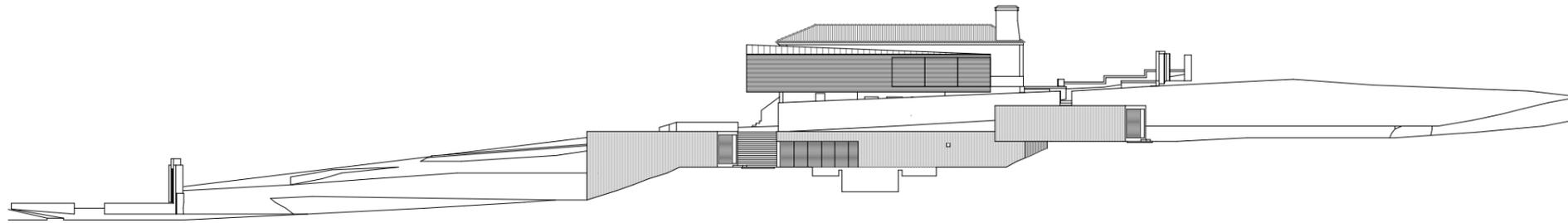
Proposta Planta de Implantação

Escala 1:500



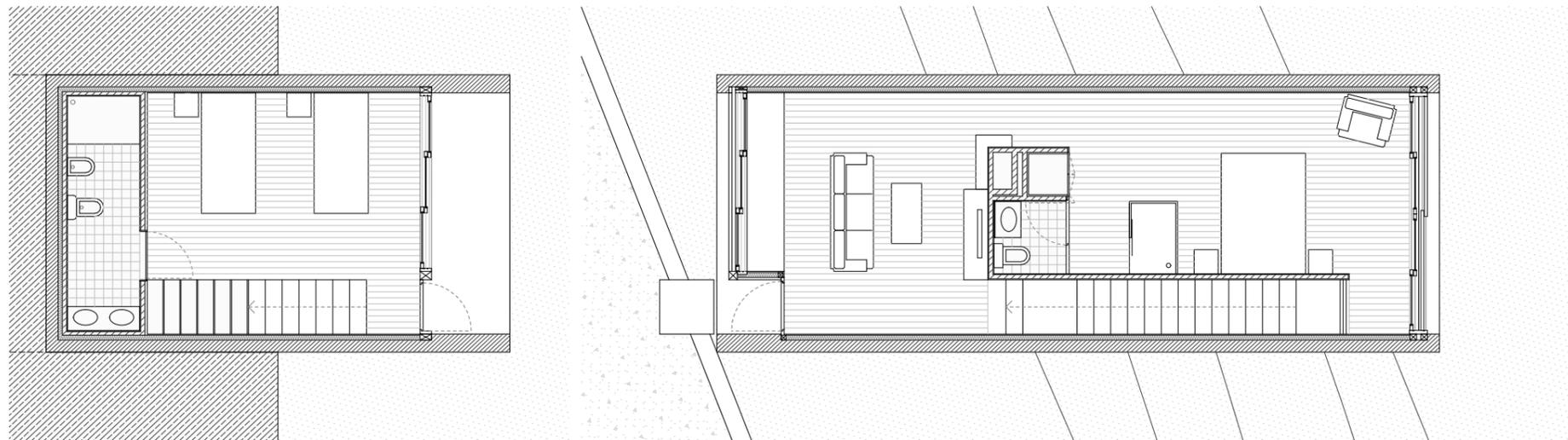
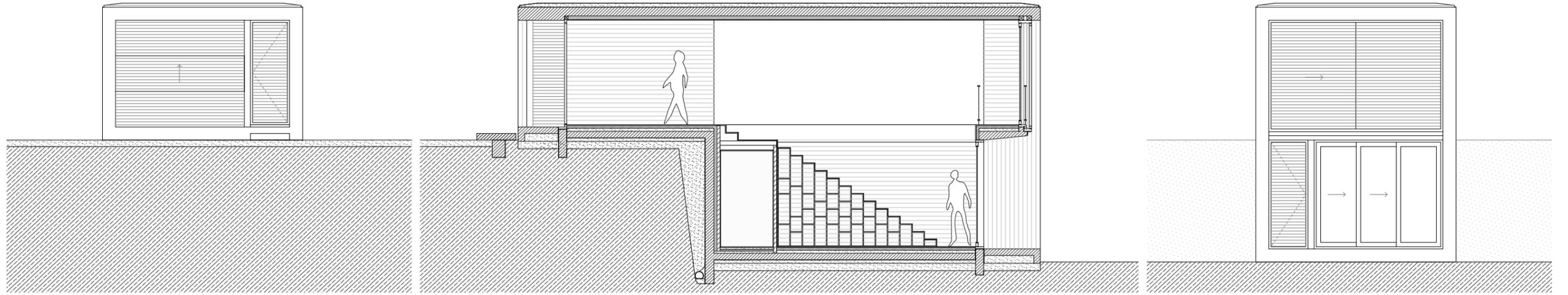
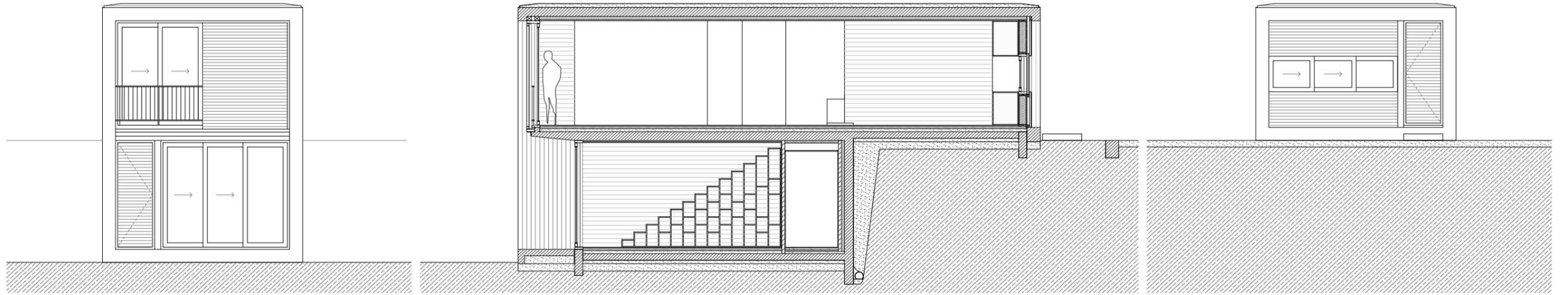
Proposta Planta de Conjunto

Escala 1:500
Cota 25.00; Cota 20.50



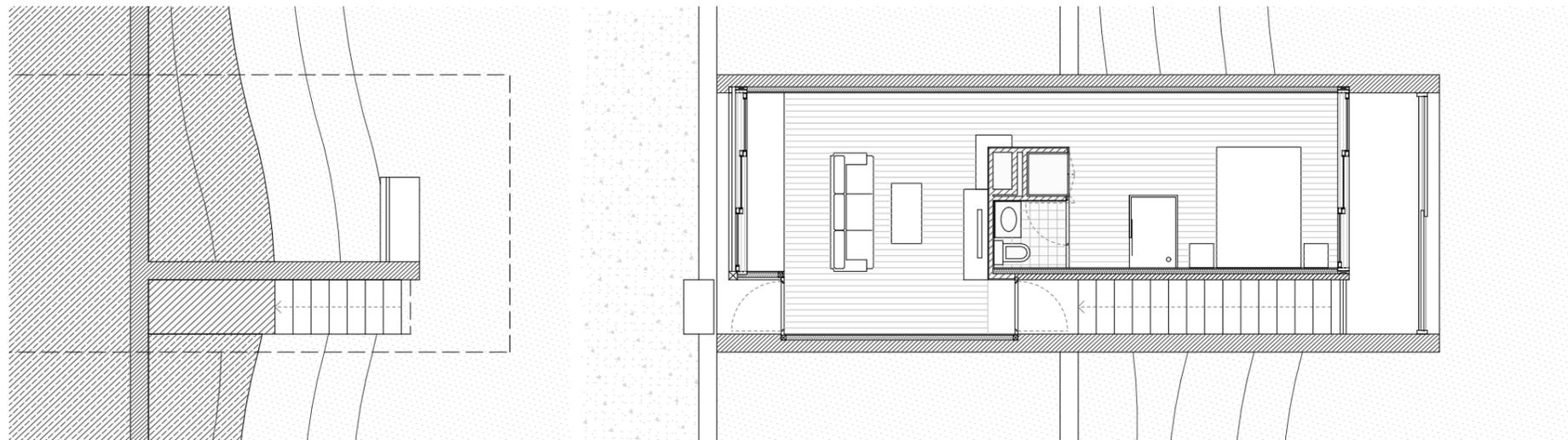
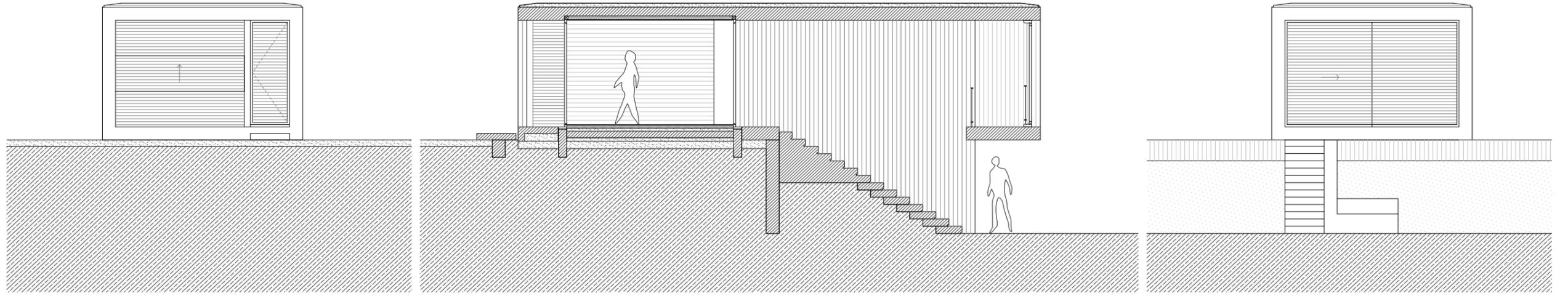
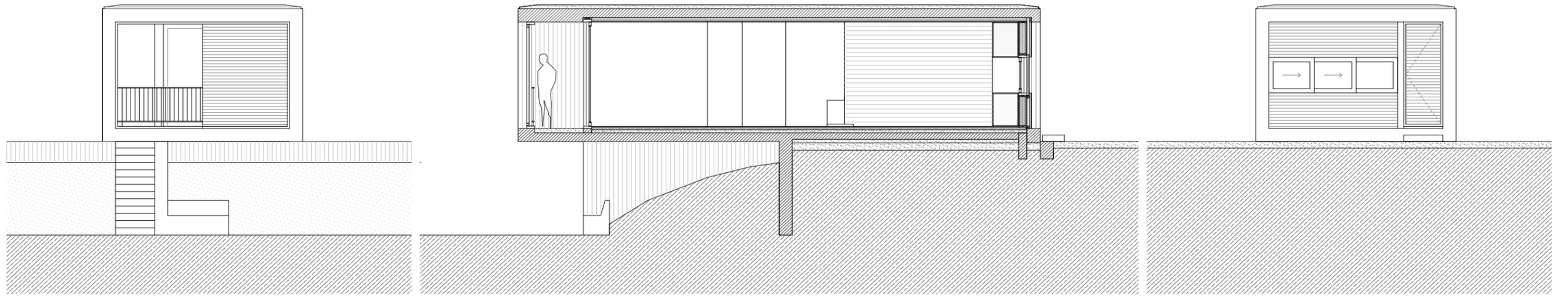
Proposta Planta de Conjunto

Escala 1:500
Cota 20.50; Cota 17.50

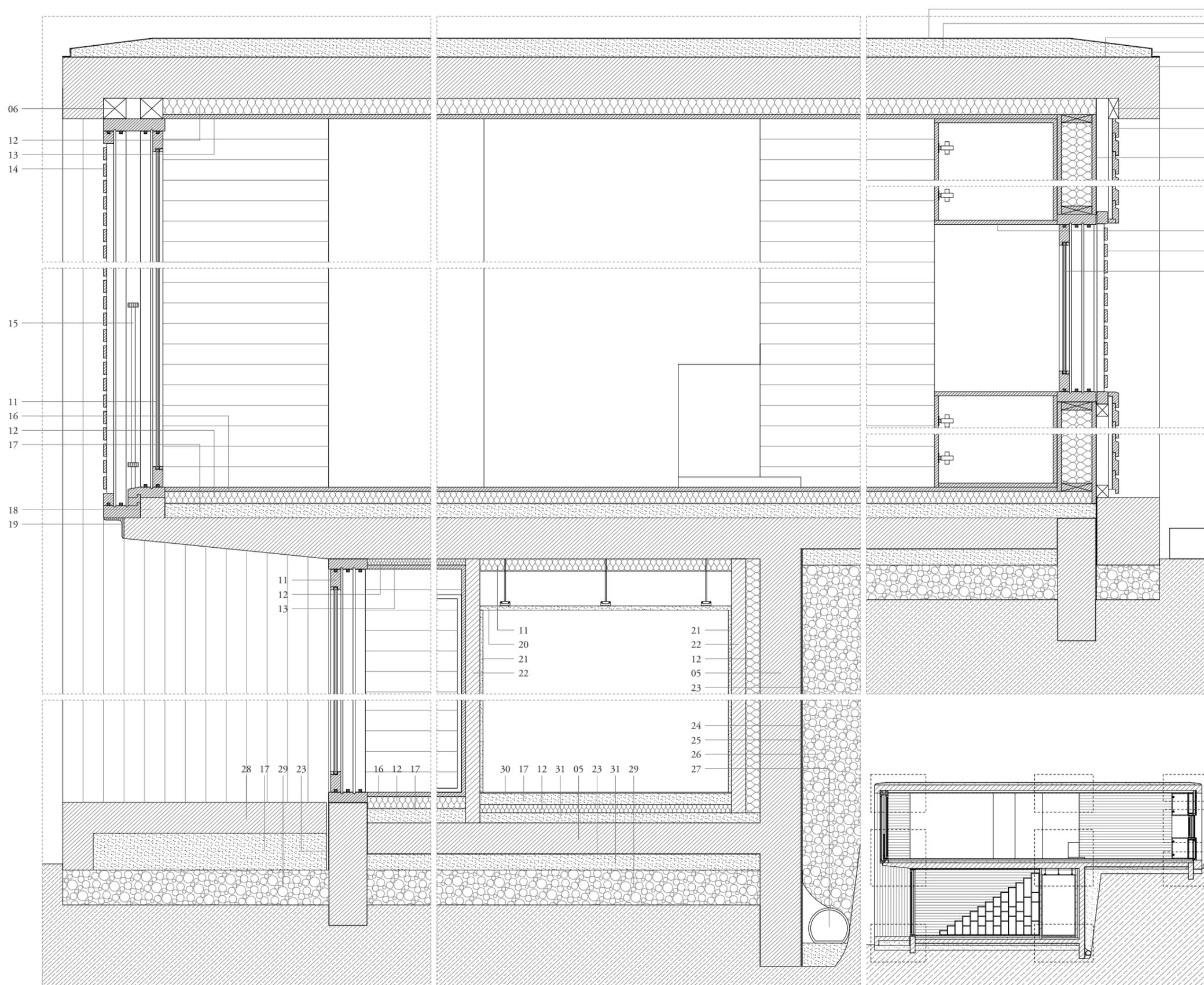


Módulo T2

Escala 1:100



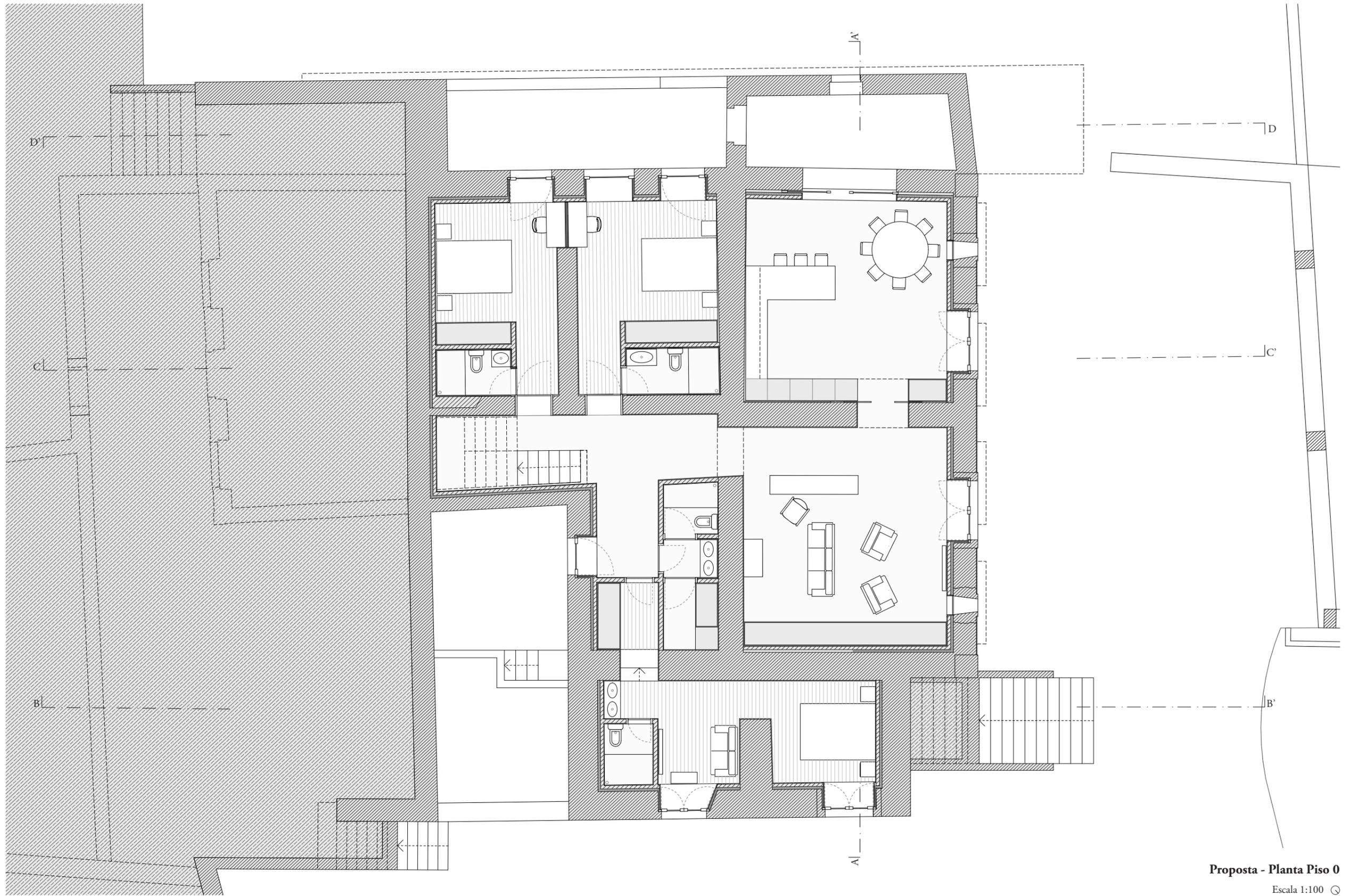
Módulo T1
Escala 1:100



- 01. Zinco
- 02. Camada de forma
- 03. Pintura asfáltica
- 04. Cantoneira de alumínio
- 05. Betão armado
- 06. Calço
- 07. Tabuado de madeira tratado
- 08. Pannel sandwich tipo "ONDUTHERM"
(Aglomerado Hidrófugo + Poliestireno Extrudido + Aglomerado Hidrófugo)
- 09. Módulo de mobiliário fixo
- 10. Portada de guilhotina em tabuado de madeira tratada
- 11. Caixilho de madeira maciço de correr
- 12. Isolamento térmico (Poliestireno Extrudido)
- 13. Forro em soalho de pinho
- 14. Portada de correr em tabuado de madeira tratada
- 15. Guarda metálica
- 16. Soalho de pinho
- 17. Betão leve
- 18. Enchimento
- 19. Perfil metálico
- 20. Teto falso em gesso cartonado
- 21. Reboco
- 22. Tijolo
- 23. Impermeabilização com membrana betuminosa
- 24. Tela pitonada
- 25. Manta geo-têxtil
- 26. Cascalho de brita média compacta
- 27. Tubo geo-dreno
- 28. Bloco de betão
- 29. Caixa de brita
- 30. Autonivelante
- 31. Regularização

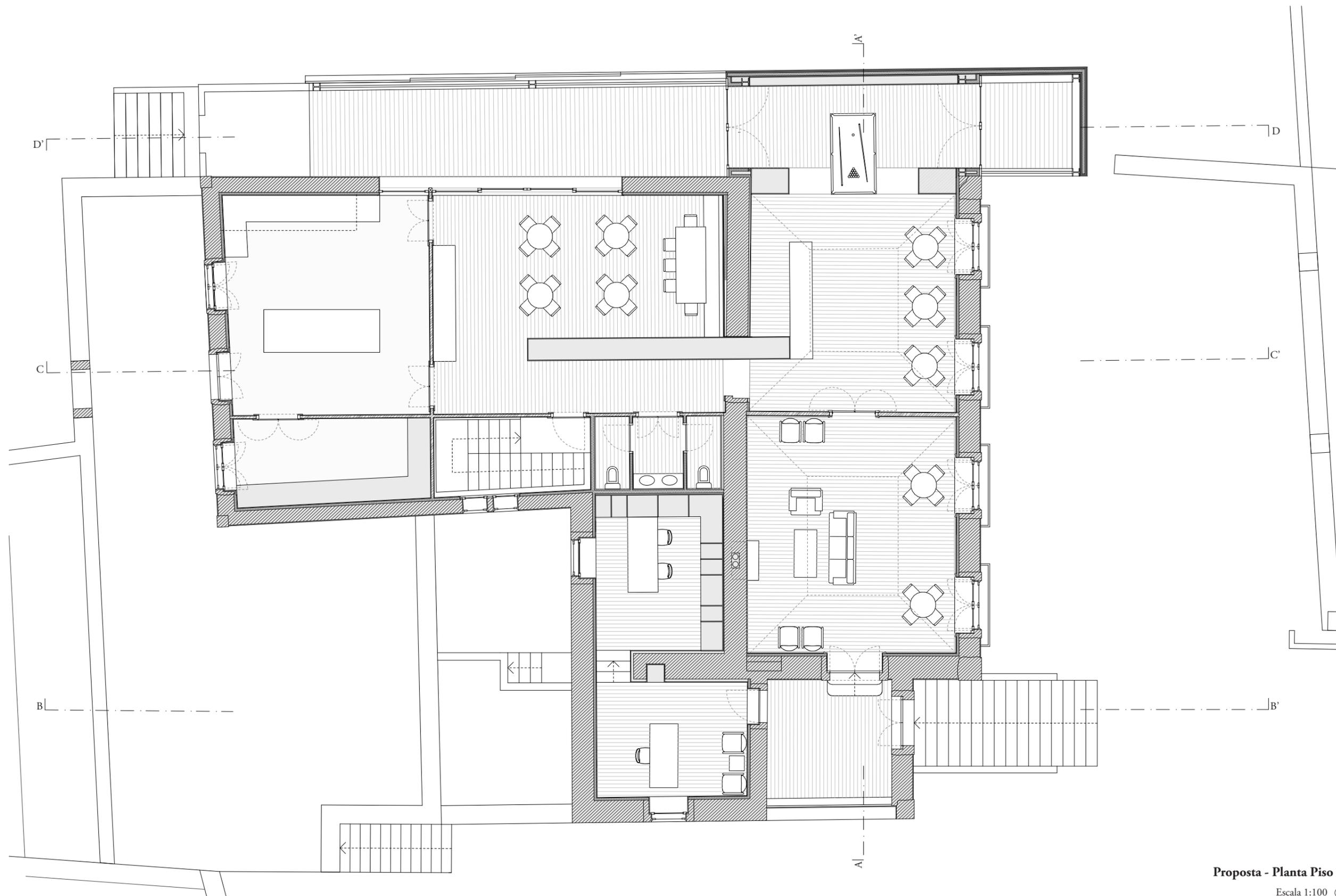
Corte Construtivo Módulo

Escala 1:20



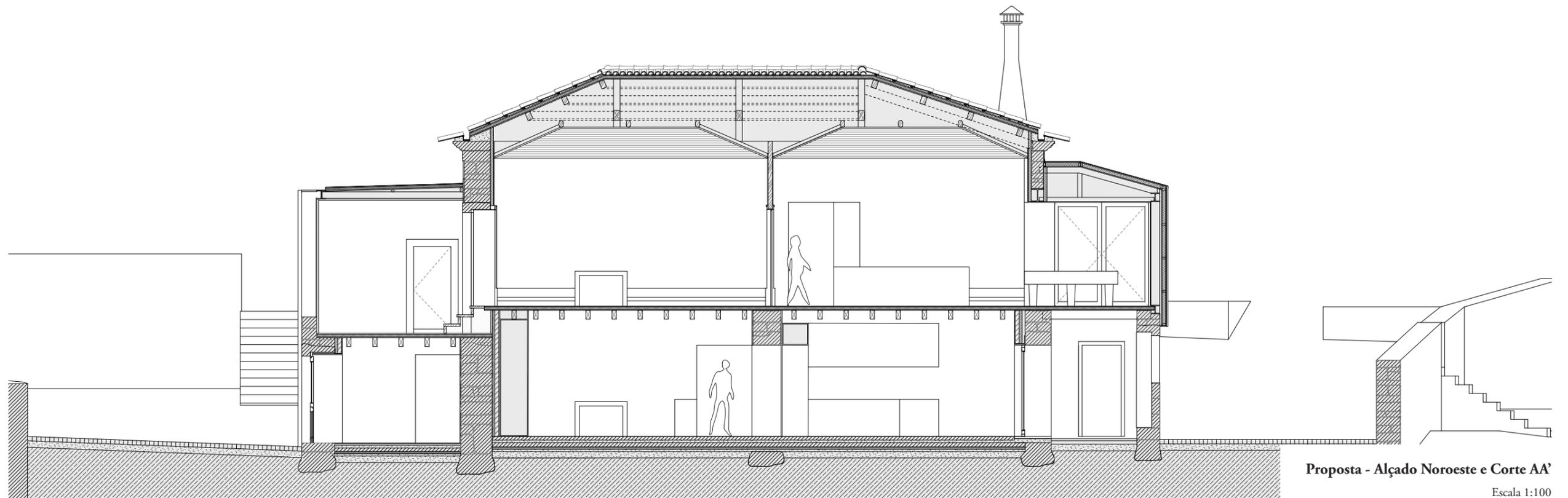
Proposta - Planta Piso 0

Escala 1:100



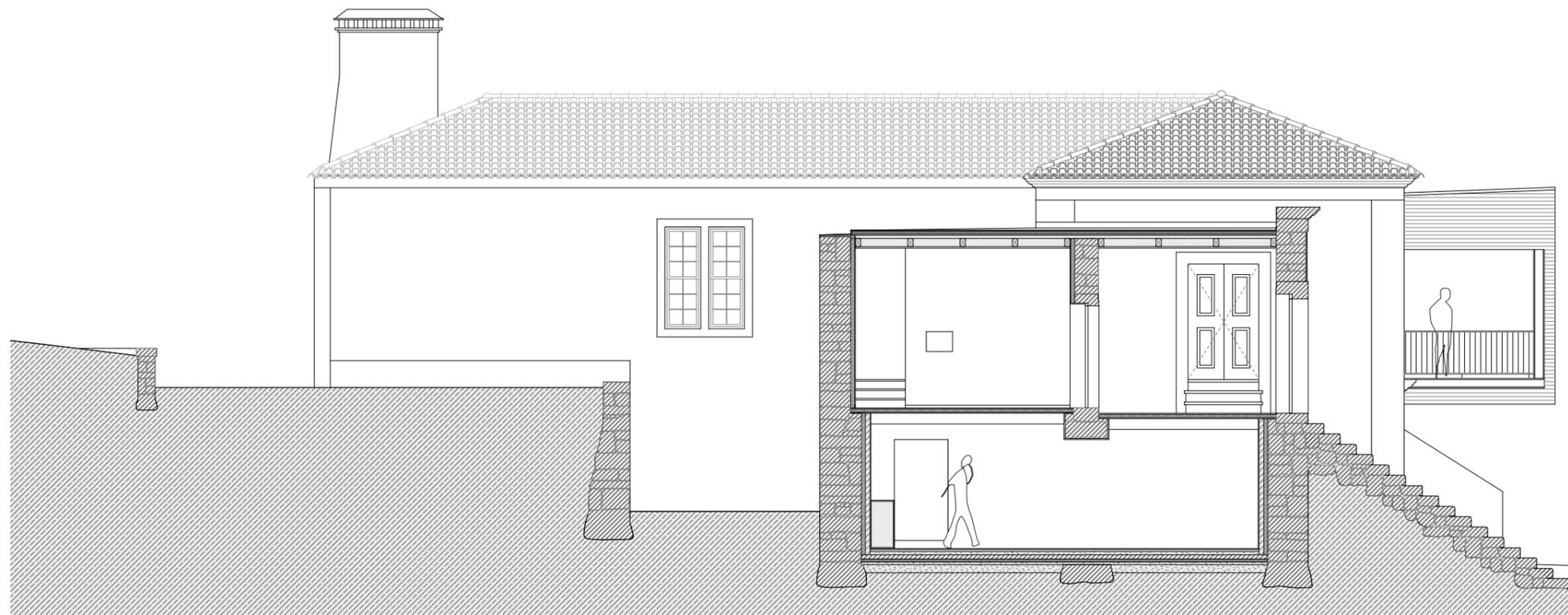
Proposta - Planta Piso 1

Escala 1:100



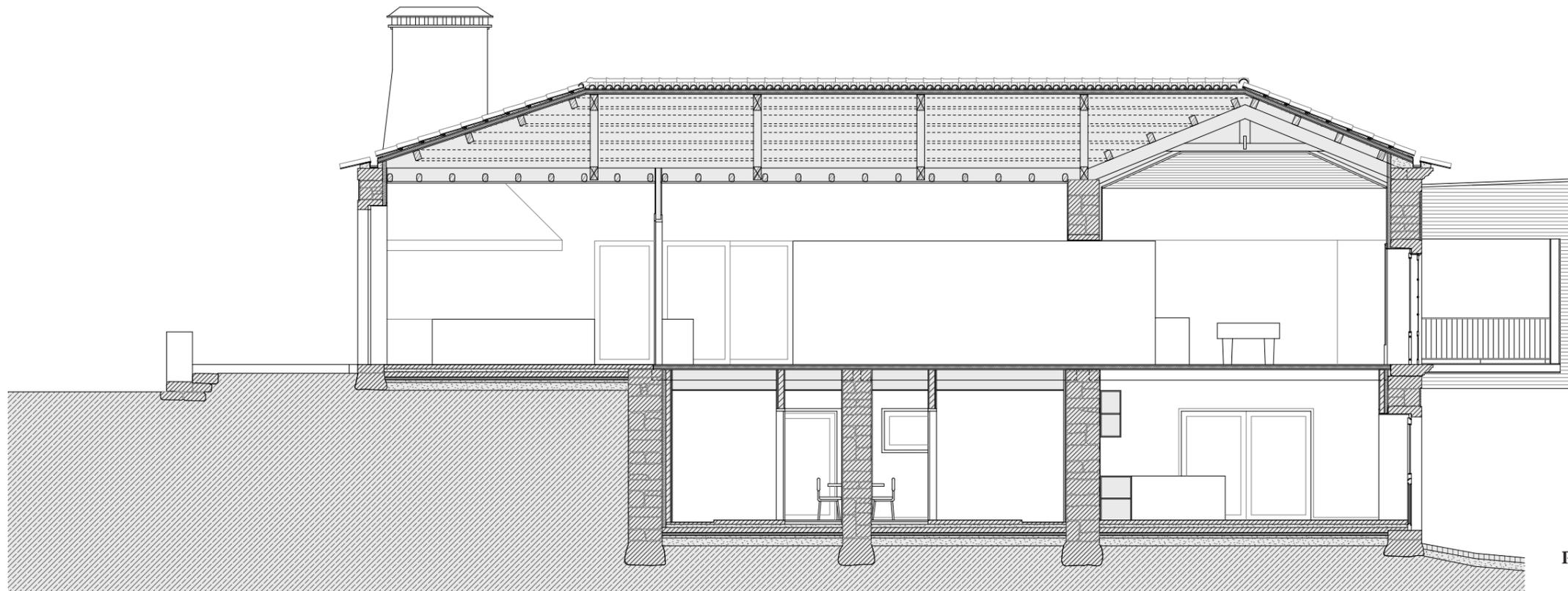
Proposta - Alçado Noroeste e Corte AA'

Escala 1:100



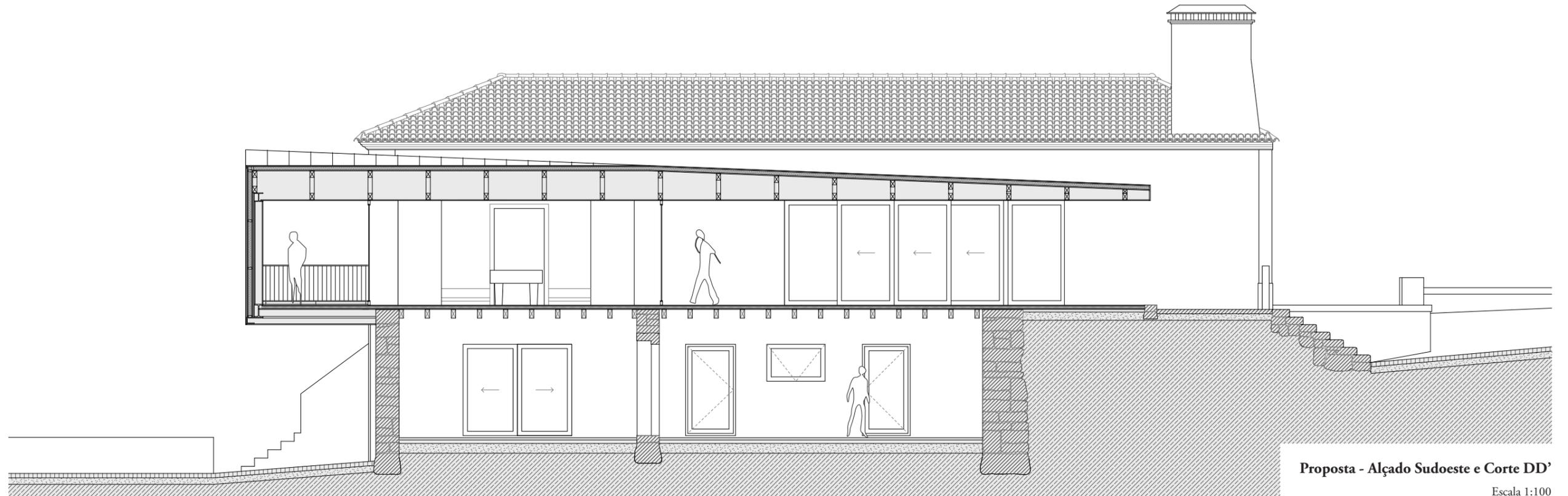
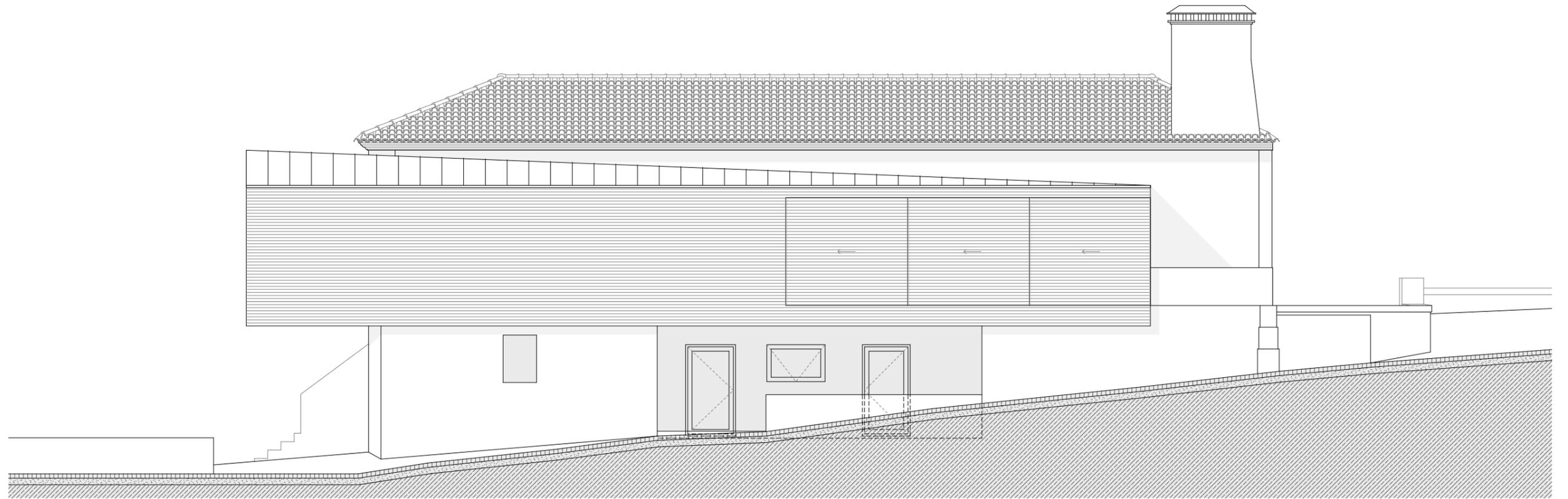
Proposta - Alçado Nordeste e Corte BB'

Escala 1:100



Proposta - Alçado Sudeste e Corte CC'

Escala 1:100



Proposta - Alçado Sudoeste e Corte DD'

Escala 1:100

Soluções Construtivas

Ao intervir numa preexistência com as características que esta apresenta, estamos condicionados por diversos fatores, obrigando a uma constante adaptação das soluções projetadas. Desta forma, as soluções têm de ser desenhadas caso a caso de forma a responder a cada problema.

Neste sentido, de seguida serão descritas as várias soluções construtivas adotadas na solução final da recuperação da casa. Estas soluções complementam e suportam as várias soluções projetuais, visam responder não só às alterações necessárias para implementação de um novo programa, mas essencialmente às exigências de conforto do habitar contemporâneo.

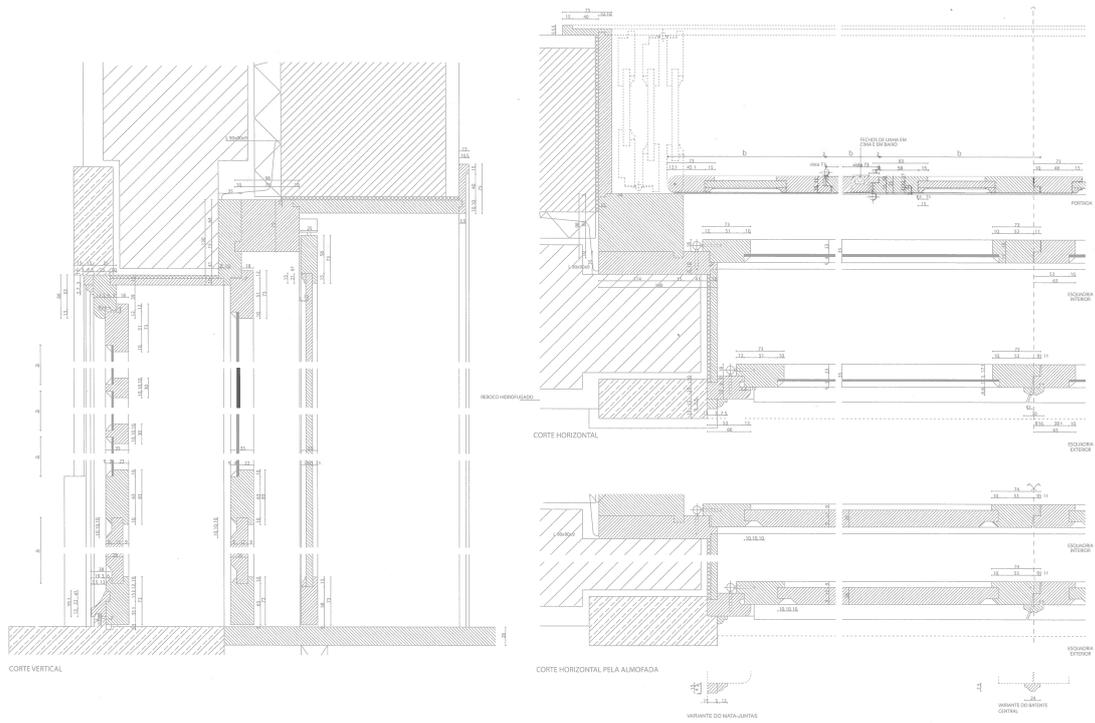
Estratégia de Execução

(...) nem tudo na pré-existência têm qualidade. Há coisas na pré-existência que não têm qualidade nenhuma. A pré-existência não é uma coisa intocável, é matéria de projecto (...). Não há uma receita.¹⁸

Neste sentido, tomou-se como princípio, a preservação tão integral quanto possível, apenas, dos elementos preexistentes que possuíam qualidades suficientes para que o conjunto saísse valorizado. A opção de determinada solução, condicionada pela preexistência, foi sempre surgindo de acordo com o objetivo final.

Por exemplo, a questão da introdução de isolamento térmico foi uma das grandes preocupações do projeto. Se por um lado não se deixou de ter em atenção que a total ausência de isolamento térmico favorece as condições acentuadas de desconforto, por outro, o aumento da espessura das paredes e consequentemente a leitura do edifício chocavam com a intenção de manter os revestimentos e a expressão dos acabamentos originais. Desta forma, a impossibilidade de introdução de isolamento térmico no exterior obrigou a colocação do isolamento pelo interior, procurando-se uma solução capaz de manter as peças de carpintaria – portas e rodapés – uma vez que são dados importantes e caracterizadores da conceção do edifício.

18. Entrevista a João Mendes Ribeiro. In VITA, Francesca; *João Mendes Ribeiro: um caminho para refletir sobre a condição hodierna da prática da Arquitetura e do Design de interiores*. Porto: ESAD:2012. Anexos I, página 11. Tese de Mestrado.



140



141

139. Pormenor Tipo da Esquadria E7 - Zona Sinistra do Chiado. Intervenção de Álvaro Siza; 140. Fotografia Esquadria do Chiado. Intervenção de Álvaro Siza.

136

Caixilharia Exterior

Os vãos e as caixilharias são elementos fundamentais na história da arquitectura e da construção, elemento de mediação interior/exterior e de fruição das necessidades elementares do habitar: protecção das agressões exteriores e regulação da luz natural, ruído e variações de temperatura.¹⁹

A escolha do caminho a seguir obrigou a uma ponderação entre as várias soluções possíveis que se inserem em dois grupos: estratégias de conservação da caixilharia existente e estratégias de substituição da caixilharia existente. No entanto, “todas as intervenções de substituição conferem ao projectista uma responsabilidade suplementar, confiando no seu critério, conhecimento e mesmo cultura, uma solução que sendo alternativa à preexistente deverá por aparente oposição revelar-se uma solução integrada.”²⁰

A lógica de simples conservação e restauro da caixilharia, reparando os elementos afetados, não era o suficiente para garantir os níveis de desempenho que se pretendia atingir. A solução poderia passar pela reinterpretação do caixilho simples para o caixilho duplo, que obrigaria a uma maior espessura da caixilharia e à substituição da massa de vidraceiro por bites para fixação dos vidros. No entanto, “a questão da reprodução / (re)interpretação é um tema difícil de abordar, tanto em termos teóricos como técnicos. A suposta “reprodução do desenho original” poderá conduzir a enormes equívocos de resultado desastroso quando se intervém em conjuntos edificados com valor patrimonial.”²¹

No âmbito da intervenção no Chiado, o arquiteto Álvaro Siza afirma a respeito das janelas de Lisboa:

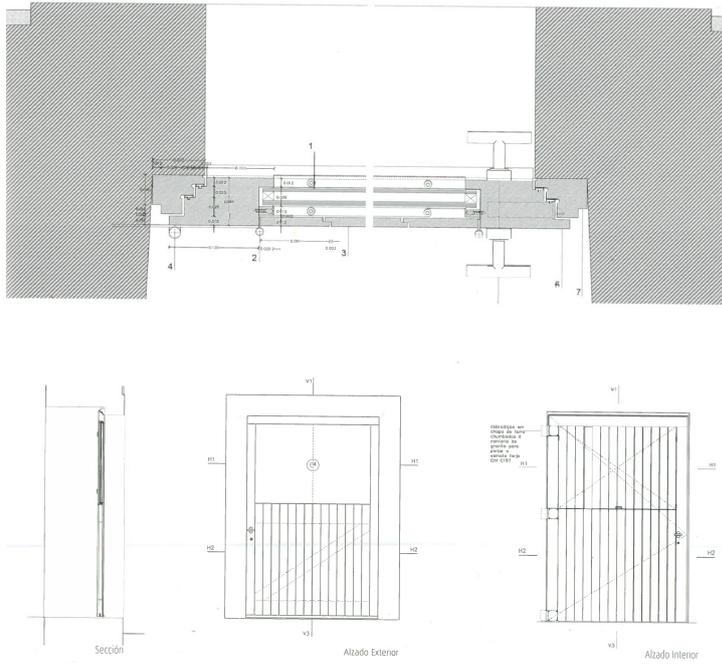
Elas são delicadas, mas particularmente ineficazes do ponto de vista acústico. Como resolver o problema, sem degradar essa beleza, essa delicadeza? Trata-se então, aqui, de introduzir elementos novos para satisfazer uma determinada necessidade de conforto, adaptando-as ao mesmo tempo ao espírito geral. Estou a pensar apoiar-me num método tradicional. Nada de caixilharias de vidro duplo, que resultam em perfis bastante espessos, mas sim duas janelas, uma por trás de outra, que gerem um espaço entre elas. O pormenor... é muito difícil, de tão delicado. E se for bem feito, não tem nada de espetacular. Talvez se venha a dizer que é a mesma coisa antes, mas não será igual.²²

19. LOPES, Nuno Valentim; *Reabilitação de caixilharias de madeira em edifícios do séc. XIX e inícios do séc. XX: do restauro à selecção exegencial de uma nova caixilharia: o estudo do caso da habitação corrente portuense*. Dissertação de mestrado em reabilitação do património edificado. Porto: FEUP, 2006. Página 1.

20. LOPES, Nuno Valentim; *Idem*. Página 90.

21. LOPES, Nuno Valentim; *Idem*. Página 80

22. SIZA, Álvaro; *Álvaro Siza: Uma questão de medida*. Casal de Cambra: Caleidoscópio. 2009. Página 45 e 46.



141



142

141. Pormenor de porta com portada - Quinta de Bouços; 142. Quinta de Bouços, piso inferior.

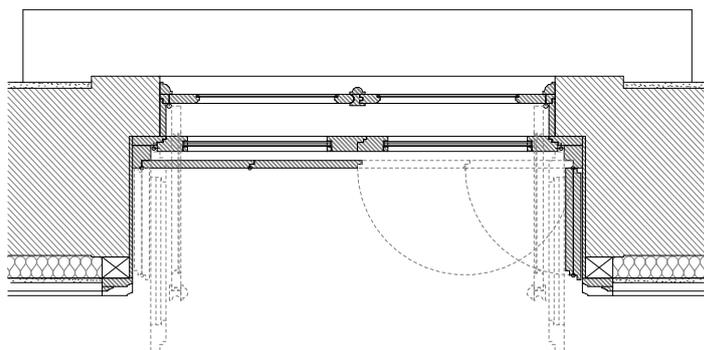
Neste sentido, tendo como premissas a vontade de garantir o respeito arquitetónico pelo edifício e satisfazer os requisitos contemporâneos de conforto, nomeadamente a nível térmico e acústico, decide-se que no piso superior a melhor solução contempla o restauro da caixilharia existente aliado à introdução de uma nova caixilharia pelo interior. “Quando existe a possibilidade física de introduzir uma segunda caixilharia pelo interior, esta solução poderá revelar-se como a que globalmente melhor corresponde às exigências de desempenho e necessidades de conservação arquitectónica da preexistência.”²³ Por conseguinte, à semelhança dos vãos da intervenção no Chiado, coloca-se a nova caixilharia, com vidro duplo, no limite interno do aro de gola, entre a caixilharia existente e a nova portada, garantindo-se que tanto pelo interior como pelo exterior, a leitura deste novo elemento seja mínima. É uma caixilharia em madeira composta por duas folhas de batente, que ocupam a altura total do vão.

No piso inferior, dada a necessidade de substituição das portas opacas para um melhor aproveitamento de luz solar, opta-se pela substituição da caixilharia existente por uma nova, “com desenho do autor”, semelhante à introduzida pelo interior no piso superior. “Em muitos casos poderá ser a solução que melhor responde à intenção do projectista, pois (à semelhança das soluções tradicionais) ela será o corolário lógico dos processos de reabilitação de edifício, muitas vezes profundamente intervencionado.”²⁴

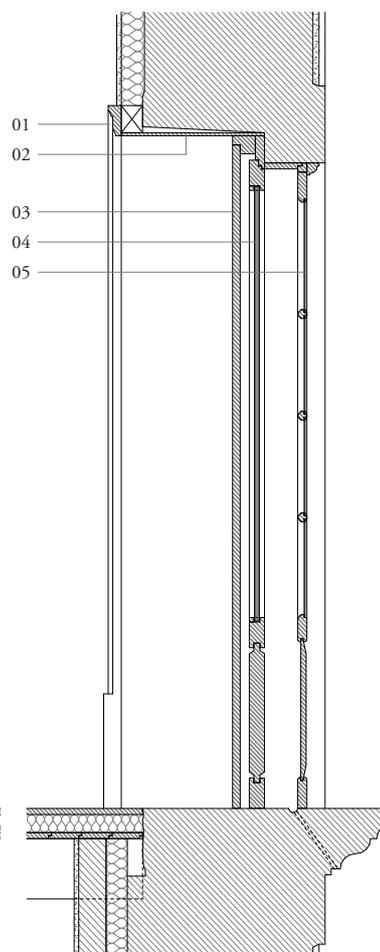
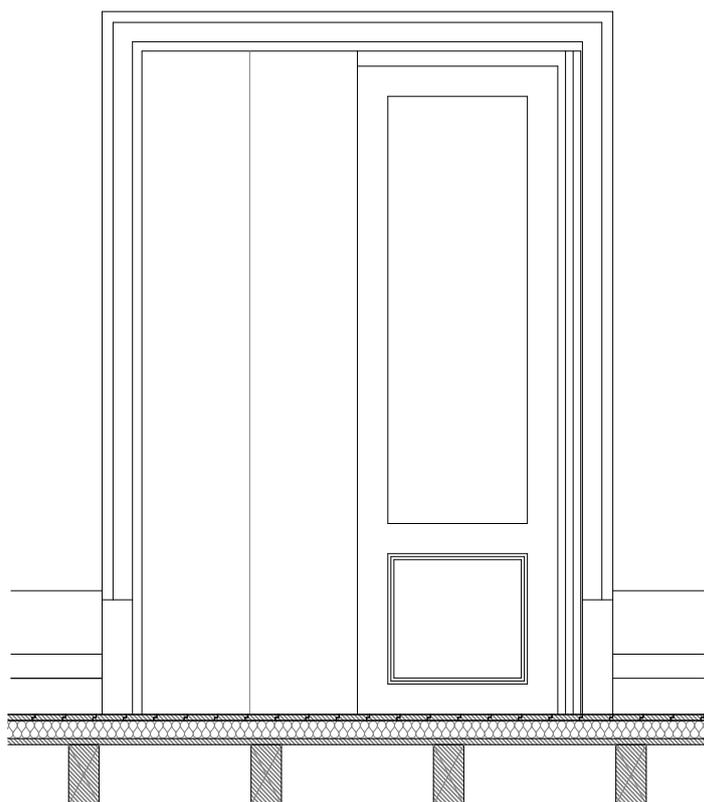
O desenho para esta nova caixilharia também permite a resolução de alguns problemas, nomeadamente a vontade de querer que algumas portas funcionem apenas como janelas – não permitam o acesso interior/exterior. Ou seja, nos vãos da cozinha e sala de estar propõe-se que a porta seja fixa na zona das almofadas e apenas a parte envidraçada, através de duas folhas de batente, abra para o interior. À semelhança das portas utilizadas no projeto de recuperação da Quinta de Bouços pelo arquiteto Nuno Brandão Costa, decide-se incluir as portadas no desenho da porta, possibilitando o encerramento completo de todos os vãos no piso inferior.

23. LOPES, Nuno Valentim; *Reabilitação de caixilhariças de madeira em edifícios do séc. XIX e inícios do séc. XX: do restauro à selecção exegencial de uma nova caixilharia: o estudo do caso da habitação corrente portuense*. Dissertação de mestrado em reabilitação do património edificado. Porto: FEUP, 2006. Página 76.

24. LOPES, Nuno Valentim; *Idem*. Página 86

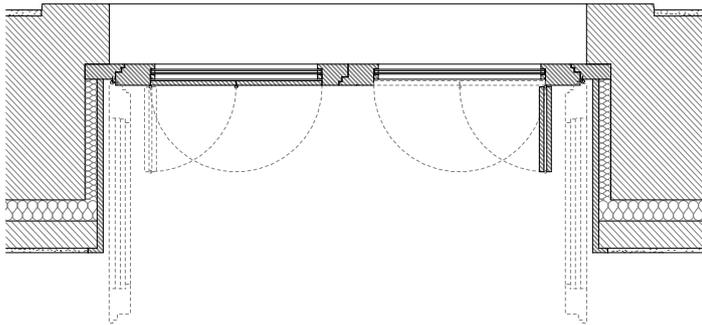
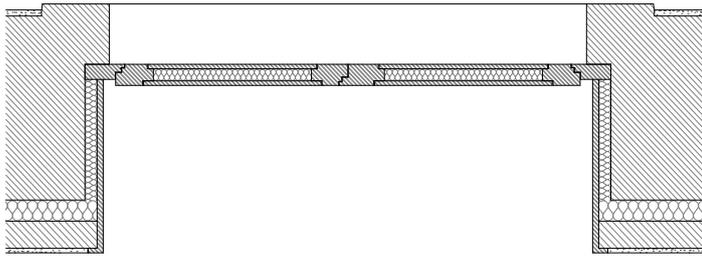


- 01. Alizar existente
- 02. Painel de MDF hidrófugo
- 03. Portada em MDF hidrófugo
- 04. Caixilho de madeira maciça
- 05. Caixilho existente

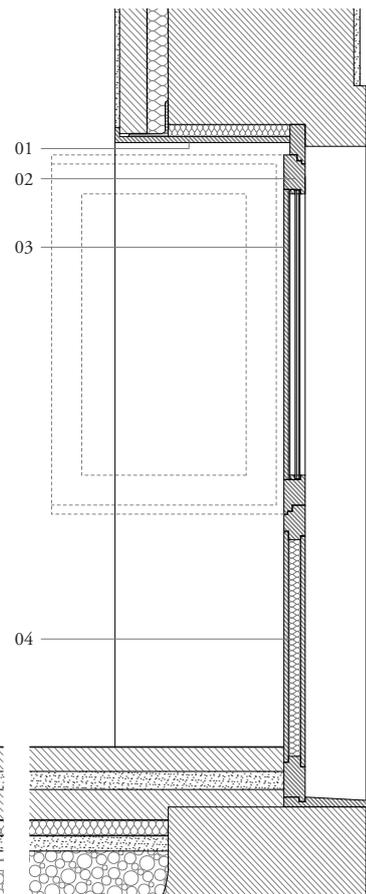
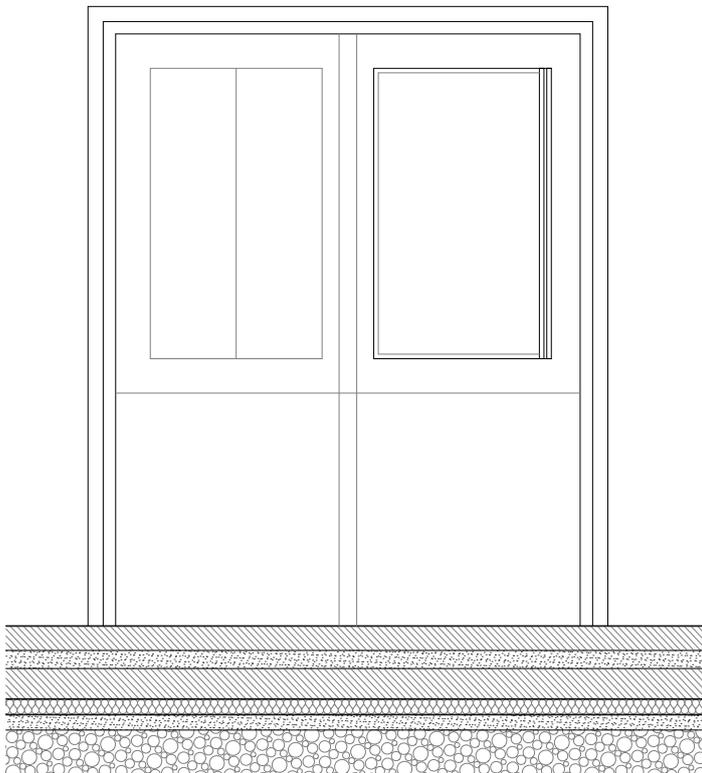


Caixilharia Piso Superior - Pormenorização Tipo

Escala 1:25 - Corte Horizontal e Vertical; Alçado Interior.

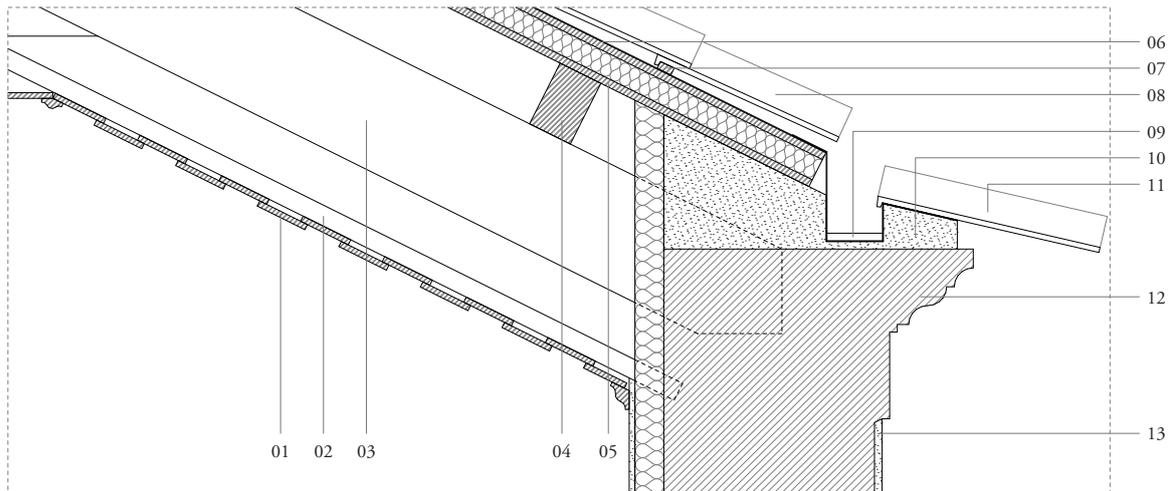


- 01.** Pannel de MDF hidrófugo
- 02.** Caixilho de madeira maciça
- 03.** Portada em MDF hidrófugo incluída no caixilho
- 04.** Pannel fixo

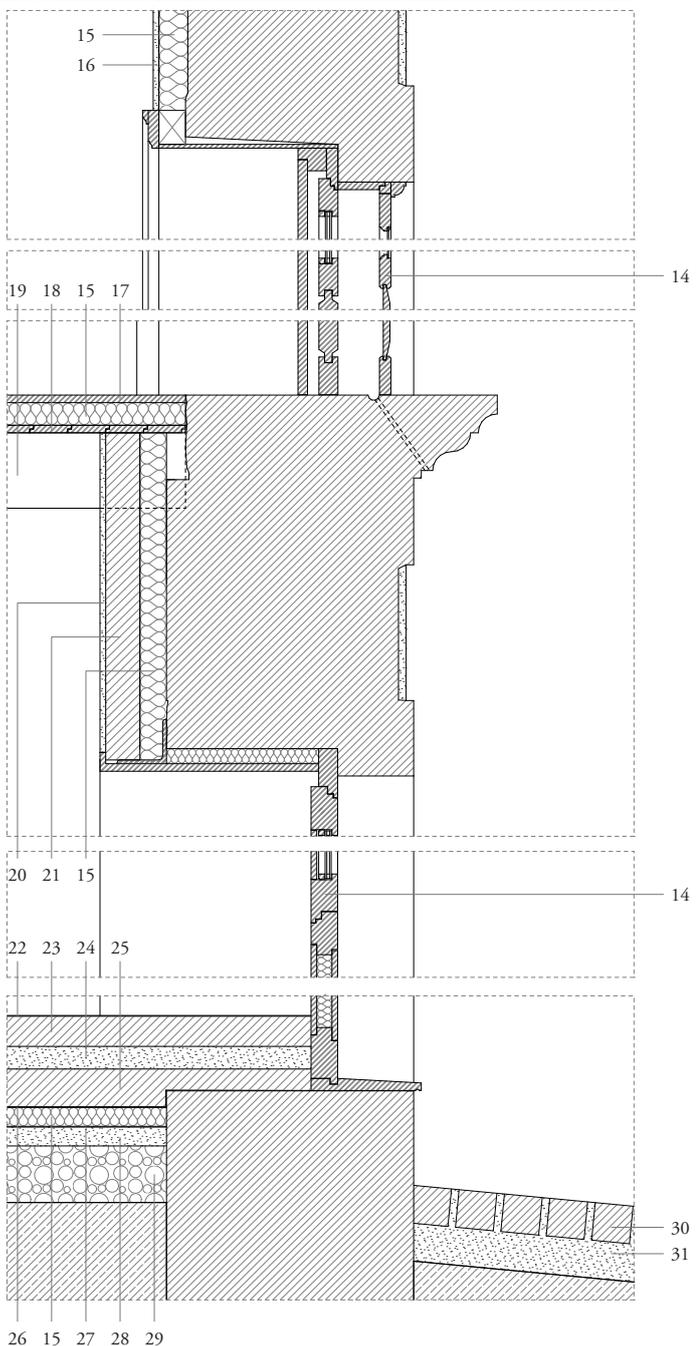


Caixilharia Piso Inferior - Pormenorização Tipo

Escala 1:25 - Corte Horizontal e Vertical; Alçado Interior.



- 01. Forro de madeira existente
- 02. Barrote de madeira
- 03. Perna de asna em madeira de pinho
- 04. Viga em madeira de pinho
- 05. Pannel sandwich tipo "ONDUTHERM"
(Agglomerado Hidrófugo + Poliestireno Extrudido + Agglomerado Hidrófugo)
- 06. Tela sub-telha tipo "ONDULINE"
- 07. Ripa de madeira para suportar telha
- 08. Telha de canudo
- 09. Caleiro em zinco
- 10. Argamassa de assentamento hidrófuga
- 11. Telha de beirado
- 12. Cornija de granito existente
- 13. Reboco
- 14. Caixilho de madeira (Pág. 140 e 141)
- 15. Isolamento térmico (Poliestireno Extrudido)
- 16. Gesso cartonado
- 17. Soalho de pinho
- 18. Forro em soalho de pinho
- 19. Viga lamelada de pinho
- 20. Reboco
- 21. Parede interior de tijolo
- 22. Autonivelante
- 23. Lage flutuante de betão ligeiramente armado
- 24. Betão leve
- 25. Betão armado
- 26. Filme de polietileno
- 27. Membrana betuminosa
- 28. Regularização
- 29. Caixa de brita
- 30. Cubo de granito
- 31. Caixa de areia
- 32. Pavimento permeável



Corte Construtivo CC'

Escala 1:20

Cobertura

Uma vez que a proposta de intervenção diminui o perímetro da área a cobrir com telha, a estrutura da cobertura sofre obrigatoriamente alterações na sua configuração geral. Optando-se por respeitar os princípios de construção do telhado – em madeira – para não sobrecarregar a estrutura da casa e recorrendo ao sistema de asna, define-se uma nova composição, um novo desenho para os elementos estruturais. Tirando partido da altura da cobertura, esta nova estrutura permite na sala de estar / biblioteca e sala de jogos elevar os tetos de masseira.

Relativamente à melhoria do controlo ambiental das coberturas em telhado, esta é hoje possível segundo quatro grandes opções que se dividem em dois grupos: isolamento térmico aplicado ao longo das vertentes, em posição superior – sobre as madres – ou em posição inferior – sob as varas; isolamento térmico aplicado na esteira do teto, em posição inferior ou em posição superior – se o desvão não for habitável.²⁵ Devido aos tetos masseira opta-se pela primeira solução.

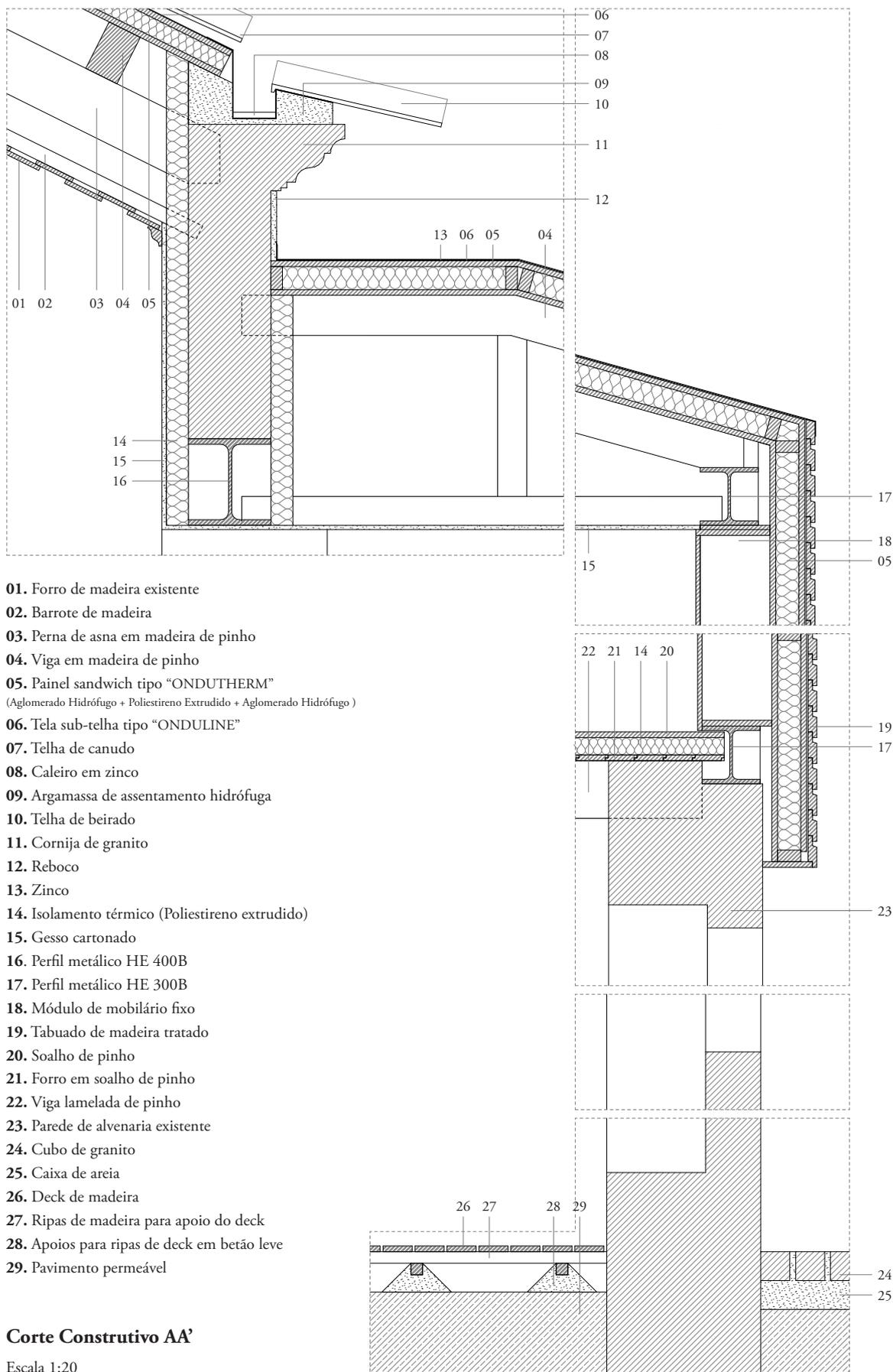
Assim, a execução da cobertura é feita do interior para o exterior da seguinte forma: nos planos das águas aplica-se o teto masseira apoiado nas madres, sobre as quais se coloca um painel de sandwich tipo “ONDUTHERM”, seguindo-se uma subtelha tipo “ONDULINE” e o ripado de suporte da telha. Recorre-se a uma telha idêntica ao modelo tradicional - telha cerâmica em canudo -, permitindo o desenvolvimento de um beirado.

Nas restantes coberturas – do alpendre e da área de receção e administrativa – o processo das várias camadas da cobertura repete-se à exceção da telha, esta é substituída pelo zinco, permitindo uma maior coerência do conjunto.

Piso Principal

Este piso sofreu várias intervenções a nível estrutural e ambiental, destacando-se a intervenção já abordada anteriormente da dupla caixilharia. O outro grande desafio foi a colocação do isolamento térmico pelo lado interior da parede, visto que neste piso existem várias peças de carpintaria que se pretende manter por serem importantes e caracterizadoras da conceção do edifício. Deste modo, opta-se pela colocação de uma contra-fachada de gesso cartonado, sendo executada da seguinte

25. AA.VV.; *Guia técnico de reabilitação habitacional*. Lisboa : LNEC; I.N.H. 2006 Página 440



forma: colagem de placas de isolamento térmico contra o paramento interior da parede, seguindo-se a fixação à parede exterior de uma estrutura de apoio para a fixação das placas de gesso cartonado. Para a execução desta intervenção será necessário retirar os vários rodapés e alizares, para depois voltar a fixá-los contra as placas de gesso.

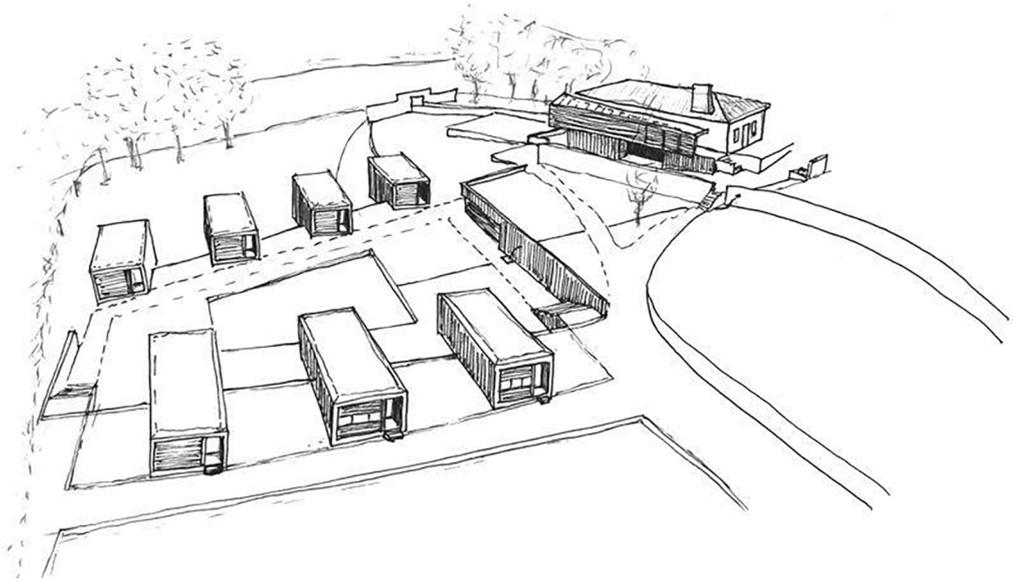
Propõe-se refazer a parede que separa o alpendre das outras divisões em alvenaria, dando continuidade à parede existente no piso inferior e garantindo assim a continuidade dos materiais. Quando a parede interrompe para a abertura de um vão, as pedras por cima deste são suportadas por um perfil metálico.

A estrutura que suporta o soalho encontra-se bastante degradada em várias zonas, o que nos leva a propor a sua remoção e a introdução de uma nova. À imagem do telhado, para não sobrecarregar a estrutura da casa, opta-se por uma estrutura de madeira, na qual as vigas ficam à vista no piso inferior, capaz de receber isolamento térmico e acústico. No que diz respeito à execução dos pavimentos, poder-se-á reutilizar parte do soalho atual, se devidamente tratado.

Piso Térreo

Embora os vários compartimentos propostos correspondam às divisões existentes, foi neste piso onde se sente a maior necessidade de preparar o edifício para receber um programa diferente do original, essencialmente com outras necessidades de conforto. O facto de transformar as divisões destinadas a funções agrícolas numa habitação, implica garantir condições de conforto, forçosamente mais exigentes do que as existentes. Obriga a reformular as superfícies – pavimentos, teto e paredes – e a introduzir pontualmente dispositivos que façam o conjunto funcionar: armários nos quartos, na sala e mobiliário na cozinha, etc. Também a caixilharia, já abordada anteriormente, foi desenhada de forma a permitir um melhor aproveitamento da luz solar, mas também possibilitando o encerramento total da luz em todos os vãos.

A reformulação do pavimento também é inevitável, quer a nível de exigências térmicas, quer a nível do material de acabamento – este encontra-se em terra em alguns compartimentos e em cimento nos restantes. Neste sentido, prevê-se a aplicação de soalho nos quartos e de autonivelante nos restantes compartimentos. Nas paredes da fachada também se opta pela colocação de uma contra-fachada constituída por placas de isolamento térmico, tijolo e reboco.



Cada nova obra intervém numa certa situação histórica. Para a qualidade desta intervenção é crucial que se consiga equipar o novo com características que entrem numa relação de tensão significativa com o existente. Para o novo poder encontrar o seu lugar, precisa primeiro de nos estimular para ver o existente de uma nova maneira. Laça-se uma pedra na água. A areia agita-se e volta a assentar. O distúrbio foi necessário. A pedra encontrou o seu lugar. Mas o lago não é o mesmo.²⁶

26. ZUMTHOR, Peter; *Pensar a arquitectura*. Barcelona. Gustavo Gili. 2005. Página 17

BIBLIOGRAFIA

Geral:

AA.VV.; *Actas: casa nobre: um património para o futuro /1º Congresso internacional*. Arcos de Valdevez: C.M., 2007.

AA.VV.; *Actas: casa nobre: um património para o futuro /3º Congresso internacional*. Arcos de Valdevez: C.M., 2013

AA.VV.; *Arquitectura Popular em Portugal*. 3ª ed. Lisboa, Associação do Arquitectos Portugueses, 1988.

AA.VV.; *Fernando Távora*. coord. Ana Dominguez Laiño...[et al.]. Corunha: COAG, 2002.

AA.VV.; *Figuras Limianas*. Ponte de Lima, Município de Ponte de Lima, 2008.

AA.VV.; *Guia técnico de reabilitação habitacional*. Lisboa : LNEC; I.N.H. 2006

AA.VV.; *Ponte de Lima, uma Vila Histórica do Minho*. Município de Ponte de Lima, Dezembro 2007.

AA.VV.; *Renovación, Restauración y Recuperación Arquitectónica y Urbana en Portugal*. ed. Javier Gallego Roca. Universidad de Granada. 2003.

AGUIAR, José; *Cor e cidade histórica: estudos cromáticos e conservação do património*. 1ª ed. Porto, Faup Publicações, 2002.

AURORA, Conde D'; *Monografia do concelho de Ponte de Lima*, Porto: Litografia Nacional, 1946.w

AURORA, Conde D'; *Roteiro da Ribeira, Lima*. 4ª ed. Ponte de Lima. LIMICI, 1996.

CHOAY, Françoise; *Património e mundialização*. trad. Paula Seixas. S.I., Licorne, 2005

CIANCHETTA, Alessandra, MOLTENI, Enrico; *Álvaro Siza: Casas 1954-2004*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SA, 2004.

DIAS, Jorge, OLIVEIRA, Ernesto Veiga de, GALHANO, Fernando; *Espigueiros portugueses: sistemas primitivos de secagem e armazenamento de produtos agrícolas*. 1ª ed. Dom Quixote: Lisboa, 1994

GOMES, José, SILVA, Vitor, LOPES, Nuno Valentim; *José Gigante: habitar*. Casal de Cambra: Caleidoscópio. 2008.

NEVES, José Manuel das; *Cidades Contemporâneas - Ponte de Lima - José Guedes Cruz*. Caleidoscópio, Fevereiro 2004.

OTXOTORENA, Juan Miguel; *Nuno Brandao*. Pamplona: T6 ediciones. 2010.

SIZA, Álvaro; *Álvaro Siza: uma questão de medida*. Casal de Cambra, Caleidoscópio. Março de 2009.

- SIZA, Álvaro; *Imaginar a Evidência*. Lisboa, Edições 70. 2000.
- SIZA, Álvaro. *Textos 01*. Porto Civilização Editora, 2009.
- TRIGUEIROS, Luiz; *Álvaro Siza 1954-1976*. Lisboa: Blau. 1997.
- TRIGUEIROS, Luiz; *Eduardo Souto de Moura*. Lisboa: Blau. 1994.
- TRIGUEIROS, Luiz; *Fernando Távora*. BLAU, Lisboa. 1993.
- VIEIRA, Amândio de Sousa; *Ponte de Lima : outros tempos, 1858-1949*. 1ª ed. Ponte de Lima; Foto Lethes. 1994.
- ZUMTHOR, Peter; *Pensar a arquitectura*. Barcelona. Gustavo Gili. 2005.

Artigos, Entrevistas e Publicações Periódicas:

- Arquitectura e Arte nº45 *Memórias Difusas*. Lisboa: Futur Magazine. Maio 2007. Página 11.
- Arquitectura e Arte nº 82 / 83 *Ações Patrimoniais*. Lisboa: Futur Magazine. Julho / Agosto 2010.
- Arquitectura Ibérica #19, *Reabilitação*. Casal de Cambra: Caleidoscópio. Março 2007.
- Arquitectura Ibérica #25, *João Álvaro Rocha 2001-2007*. Caleidoscópio, Abril 2008.
- El Croquis nº140 – *Álvaro Siza 2001-2008*. Madrid, El Croquis Editorial. 2008. Página 18.
- Jornal dos Arquitectos nº136/137 – *Reabilitação. Conservação*. Lisboa: AA. Jun/Jul, 1994.
- Jornal dos Arquitectos 213 - *À la Recherche du Temps Perdu*. Nov./Dez. 2003.
- TC cuadernos serie dédalo, Tribuna de la Construcción nº90; *Nuno Brandão Costa Arquitectura 1998-2009*. Espanha: Ediciones Generales de la Construcción, 2009.

Teses e Dissertações de Mestrado:

- AGUIAR, João Luís Costa Abreu; *Casa na Rua Formosa*. Porto: FAUP 2012.
- COSTA, Natália; *A Reabilitação do Antigo como Obra Nova: A partir da Arquitectura de Fernando Távora, em Guimarães*. Porto: FAUP. 2006.
- FREITAS, Ricardo Mendes de; *Identidade, tempo, memória: reflexão sobre processos de reabilitação em edificação de valor patrimonial*. Porto: FAUP 2012.
- LOPES, Nuno Valentim; *Reabilitação de caixilharias de madeira em edifícios do séc. XIX e inícios*

do séc. XX: do restauro à selecção exegencial de uma nova caixilharia: o estudo do caso da habitação corrente portuense. Dissertação de mestrado em reabilitação do património edificado. Porto: FEUP, 2006.

PAIVA, M^a Amélia da Silva; *As Portadas na Arquitectura Civil do Concelho de Ponte de Lima: Estruturas, Funções e Significados.* Porto, FLUP, Dep. de Ciências e Técnicas do Património, Dissertação de Mestrado em História da Arte em Portugal, 2004.

PIMENTEL, Maria Inês; *Reabilitação | A intervenção como transformação formal.* Porto: FAUP. 2010/2011.

TRAVANCA, Margarida; *A memória e a transformação: a quinta do bom gosto.* Porto: FAUP. 2010/2011.

VITA, Francesca; *João Mendes Ribeiro: um caminho para refletir sobre a condição hodierna da pratica da Arquitetura e do Design de interiores.* Porto: ESAD:2012. Tese de Mestrado.

Internet:

DIÁRIO DA REPÚBLICA, Anúncio nº13474/2012. 2^asérie Nº 187, 26 de setembro de 2012. In <https://dre.pt/application/dir/pdf2sdip/2012/09/187000000/3239332394.pdf>

DIÁRIO DA REPÚBLICA, C.M. Ponte de Lima, Declaração nº 147/2008, 2^a série, Nº 75, 16 de Abril de 2008. Artigo 56º. In <https://dre.tretas.org/dre/1669747/>

DIÁRIO DA REPÚBLICA, Ministério da Economia, Decreto-Lei nº 15/2014 de 23 de janeiro, 1^a série, Nº 16, 23 de janeiro de 2014. Capítulo II, Secção I, Artigo2º. In <https://dre.pt/application/dir/pdf1sdip/2014/01/01600/0048000505.pdf>

Mesturas, Encontros Internacionais de Arquitectura Galicia-Portugal. In <https://www.youtube.com/watch?v=VNcqiXCRYy4>

ÍNDICE E CRÉDITO DE IMAGEM

I. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DA CASA DA BALDRUFA

001. Vista geral da Vila de Ponte de Lima e seus arredores em 1780, desenho de Justininho. In REIS, António Matos; *Ponte de Lima no tempo e no espaço*. Ponte de Lima: C.M., 2000. Página 88. / **002.** Fotografia mais antiga que se conhece de Ponte de Lima -1858, documentando a demolição da Torre dos Grilos, à entrada da Vila. In VIEIRA, Amândio de Sousa; *Ponte de Lima: outros tempos, 1858-1949*. 1ª ed. Ponte de Lima: Foto Lethes, 1994. Página 19. / **003 e 004.** Vista da zona antiga da vila de Ponte de Lima e do Vale do Lima. In https://www.youtube.com/watch?v=VJBX_tu2LcU. / **005 e 006.** Vistas do Paços de Calheiros. In <http://us.venerer.com/ho3339905/portugal/ponte-de-lima/paco-de-calheiros/> / **007 e 008.** Vistas da Casa de Pormachão. In <http://www.visitpontedelima.pt/pt/turismo/casa-de-pomarchao/> / **009.** Vista do Solar de Bertíandos. In <https://www.flickr.com/photos/municipiopontedelima/5761368480/> / **010.** Pormenor da fachada do Solar de Bertíandos. In <https://www.flickr.com/photos/vitor107/3589684833/> / **011.** Esquema realizado pelo autor a partir de imagem satélite. In <http://maps.google.pt> / **012 e 013.** Fotografias realizadas pelo autor. / **014.** Esquema realizado pelo autor a partir de ortofomapa, gentilmente cedida pela C.M. de Ponte de Lima. **015 a 022.** Fotografias realizadas pelo autor. / **023 / 025 / 027 / 029.** Fotografias antigas da casa, na altura em que era habitada. In <http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/71405/> / **024 / 026 / 028 / 030 / 031 / 032** Fotografias realizadas pelo autor. / **033 e 034.** Fotografias da maquete do levantamento do terreno. / **035 a 061** Fotografias realizadas pelo autor. /

II. INTERVIR NO PATRIMÓNIO ARQUITETÓNICO

062. Convento de Santa Maria Guimarães. In http://guiasdearquitectura.com/pt/producos/packs-braga-district/_242/ / **063 a 068.** Fotografias da Casa de Férias em Briteiros, Guimarães. In TRIGUEIROS, Luiz; *Fernando Távora*. BLAU, Lisboa. 1993. Página 160 a 165. / **069.** Quinta de Santo Ovídio, Alameda, Lousada. In <http://ultimasreportagens.com/siza.php> / **070 e 071.** Imagem do novo volume da Casa Alcino Cardoso em relação com as preexistências. In AA.VV.; *Álvaro Siza : obras y proyectos, 1954-1992*. ed. José Paulo dos Santos. Barcelona : Gustavo Gili, 1993. / **072.** Planta da primeira intervenção na Casa Alcino Cardoso. In CIANCHETTA, Alessandra; *Álvaro Siza: casas 1954-2004*. Gustavo Gili, Barcelona, 2004. Página 73. / **073.** Imagem do novo volume da Casa Alcino Cardoso em relação com as preexistências. In FRAMPTON, Kenneth; *Álvaro Siza : tutte le opere*. Milano: Electa, 1999. Página 131. / **074.** Imagem do novo volume da Casa Alcino Cardoso em relação com as preexistências. In AA.VV.; *Álvaro Siza : obras y proyectos, 1954-1992*. ed. José Paulo dos Santos. Barcelona : Gustavo Gili, 1993. / **075.** Piscina projetada por Siza Vieira na Casa Alcino Cardoso. In FRAMPTON, Kenneth; *Álvaro Siza : tutte le opere*. Milano: Electa, 1999. Página 132. / **076.** Quinta de Bouços em Valença do Minho. In <http://www.brandaocosta.com/projetos/boucos/?d=projeto-21> / **077.** Casa Rural em Areias de Vilar, Barcelos. In <http://www.brandaocosta.com/projetos/areias-de-vilar/?d=projeto-15> / **078 a 083.** Fotografias da Casa Unifamiliar em Arga de Cima. In <http://www.brandaocosta.com/projetos/arga/?d=projeto-19>.

III. INTERVENÇÃO

084. Espigueiro “tipo” de Ponte de Lima. In <http://portugaleoutroslugares.blogspot.pt/2014/10/espigueiro-s-pedro-de-arcos-ponte-de.html> / **085.** Plano de Urbanização de Ponte de Lima. In <http://sig.cm-pontedelima.pt/WebSIG/sig/> / **086.** Fotografia da maquete realizada pelo autor / **087 a 088.** Fotografias realizadas pelo autor / **089.** Fotografia aérea do agrupamento dos espigueiros do Soajo. In <http://maps.google.pt> / **090 a 094.** Processo realizado pelo autor / **095.** Reconversão de um Palheiro em Cortegaça. In http://www.archdaily.com.br/br/01-49428/reconversao-de-palheiro-em-cortegaça-joao-mendes-ribeiro/18_palheirofgsg / **096.** Casa em Vallemaggia. In <http://bricola.ch/progetti/dettaglio/7.html> / **097 a 101.** Processo realizado pelo autor / **102 e 104.** Fotografias realizadas pelo autor / **105 e 106.** Processo realizado pelo autor / **107 a 109.** Fotografias realizadas pelo autor / **110.** Piscina pública em Richen, Suíça. In <http://www.metalocus.es/es/noticias/naturbad-riehen-una-piscina-natural-por-herzog-de-meuron> / **111.** Piscina Casa do Gerês. In <http://www.carvalhoaraujo.com/pt/pro/casageres/> / **112.** Processo realizado pelo autor / **113.** Complexo de Educação Ambiental da Maia. In TC cuadernos série dédalo, Tribuna de la Construcción nº114-115; João Álvaro Rocha Arquitectura 2002-2014. Espanha: General de Ediciones de Arquitectura. Septiembre 2014. Página 143 / **114.** Processo realizado pelo autor / **115.** Casa Horizonte. In <https://es.pinterest.com/pin/329114685246368338/> / **116.** Casa No Gerês. In <http://www.archdaily.com/1063/>

house-in-geres-graca-correia-y-roberto-ragazzi/500ec2cf28ba0d0cc70002fd-house-in-geres-graca-correia-y-roberto-ragazzi-image/ / **117 e 118.** Processo realizado pelo autor / **119.** O Moinho do atelier WT Architecture. In <http://www.wtarchitecture.com/the-mill> / **120 a 122.** Processo realizado pelo autor / **123 e 124.** Fotografias realizadas pelo autor / **125 a 127.** Processo realizado pelo autor / **128 e 129.** Fotografia da maquete realizada pelo autor / **130 a 131.** Processo realizado pelo autor / **132.** Casa do Ribeiro na Freguesia de Escudeiros, Braga. In *Arquitectura Popular em Portugal*. 3ª ed. Lisboa Associação dos Arquitectos Portugueses. 1980. Página 54 e 55 / **133.** Fotografia realizadas pelo autor / **134 a 137.** Processo realizado pelo autor / **138 e 139.** Fotografia da maquete realizada pelo autor / **139.** Pormenor Tipo da Esquadria E7 - Zona Sinistra do Chiado. In *Chiado em detalhe*, Álvaro Siza: pormenorização técnica do plano de recuperação. Lisboa: CML. 2013. Página 96 / **140.** Fotografia Esquadria do Chiado. In *Chiado em detalhe*, Álvaro Siza: pormenorização técnica do plano de recuperação. Lisboa: CML. 2013. Página 223 / **141.** Pormenor de porta com portada - Quinta de Bouços. In *TC cuadernos serie dédalo*, *Tribuna de la Construcción* nº90; Nuno Brandão Costa *Arquitectura* 1998-2009. Espanha: Ediciones Generales de la Construcción, 2009. Página 162 e 163 / **142.** Quinta de Bouços, piso inferior. In <http://www.brandaocosta.com/projetos/boucos/?d=projeto-21>

